HISTORIA

DE

GABRIEL MALAGRIDA

DA

COMPANHIA DE JESUS

Apostolo do Brazil no seculo XVIII estrangulado e queimado no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761

AUCTOR

PADRE PAULO MURY

DA MESMA COMPANHIA

TRASLADADO A PORTUGUEZ E PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Quanta malignatus est inimicus in sancto?

(PS. LXXIII.)

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª

68—Praça do D. Pedro—68

1875

HISTORIA DE GABRIEL MALAGRIDA

HISTORIA

DE

GABRIEL MALAGRIDA

DA

COMPANHIA DE JESUS

Apostolo do Brazil no seculo XVIII estrangulado e queimado no Largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761

AUCTOR

PADRE PAULO MURY

DA MESMA COMPANHIA

TRASLADADO A PORTUGUEZ E PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Quanta malignatus est inimicus in sancto!
(PS. LXXIII.)

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68—PRAÇA DE D. PEDRO—68
1875

Pertence a propriedade d'esta obra a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

Typ. Editora—Praça de D. Pedro 67

A Historia de Gabriel Malagrida, que trasladamos a vernaculo, foi publicada ha dez annos em Paris. É um livro sem ambições de laureis litterarios, descultivado de flores de estylo. Narra simplesmente, sem ataviar as descripções, dignas aliás de penna mais acurada, e estudos mais largos dos paizes que Malagrida alumiou com a luz da sciencia abrilhantada por virtudes e alta piedade.

O padre Paulo Mury, da Companhia de Jesus, manuseou os impressos e ineditos que relembravam o martyrio do apostolo do Brazil. Urdiu com elles a sua historia, tecida com exemplar sinceridade, seguindo o jesuita desde o berço até á fogueira da Inquisição. Accusa moderadamente a iniquidade de Sebastião José de Carvalho: compadece-se da sua memoria, como os jesuitas, em 1829, se compadeceram dos seus os-

sos ainda então insepultos na egreja dos franciscanos da villa de Pombal.

Não nos deteremos em particularidades da vida operosissima de Malagrida. Nenhuma das mais e menos essenciaes descurou o biographo. Pareceu-nos, porém, vir de molde n'este prefacio a reimpressão de um rarissimo opusculo da innocente victima do marquez de Pombal. Duas vezes, em sua obra, allude o padre Mury ao folheto que Malagrida publicou na occasião do terremoto de 1755. Este folheto motivou o desterro de Malagrida para Setubal, fez parte no processo da sua condemnação, e enfureceu por tanta maneira o rancor do ministro omnipotente, que todos os exemplares apprehendidos e voluntariamente entregues foram queimados pelo algoz, na Praça do Commercio, em 8 de maio de 1771, por edital da Meza Censoria de 30 de abril, dez annos depois do supplicio do seu auctor!

Entre os signatarios do edital, e membros da Meza Censoria avultam nomes de qualificadores do santo officio que em 1756 tinham approvado e encarecido a utilidade e publicação do opusculo! Taes prodigios de infamia exercitava o terror n'aquellas consciencias abatidas e acalcanhadas pelo pé de Sebastião de Carvalho!

É digna de nota a *Censura* que o desembargador Amaro Duarte Silva estampou no livrinho, intitulado:—*Juizo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no pri-*

meiro de novembro de 1755, *pelo padre Gabriel Malagrida da Companhia de Jesus, Missionario Apostolico. Lisboa,* 1756.

Copiemol-a integralmente: «Li com grande «gosto este papel que vejo ser invenção e com-«posição do padre Gabriel Malagrida, da Com-«panhia de Jesus, varão bem conhecido pelos «seus apostolicos empregos, e do numero d'aquel-«les de que é fecundissimo o seu esclarecido in-«stituto. Nada contém que dissone ainda dos mais «pios dictames da Religião; antes, além da pro-«priedade das Escripturas e solidez de doutrinas, «de que está ornado, reluz n'elle tanto a cham-«ma superior que incende ao auctor, que bem «mostra ser forjado n'aquella fragua onde reside «um espirito que entre outros affectos e effeitos «de sua larguissima contemplação, pôde levantar «os olhos no 1.º de novembro passado quando, «em cada ruina, que despedia o zimborio do seu «collegio para o cruzeiro em que estava ajoelha-«do, via eminentes outras tantas mortes e tantas «mais fatalidades, pôde, digo, levantar os olhos ao «ceo, e dizer para elle com egual desafogo que «resignação: *Paratum cor meum Deum, paratum «cor meum:* tal é a disposição com que acodem «os bons servos, se entendem que lhes pulsa o «Senhor; mas só quem vive assim sabe formar «um juizo tão proprio das obras de Deus, e por «isso me persuado que deixarão só de o reputar «como tal aquelles que ou não gastam qualquer

«instante em medital-as, ou com o pretexto do «acaso querem authorisar a liberdade em que os «precipita a sua obstinação. Este é o meu pare-«cer... Lisboa, 22 de julho de 1756. *Amaro «Duarte Silva.*»

O padre Manuel Monteiro, da Congregação do Oratorio, por parte do *Paço,* censurava o opusculo do seguinte theor; «O papel que V. Mages-«tade me manda ver, parece-me dignissimo de «se estampar, e nem a materia que n'elle se tra-«ta, nem a fórma com que o padre Gabriel Mala-«grida, seu auctor, discorre, e a authoriza, con-«tém cousa alguma contra as regalias do reino, «antes poderá conduzir muito para a pontual ob-«servancia da Lei Divina e das de V. Magestade. «Assim o julgo, sálvo o melhor juizo. V. Mages-«tade ordenará o que fôr serviço. Lisboa, e Con-«gregação do Oratorio no Real Hospicio de N. «Senhora das Necessidades, em 2 de agosto de «1756. *Manoel Monteiro.*»

É, pois, evidente que o opusculo de Malagrida não foi obra clandestina e insidiosa como inculcam alguns historiadores que peccam menos por apaixonados que por superficialissimos.

É tempo de fazermos conhecido o documento que expulsou da côrte o austero jesuita, accusado de fazer intervir a Providencia divina nas calamidades que affligem o genero humano. Sebastião de Carvalho, coração empedrado pelo atheismo do seu, ainda assim, mal comprehendido Vol-

taire, odiou n'aquelle lance do terramoto e do incendio, o clero que acudia á desgraça com os confortos da religião e balsamos da piedade. Era-lhe mais agraciado espectaculo ver as duzentas forcas funccionando á toa, que ouvir os clamores dos sacerdotes exhortando á commiseração os maus, e pacientando o exaspero dos bons.

Eis aqui o opusculo queimado pelo algoz:

Se o maior serviço que póde fazer um cidadão fiel á sua patria, é descobrir-lhe os inimigos mais perfidos, e perniciosos, que lhe maquinam ruinas, e tragedias as mais funestas e deploraveis á sua monarchia; a esta palma certamente me obriga anhelar com todo o empenho a compaixão, e dor inexplicavel que me afflige, de ver (por causa d'estes abominaveis contrarios) em decadencia uma côrte tão rica, tão bella, tão florescente, debaixo do suave e pacifico imperio de um rei pio e fidelissimo, que podia causar inveja ás mais opulentas côrtes de todo o mundo; e uma não mal fundada esperança de podermos descobrir remedio, e achar meio com que torne ao esplendor e felicidade primeira, todas as vezes que estes fataes oppostos da felicidade publica forem abatidos.

Sabe pois, oh Lisboa, que os unicos destruidores de tantas casas e palacios, os assoladores de tantos templos e conventos, homicidas de tantos seus habitadores, os incendios devoradores de tantos thesouros, os que as trazem ainda tão inquieta, e fóra da sua natural firmeza, não são cometas, não são estrellas, não são vapores ou exhalações, não são phenomenos, não são contingencias ou causas naturaes; mas são unicamente os nossos intoleraveis peccados. Esta demasiada carga foi para nós aquelle *Onus Ægypti*, que aponta o profeta Isaias no cap. 90, o qual assim como então fez de um reino, o mais opulento do mundo, um assombro de miserias, assim no presente, fez de uma côrte, rainha das da Europa, o horroroso cadaver, que contemplamos: *Iniquitates nostræ supergressæ sunt caput nostrum, et sicut onus grave gravatæ sunt super nos.*

Quis erit, oh consternada côrte *ille ferreus*, *qui non moveatur*, á vista de tão horrenda desolação? *Campus ubi Troya fuit:* oh utinam, que fossem ao menos campos! Que seria

menos difficultoso escogitar algum modo de restauração! Porém eu não vejo mais que a montes inconsolaveis ruinas, á vista das quaes, não podia deixar de lançar rios de lagrimas um Jeremias, e fazer como proprias d'este lastimoso estrago as lamentações, que já fez sobre a sua amada Jerusalem: *Quomodo sedet sola civitas plena populo: facta est quasi vidua domina gentium.* Todos os seus moradores a desampararam, submergindo-se no seu pranto: *Plorans ploravit in nocte, et non est, qui consoletur eam ex omnibus charis ejus;* porque a dor e o estrago immenso. não admitte consolação: *Viæ Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem,* e como hão de acudir passageiros ás festas e solemnidades, se não ha nem ruas, nem casas, nem templos, nem altares, nem SACRAMENTOS? *Omnes portæ ejus destructæ, sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalidæ:* quebradas as suas clausuras sahem dos seus conventos as esposas do Senhor, fazendo de uma cidade tão pia e tão catholica uma Babylonia de inconsolavel confusão; *et ipsa oppressa amaritudine.* E d'onde procederam tantas ruinas? *Propter multitudinem iniquitatum ejus.* Não faltaram tambem á infeliz Jerusalem os arrancos de terremotos estrondosissimos, confederados com outros males, não menos formidaveis, porém tudo foi effeito, unicamente dos seus grandes peccados: *Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est. Facti sunt hostes ejus in capite, inimici ejus locuplectati sunt.* Com tão grande colheita de almas peccadoras, que levarão para o inferno, e tudo isto unicamente pelo excesso dos seus peccados: *Quia dominus locutus est luper eam propter multitudinem iniquitatum ejus.*

Para maior confirmação de verdade tão indubitavel, seja-me licito trasladar um rasgo de um nobilissimo orador sagrado da Companhia de JESUS, usado opportunamente em occasião de uma gravissima calamidade, com que o braço divino ameaçava, não sei que cidade dè Italia, sua patria. P. Anten Bordon: «Qual ora oppresse da calamità gemonore «provincie e le citta non occorre no dar ne al cielo la colpa «con attribuirne a maligne costellazioni le origine. Chi far co «de comuni di sastri un Marte, o un Jiove, o un Saturno, o «un qualche altero pianeta malevolo, credere miuditori, in«ganna festesso e inganna voï. La vera regola per acertar «la cagione deveri mali, che inondano non dalli astrologi si «deve prendere madalibri sagoi. Leggeteli pertanto evi scar«gerete che la fonte amara da cui tutte scaturiscono le mizerie «de populi ella e il peccato: *Miseros facit populos peccatum.* «Prov. Quest. e il principio che stabiliscono generalissimo;

«e poi se endendo a lezioni particulari, li fan sapere, che se «vadetti abatimento de monarchie, desolazioni de regni scon- «volgimento de governi tutto les concerto vien dal peccato: «*Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, «et inimicitias, et contumelias, et diversos dolos.* Eccl. 2. Vi «fan sapere che se vedette inviolarse de obstinate arfure efieni «al practo, le mizzi al campo le Vindemie a la Vinha, ciô, que «vi rende di bronzo el cielo, si che non isciol gosi in una stilla «di pioggia si hê il peccato: *Propter peccata vestra dabo vo- «bis cœlum, sicut ferrum, et terram aneam.* Vi fan sapére que «sce de tremuoti scoropaginata la terra seppelice in profundi «voragini citta e cittadini ricebe del peccato la scoça. Isai. «24. *Confractione confringetur terra, contritione conteretur, «terra, et gravavit te iniquitas sua, et corruet.* Vi fan sapére «que se contagi, mortalitâ, pestilence...»

Nem digam os que politicamente affirmam, que procedem de causas naturaes, que este orador sagrado abrazado no zelo do amor divino faz só uma invectiva contra o peccado, como origem de todas as calamidades que padecem os homens, e que se não deve comprovar com esses espiritos ardentes, que só pretendem atterrar os mesmos homens, e augmentar a sua afflicção com ameaços da ira divina desembainhada; porque é certo, se me não fosse censurado dizer o que sinto d'estes politicos, chamar-lhes atheus; porque esta verdade conheceram ainda os mesmos gentios, *l. Fluminum 24. §. hoc stipulatio, et §. servius. ff. de damn. insect. l. propter incendium 4. ff. de pollicitat. l. ex conducto 15. §. si vis tempestatis. l. si merces 25. §. vis maior. l. Martius 59. ff. locati,* nas quaes ensinam, que não tem outra causa os terremotos, mais que a indignação divina, e por esta razão lhe chamam *Vim Divinam.*

Mas para que são necessarias repetições mais diffusas de authoridades e miserias? Todo o engraçado da mais florida e peregrina eloquencia não dá tanta força á verdade, como lhe dá a ingenua e humilde confissão do Santo Tobias, o qual governado do Espirito Santo (que não pòde errar) assim ensinava aos seus irmãos e patricios opprimidos com tão duro captiveiro em Babylonia, a reconhecer a unica origem de tão funestos desastres: *Quoniam non obedivimus præceptis tuis; ideo traditi sumus in direptionem, et captivitatem, et mortem, et in fabulam, et in improperium omnibus nationibus; quoniam non obedivimus, quoniam non obedivimus.*

Ora se o Espirito Santo, que por ser veracidade infinita, nem póde ser enganado, *omnium Prophetarum literis, atque linguis,* confessa que tão grandes castigos e flagellos são

todos effeitos das nossas culpas, não sei como se possa atrever um sujeito catholico a attribuir unicamente a causas e contingencias naturaes, a presente calamidade d'este tão tragico terremoto? Não sabem estes catholicos, que este mundo não é uma casa sem dono? Não sabem que ha providencia em Deus? Que ha Deus no ceo, que está vigiando continuamente sobre as nossas operações, e que: *Si in timore Domini non tenuerimus nos instanter, citò subvertetur domus nostra;* como nos declara o mesmo Senhor no *Ecclesiastico cap. 27?* Finalmente, ha cousa mais clara e manifesta nas Escripturas, que aquella terrivel medida, com que a magestade divina mede os peccados das cidades e dos reinos? *Super tribus sceleribus Damasci convertam eam, et super quatuor non convertam eam; super tribus sceleribus Gazæ convertam eam, et super quatuor non convertam eam: super tribus sceleribus Tyri convertam eam, et super quatuor non convertam eam:* Amos. E se ainda as cidades mais barbaras e pagãs tinham uma certa e determinada medida, concluida a qual, os anjos destruidores descarregavam os golpes da ira de Deus sobre ellas; que será das cidades catholicas, cujos peccados, como acompanhados de maior conhecimento e desprezo do mesmo Senhor, se fazem infallivelmente dignos de maior castigo?

E quando as Escripturas fallassem com tanta clareza: póde ser mais evidente o juizo, e sentir da Igreja n'esta materia? Em tres orações, que manda aos seus ministros ajuntar n'estes tremores: *Deus, qui respicis terram, et facis eam tremere, etc.*, não confessa mais de seis vezes, que é Deus, e não causa natural, quem sahe ao campo com estas armas, ou para exterminar os peccados, ou para exterminar os peccadores? De maneira, que tão Soberano Senhor sempre *Exiit vincens, ut vincat,* ou acabando o peccado no peccador, que abalado e atemorisado com tão horrendo flagello, busca com uma solida penitencia o asylo da misericordia; ou acabando o peccador no peccado: largando os obstinados ao furor executivo da sua justiça. O que se colhe d'este discurso é, que quando ainda similhantes vozes não se oppuzessem tão manifestamente ás Escripturas, sempre seriam temerarias, mal soantes e escandalosas; porque direitamente oppostas ao sentir da Igreja, que é sem duvida, a que se deve ouvir e seguir, como mestra indubitavel, e como a que *Noscit sensum sponsi,* e póde unicamente acertar na intelligencia dos seus fins.

É tambem escandalosa, e perniciosa esta doutrina; porque nos diverte da resolução e designios de uma verdadeira

penitencia, e de darmos com ella a satisfação devida á indignação tão manifesta de Deus; e como esta penitencia e emenda da vida, é o unico escudo, que nos póde defender de tantos estragos, e calamidades, ainda mais rigorosas, que nos ameaçam, vejam os que se persuadem do contrario o perigo, e que nos metem: Não cuido que será indecente de materia tão severa explicar-me com uma comparação e fantasia poetica, que talvez é a mais nobre de quantas nasceram na cabeça do principe dos poetas, *Virgilio*: examinando pois este prodigioso engenho, e fazendo anatomia dos raios com que Jupiter irado mostrava o seu furor contra a terra; assenta, que os cyclopes na sua fabrica ajuntavam uma certa e terrivel mistura, que era o tortuoso dos nimbos, o chuvoso das nuvens, o impetuoso dos ventos, e a força mais activa e abrasadora do fogo; porém o unir e confederar contra a ruina da terra elementos tão óppostos, e impacientes de união, só o podia idear a ficção de um entendimento poetico, e não executar o trabalho, e magisterio do fabuloso Vulcano na sua caverna; valha porém a verdade: que muito mais bella, admiravel, e não fingida mistura descobriu Ruperto Abbade, *(Genes., l. 3)* nos raios e castigos da omnipotencia, odio, e amor, justiça, e misericordia: *Attemperans iræ furorem, misericordiæ societatem.* E esta é a verdadeira intelligencia e mysterio; porque, diz o Santo, a espada de fogo embraçada pelo Seraphim Custodio do Paraizo, era de fogo sim, e de fogo mui violento; mas era tambem *Versatilis; I alis enim est*, (são palavras do Santo) *ut possit versari*: com as lagrimas, com o abatimento da nossa soberba, com uma verdadeira penitencia, se póde virar; e com ser ferro, fogo, e espada destinada ao exterminio dos peccadores, póde com o beneficio da penitencia, trocar-se em chave para abrir, aos que *Humiliant animas suas*, os thesouros da misericordia; porém como ha de entrar n'estes cuidados e empenho, o povo mais duro, e rude nos seus vicios, e ouvirem os que dizem, asseguram, que estas calamidades são puros effeitos das causas naturaes, e não vinganças de um Deos indignado, e ferido no mais vivo da sua honra, pela obstinada perfidia dos peccadores? Parece-me, que o mesmo demonio não podia excogitar doutrina mais conducente á nossa irreparavel ruina, do que ensinar esta naturalidade tão innatural, assignando serem pelos symptomas das causas segundas, e naturaes, estes flagellos, que experimentámos, ficando nós com estes systemas mais empedernidos nas injurias, e desprezos da causa primeira; perseverando nós como d'antes no nosso pratico atheismo.

Entra na cidade de Ninive o profeta Jonas, e passeando por toda aquella immensa Babylonia de confusão, como uma nuvem toda prenhe de raios assoladores, deu tão fortes arrancos, com aquelles seus horrorosos brados e trovões: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur;* que logo aquelle inferno de culpas, se trocou, com a mais rigorosa penitencia, em paraizo de virtudes; e mereceu escapar d'aquelle exterminio, a que estava irremediavelmente sentenciado. Ora eu não posso deixar de reparar n'este facto; *primò*, que por mais absolutos, e executivos, que pareçam similhantes decretos, e ameaços de Deos, sempre tem na penitencia o seu remedio; segundo, que aquelles homens eram a mais vil escoria do gentilismo, eram uns epicureos, uns homens totalmente bestiaes, sem nenhum conhecimento de Deos, nem do fim para que eram creados; que toda a bemaventurança de um homem era viver como irracional, unicamente submergido nos mais torpes prazeres corporaes; e comtudo é tão natural effeito d'estes flagellos, despertarem em nós o conhecimento de Deos: que ainda só ameaçados fazem, que um abysmo de vicios se transforme em prodigio de penitencia; e tu funestissima côrte, a quem a espada do furor divino entrou já tanto pela terra dentro, que ha mais de seis mezes, que continuamente te está ameaçando; em vez de buscar com toda a resolução e esforço, o remedio verdadeiro, toda te arrebatas em ouvir estes silvos tão venenosos da tragadora serpente: *Non faciet Deus malum hoc: non moriemini; non moriemini?* Tornou depois com effeito Ninive convertida a prevaricar nas suas culpas: e tornou Deos a mandar-lhe o seu ministro e profeta a ameaçar-lhe o castigo; mas porque quiz dar credito áquelles profetas infernaes, que lhe divertiam estes temores, e lhe asseguravam, que estes não eram effeitos de nenhuma causa, ou agente sobrenatural, capaz de se exasperar com os vicios, ou applacar com a penitencia, largando o primeiro accordo do arrependimento, experimentou tão rigoroso exterminio: que nem dos peccadores ficou um só vivente, nem de tantas, e tão magnificas fabricas, uma só pedra, para lembrar ao menos, com estes poucos fragmentos aos seculos futuros, que alli esteve a mais opulenta cidade de todo o mundo.

Nem faltaram tambem n'esta occasião as profecias, com que a benignidade de Deos nos avisou antecipadamente d'este castigo, para que o atalhassemos á similhança dos ninivitas com o arrependimento. Cinco vezes sei eu por noticia certa, a revelou a uma sua serva, que obrigada do mesmo Senhor, o communicou ao seu padre espiritual, para que,

callando o seu nome, o participasse, como fez a varias pessoas, para que com suas penitencias e orações, mitigassem a ira de um Deos indignado. Callo muitas outras, das quaes não póde haver duvida prudente, pela gravidade dos sujeitos que as testificam. Mais de seis mezes antes d'esta ruina, tive eu uma relação da preciosa morte, com que passou d'este mundo para os premios eternos, aquella veneravel serva de Deos, fallecida no dia da Annunciação do anno passado de 1755, no observantissimo convento da villa do Louriçal. Ora n'esta relação não consta claramente que o mesmo Senhor lhe revelou estava notavelmente indignado contra os peccados de todo o reino, e principalmente, oh Lisboa, contra os teus? E que fez o reino? E que fizeste tu, para atalhar o castigo tão claramente ameaçado? *Super capillos capitis nostri multiplicatæ sunt iniquitates nostræ: circumdederunt nos mala, quorum non est numerus;* fizemos como aquelles Origes apontados pelo profeta, tão destemidos e brutaes, que ao mesmo tempo que vem o mundo abaixo com estrondo de cães e caçadores, dirigidos á sua ruina, se vão muito alegremente, em vez de fugir, deitar a dormir profundamente nas redes armadas para apanhal-os: *Facti sunt, sicut Origes illaqueati dormientes in capite omnium platearum.*

Ora, supposta a verdade innegavel de tantos avisos, e profecias precedentes, haverá, não digo catholico, mas herege, turco, ou judeu, que possa dizer, que este tão grande açoite foi puro effeito das causas naturaes, e não fulminado especialmente por Deos pelos nossos peccados? Mas como poderá desembaraçar-se de um argumento tão forte, que não tem nem póde ter solução? Porque eu argumento assim; Deos revelou, que estava gravemente irado pelos peccados de todo o reino, e muito mais de Lisboa, e conseguintemente, que havia de fulminar um grande castigo; logo este açoute, não se póde attribuir a causas naturaes; mas unicamente á indignação de Deos, pela exorbitancia das nossas culpas. A primeira proposição em que se estriba toda a força, para mim é tão certa, como é certo, que o sol é sol, e que as estrellas são estrellas, e que na terra ha gente, e no mar agua; é evidente, que muito tempo antes do terremoto tive nas minhas mãos este manuscripto, que acaso achei em uma casa das principaes de Lisboa, e porque n'elle vi tão grande pezo e substancia, disse a seu dono, que não lh'o restituia mais; antes movido de um justo temor, e compaixão a esta pobre cidade, fiz varias diligencias, ainda que talvez não fiz todas as que devia, para satisfazer de alguma sorte a Deos, e ata-

lhar castigo tão tremendo; pois sabia, e era para mim tão certo, que só uma conversão verdadeira das nossas almas ao mesmo Senhor, podia atalhar tão horroroso estrago, como é certo que se viver bem me heide salvar! Oh como é certo, que se ao menos agora convencidos dos nossos mesmos desastres, e tomando o escarmento nas nossas cabeças (já que não quizemos tomal-o dos ditos exemplos alheios) tratarmos de nos humilhar, e converter verdadeiramente a Deos, atalharemos effectivamente os rigores da justiça divina, que nos ameaça.

Eu me atrevo a dizer, que, se desenganados já com tão grande experiencia da nossa inexplicavel insensibilidade, em fazermos tão pouco caso, e em desprezarmos tanto e mettermos debaixo dos pés um tão supremo poder, e senhor, que só com uma vista severa faz desmastriar e agonisar todo o mundo, buscarmos verdadeiramente contritos e emendados, as entranhas da sua piedade, poderá ser tão vivo, tão serio, e constante o nosso arrependimento, que façamos em certo modo arrepender a este Senhor, de nos ter com tanto rigor quasi anniquilados, ao menos despertaremos no amargoso mar da sua ira correntes dulcissimas de compaixão e misericordia, que restituam e brevemente, ao triste e funesto cadaver das tuas ruinas, todo o resplendor e antiga opulencia. Não o fez assim tantas vezes com aquelles hebreus tão inconstantes, e só constantes nas suas reincidencias e contumacia? E se assim obrou com os servos, como *potiori jure*, o não praticará comnosco, a quem honra com o titulo e tratamento de filhos? *Et filii Dei nominemur, et simus.* Sirva-me para todos os casos esta Escriptura.

Não se contentou Ezequiel em empregar todo o cabedal do seu zelo, para reduzir o perfido e obstinado povo, já disperso, já destruido, já condemnado ao jugo e cadeias de escravos em Babylonia; mas lamentando continuamente, e chorando sobre as miseriás e captiveiro insupportavel do mesmo povo, mereceu ouvir do mesmo Deos, não só palavras de paz e de perdão de tantos aggravos recebidos, mas que tornariam outra vez a respirar e cobrar forças, e imperio de dominante, aquellas reliquias da mais inconsolavel servidão; e porque não desconfiasse de tão alta esperança o profeta contemplativo, eis que se vê de repente arrebatado do braço de Deos, cap. 37. *Facta est super me Manus Domini*, e levado a um grande campo, *qui erat plenus ossibus;* e depois que o fez medir bem com o seu aspecto attonito e espantado de podridão tão infinita, entra com elle a perguntas o mesmo Senhor: *Fili hominis, putas ne vivent ossa ista?*

Homem, ou filho de homem, que te parece, estas são as miseraveis reliquias do teu povo? parece-te que poderão outra vez cobrar alento e figura de vivos estes cadaveres tão vastos e destroçados? Ora *Vaticinare de ossibus istis, et dices eis:* Que empresto por breve momento, e vendo tributaria ás tuas palavras a minha omnipotencia grita, manda, impera despoticamente sobre elles: *Ossa arida audite Verbum Domini;* não estava ainda bem concluido o preceito, eis que impacientes para obedecerem, aquelles residuos de cadaveres fizeram uma bulha infinita: *Et ecce commotio: et accesserunt ossa ad ossa, unumquodque ad juncturam suam, etc., et super eam nervi, et carnes accesserunt*, 7. Eis emfim, em um bater, não de pennas, mas em um abrir de olhos armado diante do profeta, com um exercito de mortos resuscitados, um novo theatro de nunca vistas maravilhas! E que queria significar a Magestade Divina, com a fabrica de tantos milagres, quantos eram vivos, ao seu profeta? Muitos, e mui grandes mysterios; porém o principal, e mais pertencente ao nosso caso é, que como aquelles mortos já despedaçados, se tinham com o braço da omnipotencia traspassado a nova vida: assim da sua escravidão, se passariam com brevidade a florecer e dominar na sua amada Jerusalem, aquellas reliquias encadeadas de Jacob e de Judá.

Torno a dizer, se assim remunera a bondade infinita de Deos, o arrependimento dos servos, e servos tão rebeldes e contumazes, como não deve esperar ao menos ventura não inferior, o arrependimento dos filhos? *Si filii, et hœredes; hœredes quidem Dei, cohœredes autem Christi.* Antes não são palavras, não são seguros, não são convites do mesmo Christo a todos os peccadores, em qualquer genero de afflicção e miseria constituidos! *Venite ad me omnes* (in Matth. II, 8 I) *qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos:* porém como podemos effectivamente chegar-nos a estas chagas, a estas fontes, a estas entranhas tão misericordiosas, se não detestando e expellindo as culpas, que nos afastam para mais longe do mesmo Senhor, do que dista do Occidente o Oriente, e a noite do dia? Oh assim visse eu tanta resolução e fervor para esta penitencia, quanta vejo em armar barracas e erigir habitações, como se aquartelados no campo fóra das casas de pedra e de telha, estivessemos fóra da jurisdicção do mesmo Senhor, e de toda a sombra de perigo! Oh vergonha certamente, e dureza nossa indesculpavel! O mesmo Soberano infinito, ainda nos despenhos maiores da sua ira, olha para nós, e ainda com o flagello nas mãos pede paz: *Ego cogito cogitationes pacis, et non afflictionis,* e nós tão

consternados, tão escarmentados, tão desenganados, tão abatidos, tão aterrados, com o leve movimento da sua lança: *(In conspectu fulgurantis hastœ tuœ)* parece que não queremos acabar de humilhar-nos, e render as armas: *Nunquam* (disse lá aquelle antigo) *ignorantia cum sapientia, imprudentia cum prudentia, imbecillitas cum fortitudine, temeritas, cum consilio, impotentia cum potentia in conflictum sua sponte descendit.* E será bom, que agora em tão horrenda consternação, vejamos em nós mesmos estes assombros de contumacia contra Deos, que tanto estranhariamos usar com outras creaturas? Ah não permitta o mesmo Senhor, que tambem em abatimento tão universal, se hajam de ouvir aquellas sentidissimas queixas (registradas em Job, no cap. 19) do mesmo Senhor: *Servum meum vocavi, et non respondit; ore proprio deprecabar illum.*

Mas como hãode humilhar-se e buscar a Deos com a penitencia, se dão ouvidos a estas perniciosas doutrinas, de que todos os exterminios que experimentamos, são effeitos de causas naturaes, e não castigos de Deos pelas nossas culpas! Porém, deixadas já disputas, vejamos se podemos entender-nos melhor na explicação dos termos. Quem póde duvidar que tambem concorressem ou podessem concorrer as causas naturaes? O ponto é, se Deos se valeo ou não valeo d'ellas para castigo das nossas culpas, que já passavam a medida por elle determinada. Explico-me com uma comparação bem clara: eu, arrebatado da colera, desembainho a espada, e mato com effeito a quem me fez o aggravo; se se pergunta a causa immediata d'esta morte, foi a espada; porém a mediata fui eu. N'este sentido, julgo eu, fallam os que appellam para as causas naturaes; porque de catholicos não se póde suppor outra cousa.

Disse que podem concorrer e podem não concorrer as causas naturaes; porque, como ensina a solida e inconcussa theologia, sendo a essencia divina infinita, e contendo em si toda a virtude das mais creaturas, póde allumiar sem o sol, banhar sem a chuva, e abrazar sem o fogo; porém muitas e muitas vezes obra com as causas naturaes; mas tudo dirigindo aos seus altissimos fins, e este é aquelle *Ministerium lacis, et umbrœ*, que tanto venerava Santo Agostinho n'esta variedade de successos, com que demos a cada cousa o que lhe toca, e não tropecemos na desordem tão lamentada não de um Santo Padre, mas de um gentio, qual era Seneca: *Instrumenta ejus pro ipso habentes.*

E haverá quem repare, que eu diga e sustente que só por castigo das nossas culpas nos visitou a omnipotencia

divina, com similhante flagello? Quaes eramos nós, Deos sagrado, antes d'este castigo? Quaes eramos, senão aquelles mesmos que vejo pintados ou prophetisados por S. Paulo na sua epistola 2. 3. ad Timoth. *Homines se ipsos amantes, cupidi, elati, blasfemi, ingrati, scelesti, sine affectione, sine pace criminatores, incontinentes, immites, sine benignitate. proditores. protervi, tumidi, et voluptatum amatores, magis quam Dei.* Bem claramente o temos visto. Os theatros, as musicas, as danças mais immodestas, as comedias as mais obscenas, os divertimentos, as assistencias aos touros, sendo tanto o concurso, que enchiam as praças e as ruas todas; e nas egrejas, nas festas sagradas, nos sermões, nas missões apostolicas, por mais fervorosas que fossem, não apparecia uma alma! Era a maior lastima ver n'aquelles espectaculos profanos, ainda pessoas mais insignes em sciencia, eloquencia e virtude!

Que diria um padre Segneri, tio e sobrinho! Que um padre Cancellote! Que um Pinamonti, um Constanzo, um Baldinucci, um Francisco de Geronimo, o padre Fontano, que chegou a ter entre os suissos sessenta mil ouvintes, e todos em um campo, soffrendo com inflexivel paciencia uma chuva insupportavel, e todos descalços, até os mesmos senadores e regedores d'aquella tão populosa republica, chamados em sua lingua Sculletos.

É verdade que ouço muitos *tolere usque in Cœlum* o culto divino, e a piedade d'esta côrte, e assentam que por este respeito nos soffreu tanto a misericordia divina; porêm ouçam do mesmo apostolo, que piedade é ou era esta nossa: *Habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes;* falsas apparencias, hypocrisias infinitas e nada mais; monturos cobertos de neve para enganar com aquella fraudulenta superficie, que os faz parecer totalmente diversos, do que na realidade são: *Speciem quidem pietatis habentes, virtutem autem ejus abnegantes.*

Mas ah! Que nem sequer este fraco exterior, esta leve tinta de piedade e culto divino! Ver as egrejas tão solitarias, e as casas de jogo, de conversa, tão frequentadas? Andar o Santissimo SACRAMENTO pela rua aos enfermos, com acompanhamento pouco decente á magestade divina, ainda em algumas das freguezias mais populosas? Que praças, que commercios, que gritos, que motins não se faziam, até nos coros de quasi todos os conventos de religiosas? De sorte, que achando-me uma vez n'estes conflictos e tumultos tão estranhaveis, foi necessario chegar-me a ellas, e estranhar-lhes publicamente um tal desprezo de Deos e de seu

culto: isto era nos dias santos e nas occasiões de ouvir missa; que em outros tempos e occasiões dos officios divinos: *Solitudo, vastitas, silentium magnum factum erat in terra;* porque aonde havia duzentas e trezentas religiosas, apenas se achavam cinco ou seis para atropelladamente mastigar aquella reza, que muitas vezes cessava totalmente, porque nem esse pequeno numero havia. Isto faziam as mulheres e os homens, os religiosos, os beneficiados, as collegiadas, as sés, que haviam de ser o ensino, o exemplo, e espelho de todas as mais! digam os seus mesmos aggregados as praticas, as risadas, que reservavam aquelles illustres officiantes para o tempo das missas, ainda mais solemnes, por divertir o enfado de tão elevados e divinos mysterios. Vejamos, por reverencia de Deos, e compaixão de nós mesmos, os gravissimos castigos ameaçados de Deos para similhantes insultos: *Maledictus, qui facit opus Dei negligenter;* vejam aquella *Abominationem desolationis stantem in loco sancto,* registrada em S. Matth. ao cap. 25, abominação, que traz indispensavelmente não só ruinas, mas exterminios a toda a terra: tenham horror das queixas e ameaços do mesmo Senhor em Ezech. no cap. 8. *Vides abominationes magnas, quas domus Israel facit hic: hic* na minha casa. Ibid. vers. 6. 13. 9. *Abominationes magnas abominationes maiores, abominationes pessimas.* Não me poderão já negar, ao menos de Christo bem nosso, que fazendo beneficio a todos, ainda aos mais impios peccadores, nunca chegou a molestar, nem descompor, nem açoutar com suas mãos, se não os profanadores do Templo. E que profanadores, e que casta de Templos eram aquelles, em comparação da santidade e magestade dos nossos? *Cum fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo.* Não foi pelo desprezo do seu Templo, que Deos mandou dois anjos despedaçar com açoutes tão rigorosos a Eliodoro! Não foi pela vingança do seu Templo, que mandou do mesmo sanctuario uma escolta de chammas a devorar Nadab, e a Biud, só pelo descuido de não observar nos sacrificios alguns ritos, como era queimar o incenso a Deos, com ogo usual e profano? Não foi por vingança similhante do Templo, que encheu de lepra a el-rei Uzias! Por vingança do Templo exterminou do throno a Manasses, e o mandou captivo com o seu povo para Babylonia. Por vingança do Templo privou do reino e da vida a Balthasar, na mesma noite em que profanou com a intemperança do seu convite, os vasos sagrados. Pela vingança do Templo castigou da mesma sorte a Senacheribe e fez despedaçar com um horrendo parricidio. Ouçam por reverencia

de Deos e dos seus Templos, o brado horroroso que dá aos seus anjos, com as palavras de Jeremias (no cap. 51, 11), que faz tremer: *Acuite sagittas, implete pharetras, quoniam ultio Domini est, ultio templi sui.* Valha-me a magestade divina, pois se então era tão inexoravel em vingar as injurias do seu culto e d'aquelles templos, nos quaes não se administravam tão grandes SACRAMENTOS e mysterios, pois não assistia n'elles com a sua real presença, o corpo e sangue de JESU Christo; como podiamos esperar que passasse agora com tanta insensibilidade e indifferença as mais sacrilegas irreverencias e as mais detestaveis torpezas que se praticavam nos templos, ainda mais insignes d'esta metropole de tantos reinos?

Porém meu Deos e Senhor: *Loquar ad Dominum Deum meum, cum sim pulvis et cinis:* perdoae, por quem sois, a minha grande ignorancia e sentimento; que castigueis as cidades e profanadores dos vossos templos, parece-me muito bem; mas que vireis a espada fulminante contra os vossos mesmos templos! Que sejaes tão implacavel contra as vossas casas, thronos e altares, que apenas temos um templo para recorrer a Vós, para vos louvar, para vos offerecer á Trindade Santissima a hostia propiciatoria do vosso corpo sagrado! Oh estranha e terrivel vingança! Oh força a mais luctuosa, a mais horrenda, a mais inaudita da indignação divina! Aonde se viu tão grande estrago, que depois que o mundo é mundo, e depois da egreja santa no mundo: *Ultio Domini est ultio templi sui.*

Ora, e é possivel que um caso d'estes, um signal tão claro e manifesto da mais horrivel indignação de Deos contra nós não nos mova a todos a fazer pedaços de nós mesmos, para dar-lhe sequer algum genero de satisfação, *et fugere à ventura peiori ira!* Ouço dizer que nas cidades visinhas, aonde a ruina não foi tão grande, fizeram e ainda fazem maravilhas, de penitencias, pés descalços, cruzes, açoutes, jejuns a pão e agua, e outras mortificações infinitas, e cá, onde a perda e o exterminio, nada ou quasi nada vemos de tão justos e indispensaveis disvellos; de sorte que se admiram as outras cidades, de tão pouca demonstração, que fez a côrte de Lisboa, publica de penitencia; porém confesso ingenuamente, que eu absolveria toda esta côrte de tão louvavel tarefa de occulta ou publica penitencia, com tanto que todos fizessem a Deos, para alguma satisfação, o sacrificio de se retirarem, por seis dias sequer, na casa dos exercicios, para ponderar com melhor desafogo e maior luz, o que é e o que nos traz de infinitas miserias, um peccado mortal contra tão

grande Senhor. É certo que toda a nossa ruina e causa de precipitar-nos com tanta facilidade, n'estes abysmos, é a falta de consideração : *Dessolatione dessolata est omnis terra; quia non est qui recogitet corde.* Concedo que ainda no reboliço do mundo e das casas particulares, se pode considerar n'esta materia; mas recogitar, como é preciso, é reservado só para estas palestras sagradas. Nem digam que são christãos, e que já crêem e sabem que ha Deos, inferno e eternidade; porque as obras não o mostram, e se o sabem, como tão pouco o temem! Outra cousa é uma sciencia de santos, que se alcança com aquellas tres horas de orações mentaes, não tendo mais trabalho, que attender ao padre director, que propõe e explana toda a substancia d'ellas, e outra cousa é ter uma sciencia de demonios, que só serve para nos fazermos nós mais impios e obstinados : *Declaratio sermonum tuorum illuminat* (diz o santo profeta Rey) *et intellectum dat parvulis.* De que serve a um piloto e capitão de navio trazer em viagens difficultosas boas cartas de marcar, se as traz ordinariamente sepultadas em o fundo de uma caixa?

Não posso soffrer, o ver nos outros reinos, dominios, nações e republicas catholicas o como servem e florecem cada dia mais estes santos retiros e exercicios, de modo que ha cidades com quatro ou seis casas de exercicios, todas necessarias pelo extraordinario concurso das gentes, que a ellas concorrem; e n'esta dominante tão vasta e tão catholica, tanto aborrecimento a elles, que a companhia, de quem o mesmo Deos fez propria esta administração, muito mais que as outras sciencias e ministerios, tendo tantas outras casas, não chegou ainda a ter uma casa bem estabelecida para este effeito. Quantas pessoas nobres e illustres haverá, que não se sabem examinar! Quantas que não se sabem confessar! E quantas que não se sabem arrepender, e cuidam que toda esta fabrica é negocio de palavras, é bater no peito, é rezar o formulario do acto de contricção, e nada mais, e quantos que não se podem absolver, porque ou não sabem ou estão esquecidos até dos mesmos artigos de fé! Prouvera a Deos, que isto fosse só um caso singular, e que não tivesse achado similhante desamparo, ainda em pessoas muito conspicuas! Como se podem facilitar e capacitar estes a fazer uma confissão geral, canonica, verdadeira e segura, senão n'estes silencios e solidões, á luz de tantas instrucções e meditações, onde ainda com assistencia de mestres tão conspicuos e tão idoneos para este fim, padecem suas duvidas, para socego da sua consciencia, para acertar os meios que hãode tomar,

e o norte que hãode seguir para assegurar o negocio da sua salvação.

Esta oh Lisboa, é a verdadeira causa do terremoto, e o juizo que d'elle fórma, quem te deseja o maior bem, e o mais empenhado em que a côrte se veja no seu antigo esplendor, para corôa immortal de sua magestade, augmento de toda a monarchia, e sobre tudo para maior honra e gloria de Deos.

As torturas decorridas desde a publicação d'este opusculo até ao affrontoso garrote, vel-as-ha o leitor na biographia que vae ler.

Protestação do auctor

Em conformidade com os decretos do papa Urbano VIII, declaramos que aos factos referidos n'este livro ligamos apenas a auctoridade puramente humana, e de nenhum modo queremos antecipar os juizos da Santa Sé Apostolica.

Trinta annos de apostolado no âmago das florestas do Novo-Mundo, entre as povoações selvaticas do Maranhão e nas vastas dioceses do Brazil; dez annos mais consummidos a prégar a cruz de Jesus Christo ao povo e á côrte de Lisboa; e, depois, como galardão d'esses quarenta annos de serviços aos interesses de Portugal e da Igreja, uma condemnação iniqua pronunciada em nome de Portugal e da Igreja, por juizes sem consciencia nem auctoridade; e, finalmente, apoz trez annos de incomportaveis angustias, nos humidos subterraneos da Torre de S. Julião, a morte do martyr na ultima fogueira da Inquisição portugueza, accendida por ordem e sob as sugestões do marquez de Pombal: — eis o resumo da existencia de Malagrida.

Estas linhas biographicas de certo não correspondem á phantastica figura inventada pelos jansenistas e philosophos do seculo passado, e reproduzida, em nossos dias ainda, nas historias mais celebradas

de Portugal: é que a ignorancia e a calumnia, se lançaram mão do pincel, foi para desfigurar as feições d'aquelles contra quem se assanhavam; e o jesuita Malagrida foi uma das suas mais predilectas victimas!

O nosso intento, ao escrever este livro, é vingar, expondo singelamente os factos, a memoria tanto tempo denegrida de um homem tão prestadio a Portugal e á Igreja. As particularidades de uma vida tão operosa auferimol-as em uma historia manuscripta de Malagrida, composta em Roma, no anno de 1762, pelo padre Mathias Rodrigues, um dos seus companheiros de apostolado. (*) Consoante o dizer d'este padre na sua Dedicatoria ao Geral da Companhia Lourenço Ricci: «tudo o que elle refere ou pessoalmente o viu, ou de testemunhas fidelissimas o houve, as quaes conheceram Malagrida, e o acompanharam nas suas romagens apostolicas, e se promptificam a sigillarem com juramento a verdade de seus depoimentos.»

Não satisfeito d'esta protestação, o auctor do manuscripto é primoroso na exactidão historica a ter-

(*) Este manuscripto portence á bibliotheca dos Bollandistas, por quem nos foi generosamente communicado. Eis o titulo por inteiro: *De vita V. P. Malagridæ, natione Italí, patria Menasiensis, e Societate Jesu, Socii V. Provinciæ Maragnonensis insignis que Missionarium apostolicorum prototypi, libri quatuor, a quodam ex eadem societate ac V. Provincia Presbytero (Mathia Rodriguez) elucubrati, anno a partu Virginis MDCCLXII. — Roma.*

mos de citar, em seguida a cada facto que expende, o nome e a qualidade da testemunha que lh'o transmittiu de viva voz ou por escripta.

Afóra este documento de authenticidade incontroversa, recolhemos cuidadosamente os pormenores da vida de Malagrida, dispersos no *Diario Litterario*, de Christovão de Murr. É notorio o zelo que este protestante empregou para salvar do olvido tudo que respeita á historia da Companhia, depois que foi abolida.

Por derradeiro, subsidiaram-nos miudezas preciosas ácerca do processo, captiveiro e exterminio de Malagrida a seguinte obra italiana: *Il buon raziocinio, o siano saggi critico-apologetico sul famoso processo e tragico fine del fu padre Gabriele Malagrida* (MDCCLXXXII), a dissertação latina: *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis judiciis.*

Oxalá que possamos, com esta tentativa, communicar ao leitor uma ideia verdadeira de quem haja sido esse Jesuita celebre que o soberano Pontifice Clemente XIII não se dedignava de denominar, em consistorio pleno, UM NOVO MARTYR DA IGREJA DE JESUS CHRISTO!

Amiens, 21 de setembro de 1864.

HISTORIA DE GABRIEL MALAGRIDA

I

Primeiros annos de Malagrida; sua entrada na Companhia de Jesus

(1689-1711)

Ao norte de Italia, na margem occidental do Lago di Como, em pittoresco local, no meio de risonhos arrabaldes, está a villêta de Menaggio. Ahi viviam, no fim do seculo XVIII, em dôce enlace, um medico distincto, Diogo Malagrida e sua esposa Angela Rusca. Por talento e merito, grangeára o medico a confiança das mais illustres familias. O duque de Parma, Eduardo Pharnezio, queria-lhe a extremos de se hospedar em sua casa quando negocios o levavam a Menaggio; o duque de Saboia, Victor Amadeu, queria-o investir na cadeira de medicina na universidade que recentemente fundára em Turim; o doutor, porém, tão sabio quanto modesto,

recusou o brilhante emprego, e acabou pacificamente sua carreira na villa natal, exemplificando aos seus conterraneos toda a sorte de virtude. Estremou-se principalmente em caridade com a pobresa. Muitas vezes fôra visto percorrer grandes distancias a fim de liberalisar beneficios affectuosos aos que elle considerava membros soffredores de Jesus Christo. Com tão christão proceder, attrahiu as bençãos do Senhor, e foi pai de onze filhos, quatro meninas e sete moços. (*) O quarto foi Gabriel Malagrida cuja vida escrevemos.

Nasceu em Menaggio, aos 18 de setembro de 1689. Desde a mais tenra edade, revelou felizes tendencias para a virtude e piedade. Graças aos desvelos e zelo de sua piedosa mãe, aquelles embriões desenvolveram-se rapidamente. Por affabilidade e submissão, Gabriel era o exemplo dos irmãos e irmãs mais velhos. Pelo que, o pai o denominava o «Anjo da sua familia». Era raro intender com brinquedos proprios da idade. Era-lhe sobre tudo grato recreio fazer altares, ante os quaes convidava os seus companheiros a rezarem com elle.

Quando prefez os nove annos, cuidaram os pais em o encarreirarem nos estudos. Ferverosos em dar ao filho dilecto mestres idoneos a formarem-lhe a

(*) Dos irmãos de Gabriel apenas conhecemos Carlos Ambrozio, professor de theologia em Roma, fallecido em 13 de maio de 1734, aos 38 annos de idade; Miguel, conego de Santo Estevão em Menaggio; e outro Carlos, fallecido em Allemanha, e uma irmã, Maria Guaital.

um tempo o coração e o espirito, associando ás sciencias humanas os divinos preceitos da religião, confiaram-o aos esclarecidos cuidados dos religiosos Somascos, que então dirigiam na cidade de Como um florente collegio.

Ao principio, o joven alumno, deu-se ao estudo com ardor que attingiu logo o grau de paixão. Desviado das puericias de sua idade, passava as horas de recreio a manusear livros; e, se não levava comsigo os auctores predilectos, os passeios não lhe eram apraziveis. Durante ferias, em quanto sua familia se divertia, passava elle o tempo estudando para sentir o jubilo de communicar aos mocinhos de sua amizade os conhecimentos que no collegio adquirira.

Tão aturada applicação desenvolveu precocemente os talentos congenitos que tanto o enriqueciam. Exultaram seus pais quando o viram ganhar premios nos brilhantes triumphos da sua carreira litteraria.

Quando era mister comprimentar algum personagem de vulto, ou proferir discurso de abertura em secção litteraria, era sempre Gabriel o preferido dos professores; o joven orador era sempre acolhido com enthusiasticos louvores.

Costumavam os padres Somascos, nas grandes solemnidades collegiaes, dar representações de peças cujo assumpto era bebido na historia ecclesiastica. Os alumnos eram os actores. Certo dia, haviam de representar na presença de ouvintes da mais se-

lecta sociedade. A principal personagem do drama era a imperatriz Santa Pulcheria, e o alumno encarregado do papel d'aquella santa e heroica princeza cahiu de repente enfermo. Em tal embaraço, o superior, fiando do talento do joven Malagrida, deu-lhe o papel de Pulcheria, e o improvisado actor encheu-se tanto do seu encargo, deu tanta alma á expressão dos altos sentimentos da Santa Imperatriz, que toda a assembléa ficou maravilhada.

Todavia, de par com os exitos litterarios, Gabriel esmerava-se em actos de virtude e piedade: era o modelo do collegio. Eis aqui o que um honrado sacerdote da diocese de Como, seu condiscipulo, escrevia: «Gabriel era exemplarissimo no proceder: ganhou triumphos notaveis nos estudos; em todos os bancos escolares deu mostras de engenho verdadeiramente extraordinario, e sobre-excedeu a todos os seus emulos. Tão verde ainda, já intranhara na alma o pensamento do martyrio: elle mesmo, um dia, m'o confessou. Como eu fosse seu visinho no banco das escolas, observei-o estar continuamente com a cabeça apoiada na mão, que elle em segredo mordia, até a fazer sangrar. Interroguei-o sobre tão estranho habito, e elle ingenuamente me respondeu que assim se queria acostumar á dôr, na perspectiva de alcançar um dia a palma do martyrio.»

No collegio de Como foi que Malagrida se sentiu vencido da vocação á vida religiosa, occasionando-se-lhe assim o proposito: Estava por acaso presente aos paroxismos de um virtuoso padre; um mem-

bro da communidade, que intranhava um culpavel queixume contra o moribundo, alheou-se a ponto de vociferar contra elle palavras offensivas, capazes de augmentar a torvação e as angustias d'aquelle terrivel momento. Mas o expirante recebeu as injurias com inalteravel peito, e contentou-se com sorrir suavemente, revelando no rosto immenso jubilo, como se já entre-visse o premio no ceu; e assim se adormeceu na paz do Senhor, murmurando a derradeira palavra de perdão.

Este commovente espectaculo impressionou profundamente o animo de Malagrida. Até áquelle lance, a idéa de morrer horrorisava-o; que nem a palavra *morte* podia proferir sem estremecer; mas d'ahi por diante julgou-a mui diversa, repetindo: «Oh! uma boa morte! que dôce e consolativo não é o morrer, ao cabo d'uma vida inteiramente consagrada em serviço de Deus!» Traspassado d'este sentimento, fez proposito de entrar em alguma ordem religiosa. E, d'ahi a pouco, a generosa resolução ganhou forças com um novo accidente.

Em novo drama, representado pelos collegiaes, coube-lhe um papel de rei. Pelo que, trajando ricos habitos, se ensaiava a occultas do scenario, dando-se ares e meneios de monarcha. De repente, dá de rosto com um crucifixo. A imagem do seu Salvador, nú, coroado de espinhos, com as mãos e pés traspassados de cravos, moveu-o até ao recondito da alma. Em face do seu Deus, fazem-lhe enojo os prazeres mundanos. Sahe á scena para cumprir o

dever; mas nada attentivo a ganhar applausos, que ainda assim foram muitos. Porém, aos pés d'aquella cruz de Jesus Christo lhe ficára o coração: e desde aquella hora um só pensamento o obsediou: consagrar-se sem tardança ao serviço de Deus morto por seu amor.

N'este designio, pediu aos mestres, antes de recolher-se ao seio da familia, que o promovessem a minorista. Concederam-lh'o de boamente. E, desde então, a cada hora manifestava o zelo que lhe acrisolava o coração. Ajudar ás missas, ensinar a doutrina christã aos meninos e aos pobres, então eram as suas mais festivas occupações. Já por vezes lhe concediam subir ao pulpito e prégar ao povo com muita inergia e uncção. O arcypreste de Menaggio, Nicolau Tedeschi, que então o ouviu, deliciava-se em relembrar, aos oitenta e quatro annos, um sermão em que o juvenil prégador celebrára os louvores da Virgem Immaculada.

Preludiando d'esta arte as suas lides apostolicas, Gabriel passou a Milão com o fim de concluir os estudos theologicos. Progrediu rapidamente na sciencia sagrada; mas mais rapido ainda na carreira da virtude. Cada dia se afastava mais das vans preoccupações do mundo. Conversava habitualmente com o Senhor, com os anjos e santos. Toda sua felicidade librava na oração, e communicação com Deus. Mais penetrativa e clara que nunca lhe soou então na alma a voz do Senhor. Resoluto a desatar os derradeiros vinculos que o prendiam ao mundo, Ga-

briel escreveu aos pais, pedindo-lhes licença para seguir sua propensão. Os pais, ardentemente religiosos, não lhe empeceram á vocação; mas revelaram a dôr grande de se verem apartados de filho tão amado. Oscillou Malagrida muito tempo na escolha da ordem: consultou Deus em oração, allumiou-se com os conselhos do seu confessor, homem pio e prudente; e, alfim, decidiu alistar-se sob a bandeira de Santo Ignacio, na Companhia de Jesus.

II

Noviciado e primeiros empregos de Malagrida. Sua sahida para o Maranhão

(1711-1721)

Aos 27 de setembro de 1711, Malagrida, á volta dos vinte e dois annos, entrou no noviciado dos jesuitas em Genova. Por espaço de dois annos de suave e amavel ermo, trabalhou indefessamente em aderessar seu espirito com todas as virtudes d'um sincero companheiro de Jesus. Modulando-se pelos Stanislau e Luiz de Gonzaga, poz peito á lucta com generoso ardor, e trilhou a passo celerado a estrada da perfeição. Com infantil simplicidade, desvoluntariando-se ao sabor de seus superiores, os mais intimos arcanos de sua alma lhes descobria. Como estimulantes ao fervor, lia e relia as lides prodigiosas dos primeiros heroes da Companhia, e nunca deu de mão ao livro sem reaccender em si o anhelo de seguir aquelles grandes e nobres exemplos.

No intuito de refrear a naturesa, e similhar-se quanto em si coubesse a Jesus Crucificado, declarára guerra sem treguas ao corpo, jejuando tres vezes por semana, e disciplinando-se rijamente. E tanto era o excesso das macerações, que os superiores lhe reprimiram a mão. E, além d'isso, se a penitencia exterior o deliciava, mais saborosa lhe era a mortificação interior de todos os affectos, a abnegação da vontade propria, sem a qual as mais austeras disciplinas não podiam ser para muito aos olhos de Deus.

Eis aqui o testemunho prestado ao piedoso noviço por um dos seus companheiros de noviciado, o padre Jeronymo Maria Doria, da provincia de Milão: «O irmão Gabriel—escreve elle em 22 de dezembro de 1761—revelou-se, desde o primeiro dia de sua vinda, cheio de fervor; ao diante, este fervor, longe de esfriar, cresceu de dia para dia. Uma vez, confidenciou-me uma tentação que o assaltára, a respeito de seus paes a quem elle muito queria. Tanto mais violenta havia sido a tentação, quanto mais o remedio que empregára em oppugnal-a. Por volver mais completa a victoria e o sacrificio mais agradavel a Deus, deliberou impetrar dos superiores licença de se ir ás missões da India, afim de mais se distanciar dos paes. Todo tempo que convivemos no noviciado, posso sob juramento affirmar que observei n'elle uma virtude rara; pelo que, o nosso mestre de noviços no'l-o propoz como exemplar.»

Transcorrendo assim a serie de provas prescri-

ptas por Santo Ignacio aos noviços da Companhia, Malagrida, volvidos dois annos, pronunciou o voto irrevogavel de servir a Deus, até ao seu derradeiro alento, na Companhia de Jesus. Passado pouco tempo, foi-lhe força deixar o seu querido noviciado; levou, porém, comsigo, como thesouro precioso que nunca devia perder, os fervores adquiridos no berço de sua vida religiosa. «Cada vez que eu revia o padre Malagrida — diz o padre Doria — ou d'elle ouvia novas, mais me confirmava na opinião de que estava ali um religioso consummado.»

Findo o noviciado, applicou-se o irmão Malagrida, por algum tempo, ao estudo das boas-lettras que tão prosperamente já cultivára. E com tanto afinco se empregou no estudo, que de prompto grangeou o que lhe faltava para habil professor. Porém, o ardor da sciencia não fazia implicancia ás santas praticas do noviciado. Nenhum fervor lhe impecia as occasiões de mortificar os sentidos. Pelo que, nos seus repastos, dava preferencia aos mais grosseiros alimentos. Um dia, porém, como lhe servissem um prato de excellente peixe, que elle, segundo usava, deixou passar intacto, o superior advertido ordenou-lhe que comesse: obedeceu logo o moço religioso, porque, a seu parecer, a obediencia valia mais que as privações.

Volvidos alguns annos no exercicio d'aquella virtude solida que Santo Ignacio exige, foi em fim considerado digno do sacerdocio. Revestido do ministerio sublime, Malagrida, associando-se ao padre

Mariani, foi missionar em uma aldeia da diocese de Como. Abençoou-lhe o ceu os esforços; mas maiores lavores almejava sua alma de apostolo. Dizia elle muitas vezes: «Aos povos de Italia não cançam meios de chegar á salvação; além-mar, pelo contrario, innumeras nações jazem ainda nas trevas da idolatria: vamos acudir a essas almas desamparadas.» O que mais o instava a executar esta nobre resolução era a promessa feita a Deus, quando noviciava, de se ir ás missões indianas, tanto que os superiores lh'o facultassem. Escreveu, pois, ao Geral da Companhia, o padre Miguel Angelo Tamburini, conjurando-o nos mais insinuantes termos a conceder-lhe o favor insigne de ir trabalhar nas missões do Novo-Mundo na salvação dos infieis. Louvou o padre Geral este santo fervor; e, dado que lhe não permittisse partir logo, deixou-lhe entrever o bom termo dos seus votos. No entanto, foi nomeado professor de humanidades no collegio de Bastia, Corsega. (*) Desempenhou-se Malagrida d'este novo cargo com

(*) Emquanto ensinava humanidades em Bastia, Malagrida, concertado com os seus discipulos, compoz uma tragedia latina intitulada *Amans*. Já no cabo da vida, quiz fazel-a representar em Setubal, onde estava desterrado; porém, observando-lhe um dos seus amigos que o ministro Pombal poderia reconhecer-se no papel de Aman, desistiu do intento. Encontrou-se mais tarde esta tragedia entre os papeis que os quadrilheiros do ministro levaram quando prenderam Malagrida: talvez que a tragedia concorresse bastante para a perdição do auctor. (V. *B. il Buon raziocinio*, pag. 12).

tanto zelo como talento ; todavia, de envolta com suas lides litterarias, apertava-o de continuo o pensamento das missões. Renovou instancias ao padre Geral, e obteve emfim a tão desejada graça de ir juntar-se aos missionarios do Maranhão. Embarcou em Genova para Lisboa, onde o esperava o navio de transporte para a America.

III

A missão do Maranhão

(1607-1621)

Apoz uma longa e penosa viagem, desembarcou felizmente o padre Malagrida, por fim de 1721, no Porto de S. Luiz, capital do Maranhão. Esta região, uma das maiores da America meridional, era então parte do Brazil, e abrangia todo o paiz que se distende do cabo de Santo Agostinho até ao rio de Oyapoc, situado hoje na Guienna franceza.

Na época em que o rei de Portugal, João III, repartiu as costas do Brazil em governos chamados capitanias, a do Maranhão pertenceu a João de Barros, celebre historiador das Indias. Mas nem elle nem seus filhos lograram a conquista do seu novo dominio. Luiz de Mello da Silva, que veiu depois d'elles, não foi melhormente succedido. Finalmente, em 1612, chegou uma colonia de francezes que repelliram para os seus bosques os selvagens habi-

tantes do littoral, e se estabeleceram no paiz conquistado. Passados trez annos, foram desalojados pelos portuguezes, que cederam a praça aos hollandezes em 1641; mas em 1664, os hollandezes, vencidos em muitos ataques, abandonaram o paiz, deixando o Maranhão exclusivamente aos portuguezes.

Em duas grandes provincias se dividiu então aquelle immenso territorio: á do norte, que conservou o nome de Maranhão, deu-se por capital S. Luiz, situada em uma ilha na foz do rio Mearim, chamado Maranhão pelos primeiros exploradores. A segunda provincia houve nome de Pará, d'uma cidade situada pouco mais ou menos a duzentas leguas distantes de S. Luiz, tornada capital de toda a provincia.

Eis a descripção que nos deixou d'este paiz o padre Mathias Rodrigues, um dos companheiros de Malagrida no seu apostolado:

«Toda a provincia do Maranhão, diz o missiona-
«rio, está posta na zona torrida, e prolonga-se de
«ambos os lados da linha sobre um desenvolvimento
«de costa na extensão aproximada de 450 leguas.
«Se não fosse a brisa refrigerante que o Oceano ba-
«feja, o viver em tal região seria insupportavel, mo-
«tivo do excessivo calor. Não ha ahi cereaes, nem
«vinho, nem azeite: excepto a canna do assucar, e o
«cacaoeiro, tudo o mais são fructos selvaticos com
«pouquissimo sabor.

«Em grande parte este paiz, é colmado de flores-
«tas por tanta maneira espessas que não ha pene-

«tral-as sem grande fadiga; comtudo topam-se ahi «a revezes bastas savanas cobertas de elevados ar-«bustos, por entre os quaes se remexem grandes «rebanhos de bufalos selvagens. São tão prodigiosas «em tamanho as arvores d'estes bosques, que os in-«digenas, socavando-lhe os troncos, formam largas «canôas. Algumas arvores se tem visto com mais de «vinte palmos de largura, e cem de altura.

«Quanto a bestas feras, este paiz compete com os «desertos africanos. Acham-se aqui pantheras, tigres «e outros animaes ferozes, que preiam o homem, «que por desgraça se desgarrou n'esses matagaes «immensos. Ha tambem ahi serpentes de corpolen-«cia descompassada, com muitos metros de compri-«mento. Estes reptis devoram bois e cavallos inteiros: «quem fôr d'elles mordido, morre infallivelmente.

«As esplainadas são golpeadas de lagos e rios con-«sideraveis. O maximo entre todos é o rio Amazo-«nas, que desde a origem até á foz percorre o tracto «de trez mil leguas. No local em que se embebe no «mar, mede oitenta leguas de largura; e por espa-«ço de quarenta leguas conserva, Oceano dentro, a «doçura de suas aguas.

«Estes lagos e rios geram animaes tão ferozes co-«mo os da terra; tal é uma especie de crocodilo «que os selvagens chamam *jacaré*.

«Difficilmente se reconhece o typo humano nos «indios moradores d'estas regiões. Abrigam-se em «cavernas como as feras, vivem dispersos nos mat-«tos, e alimentam-se unicamente da caça. Ás vezes

«travam-se em crueis pelejas, e então ai dos ven-
«cidos! Estes são amarrados a postes e engorda-
«dos algum tempo como sordidos animaes, e de-
«pois, em horriveis banquetes, acompanhados de dan-
«ças e de phrenetica gritaria, são comidos pelos seus
«algozes.»

Os primeiros missionarios que penetraram n'estas regiões foram os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, ambos da Companhia de Jesus. Sahidos de Pernambuco em 1607, só aportaram ao Maranhão depois de andarem perdidos um anno inteiro por cerradas florestas, onde padeceram toda a especie de soffrimento. Trataram de fundar uma christandade nos valles de Ybiápava; mas, no anno seguinte, o padre Pinto foi martyrisado pelos selvagens. Com muita difficuldade pôde o companheiro evadir-se á ferocidade dos indios; fez todavia voto de tornar ao Maranhão no primeiro ensejo. E com effeito voltou em 1615, com dois jesuitas, e durante quinze annos proseguiu a sua lide apostolica, com incriveis trabalhos. Como a ceifa se tornasse cada vez mais abundante, foi forçado de passar a Portugal em demanda de soccorro. Voltou em 1643 com quatorze companheiros; mas esses intrepidos apostolos, naufragando na barrêta do Pará, quasi todos pereceram, uns afogados, outros devorados por canibaes da tribu dos Arnans: trez sómente se salvaram d'este desastre.

O sangue d'estes martyres fecundou a terra até

então esteril, e se dispoz a receber a boa nova da salvação da bocca do padre Antonio Vieira, illustre prégador dos reis de Portugal, o mais eloquente homem do seu paiz. Este digno rival de Francisco Xavier, tão celebre por engenho quanto por virtude, preferira aos applausos da côrte a vida amargurada do missionario, soffrendo alegre trabalhos e perseguições para gloria de Deus. Em 1652 embarcava elle com onze jesuitas para prégar a fé aos barbaros do Maranhão. Longo tempo o seu nome foi abençoado pelos indios, que o conheciam sómente pelo Grande Padre. Apesar, porém, dos seus immensos serviços e dos que lhe succederam, havia ainda muito que desbastar quando Malagrida aproou a essas regiões remotas. Veremos nos seguintes capitulos com que zelo o novo apostolo se encaminhou pelos vestigios do seu predecessor illustre.

IV

Primeiros trabalhos de Malagrida na America

(1721-1724)

No Maranhão, parte dos missionarios dedicava-se exclusivamente ao cuidado dos colonos europeus estabelecidos no littoral; outra parte penetrava no interior das terras á busca de selvagens, levando-lhes ao seio das florestas em que viviam errantes a luz do evangelho, e o conhecimento de Jesus Christo. Esta missão era a mais laboriosa e arriscada, e por isso mesmo a mais desejada do padre Malagrida.

Ainda assim, os superiores não lh'a concederam logo. Como lhe reconhecessem engenho insigne para a prédica, mandaram-no annunciar a palavra Divina aos habitantes do Maranhão, em companhia do padre Luiz Maria Bucharelli, irmão do famigerado Francisco Maria Bucharelli, que soffreu o martyrio em Toukin, aos 11 de outubro de 1723; passado algum tempo nomearam-no prégador no collegio do

Pará, cidade que demora a duzentas leguas pouco mais ou menos de S. Luiz.

Malagrida tinha de atravessar, para attingir o seu novo destino, uma região afogada de florestas, rasgada por torrentes, infestada de bestas-féras e de selvagens que rivalisam com os animaes em ferocidade; mas o varão de Deus exultava em padecer pela gloria do seu Divino Mestre; com um cajado na mão, e com os hombros carregados d'um alforge que continha o breviario e os utensilios necessarios ao santo sacrificio, poz-se a caminho a pé, e depois de uma viagem penosissima, chegou ao Pará em 1722.

Convencido de que o meio mais efficaz de grangear almas para Deus é prégar com o exemplo mais ainda que palavras, Malagrida, na sua nova residencia, traçou um plano de proceder que devia conduzil-o rapidamente a perfeição grande. Encerrado no seu pobre cubiculo, passava longas horas orando, ou estudando a lingua barbara dos indios, para poder operar com mais facilidade a sua conversão. Este recolhimento, a par com ardentissimo zelo, conquistou-lhe para logo a confiança de toda a communidade. Consultavam-no em todos os negocios embaraçosos; muitos irmãos seus o elegeram para confidente de seus mais intimos segredos e direcção das consciencias. Foi elle emfim considerado o de maior capacidade para reger a congregação dos jovens alumnos do collegio.

Esta formosa instituição, transplantada de Italia

ao solo americano, desintranhava-se em fructos não menos consolativos que nos collegios da Europa; sobretudo prosperara a olhos vistos sob a prudente direcção do padre Malagrida. Em dias determinados reunia os seus jovens congregados, e com palavras repassadas de uncção lhes inspirava vivo horror ao peccado, e inflammava aquelles tenros corações com abrasado amor á Santissima Virgem. Ensinava-lhes a alliança da sciencia com a virtude, expunha luminosa e seductoramente as grandes verdades da religião, ensinava methodos faceis para fazer quotidiano exame de consciencia, exhortava-os a obedecerem aos pais, a respeitarem os mestres, a serem caritativos uns com outros; finalmente, e primeiro que tudo lhes recommendava assistencia aos sacramentos, e fugir de tudo que podesse desbotar-lhes a belissima flôr da castidade. Dava-lhes como modelos Estanislau e Luiz de Gonzaga, amaveis patrocinadores de sua mocidade, e assim lhes incutia nobre emulação, dizendo-lhes frequentemente que deviam assimilhar-se áquelles santos juvenis pela virtude quanto lhes eram similhantes na idade.

Todavia os cuidados que Malagrida exercitava na mocidade do collegio não bastavam a refrigerar-lhe o ardor. Logo que chegou ao Pará, observou a cada passo a corrupção profunda que empeçonhava a cidade e as aldeias suburbanas. Gemia-lhe o coração ao vêr tantas almas escravas da ignorancia. Pelo que, de harmonia com o padre Arnolfine, varão de provada virtude, resolveu pôr diques á torrente do mal.

Á imitação do grande apostolo das Indias, andou nas ruas da cidade convidando os moradores a ouvir a palavra de Deus, oito dias sómente. Correu o povo em tropel attrahido pela novidade do espectaculo. E o zeloso missionario, dado que não pronunciasse ainda facilmente a lingua portugueza, pintou com tão vivas côres o ultraje feito a Deus pelo peccado, e o perigo em que o peccador está de resvallar ao fogo eterno, que o auditorio inteiro desde o primeiro dia rompeu em lagrimas e gemidos. Concluido o sermão, homens e mulheres tumultuosamente se prostraram aos pés do prégador, para confessarem suas culpas, com copiosas lagrimas de contricção. Renovou-se nos seguintes dias analogo espectaculo; e, ao cabo da semana, a cidade estava, digamol-o assim, transfigurada: tamanho era o numero das conversões operadas pelo homem de Deus.

Transferiu-se Malagrida, da cidade do Pará ás aldeias visinhas, onde a sua palavra produziu mudanças não menos maravilhosas. Estendeu suas excursões apostolicas até á cidade de Caiaté, distante do Pará umas cem leguas. Nem tormentos de fóme e sede, nem caminhos intransitaveis, ao travez de densas florestas, nem as torrentes que se lhe atravessavam vingaram arrefecer-lhe o ardor. Chegado a Caiaté, apenas achou para abrigo uma pessima cabana exposta a todas as ventanias, onde o esperavam todas as torturas da fóme. «Com difficuldade, «escrevia elle, encontra o meu companheiro para si

«um bocadinho de pão mendigado de porta em «porta; quanto a mim, passo dias inteiros sem ter «nada que comer.»

A providencia quizera d'esta arte affazel-o pouco e pouco ás rijas luctas que elle ia travar, para gloria de Deus com os povos da India.

V

Malagrida entre os selvagens Tobajáras, Caicaizes e Guanarés

(1724-1726)

Quando o padre Malagrida se esforçava em reanimar o fervor e a piedade no povo paraense, de repente recebeu dos superiores ordem de voltar a S. Luiz. Logo que ahi chegou, depois de borrascosa viagem, foi nomeado reitor da missão dos Tobajáras: era o encargo que o varão de Deus, em seu zelo sancto, ambicionava desde muito. Cheio de jubilo, retomou nos hombros o fardelzinho, e abordoando-se ao seu cajado, foi sosinho e descalço em demanda dos neophytos confiados ao seu disvelo.

A missão dos Tobajáras estanciava a vinte leguas de S. Luiz, e abarcava toda a margem esquerda do rio Itapicuru. Tres povoações indianas, incluindo a mais conhecida — a dos Tupinambas — formavam o nucleo d'esta nova christandade: havia ahi que far-

te incentivo ao zelo apostolico do padre Malagrida.

Aposentado na sua choça, em meio d'aquelles barbaros, pegou de cultivar com ternura paternal aquellas almas toscas e apagadas, que até então se haviam atascado desenfreadamente no enxurdeiro de suas paixões. Acercando-se dos neophytos, explicava-lhes o cathecismo, ensinava-lhes as orações da egreja, fallava-lhes de recompensas e castigos da outra vida; e, sem esmorecer na lida com tamanha ignorancia e bruteza, envidava todos os recursos da mais engenhosa caridade para lhes inspirar sentimentos christãos. Mais de uma vez, remuneram-no com ingratidões e ultrages; mas que lhe fazia isso? Á semelhança do divino Mestre, voluntariamente vertera a ultima gota de sangue para arrancar essas almas das prêzas da brutalidade.

Em esta mesma orla do Itapicuru, perto da tribu dos Tobajáras, acampavam os Caicaizes, gentio feroz, cuja conversão ao christianismo oppunha graves estorvos. Desde muito que esses barbaros se haviam rendido aos portuguezes; porém, menoscabando todos os tractados, devastavam as aldeias e plantações dos seus novos senhores. Os colonos portuguezes deram sobre elles a ferro e fogo, e os forçaram a embrenhar-se no âmago de suas florestas. Mas, passado tempo, graças ao padre Tavarey e Francisco Cardoso, aquelles barbaros, cançados da vida errante por matagaes, e batidos por tribus hostis, renovaram o tractado e pediram instantaneamente missionarios que os educassem na Religião do ver-

dadeiro Deus. Condescendeu-se com elles. A sua tribu foi reunida á dos Tobajáras, e entregue aos cuidados do padre Malagrida.

Muitas penas e fadigas deviam custar estes novos neophitos ao fervoroso missionario! Os caicaizes, brutificados pelo fetechismo, pareciam desconhecer redondamente a existencia de Deus. A mais sordida devassidão havia-lhes bestificado o intendimento e barbarisado a palavra. Nus, errantes, pobrissimos, assim viviam da caça ou da pesca, á mercê do acaso.

Malagrida, de primeiro, estudou-lhes a linguagem; depois, com palavras cariciosas e dadivas, curou de lhes ganhar a confiança. Visitava-os a miudo em suas cabanas, medicava os enfermos, levava-lhes acepipes que mendigava, e até para os alimentar se privava de comer e sustentar as forças extenuadas. Mediante mil traças suggeridas por sua caridade immensa, logrou, em breve tempo, captar a estima e até o amor d'esses barbaros que, a final, o escutavam aprazivelmente. A doutrina celestial amolgara-lhes a ferocia da indole. Renunciaram á vida de brutos. Em summa, o ardente missionario, que não cessára de implorar as bençãos do ceu sobre os seus trabalhos, logrou o prazer de regenerar nas aguas do baptismo a maxima parte d'esta tribu selvatica. Mas já então lhe preluziam novas conquistas.

A quatorze dias de navegação de S. Luiz, nas margens do córrego de Codo, que conflue no rio Itapicuru, demorava a ferocissima tribu dos guanarés. Chamados pelo padre João Villar, jezuita portuguez, ha-

viam apojado de seus bosques para assentarem vivenda em sitio menos aspero. Mas, como as bexigas os devastassem cruelmente, abandonaram o padre Villar, incendiaram as choças, e retrocederam para os matagaes. Como quer, porém, que houvessem saboreado as doçuras da vida mais humana, já os bosques lhe não quadravam tanto. Ao cabo, pois, d'alguns annos enviaram uma deputação ao governador do Maranhão, Bernardo Pereira de Berrêdo, para renovar a alliança desatada. Concluiu-se o tractado, sob condição de que elles dariam trinta indios armados de frechas que combatessem os Barbados, outra tribu barbara que prejudicava grandemente os colonos portuguezes. Os emissarios dos Guaranés fingiram acceitar as condições, e prometteram tudo ao governador, a ponto de induzirem o padre Villar a seguil-os.

Ditoso com este ensejo de ganhar almas para Deus, o destemeroso missionario embarcou-se logo com alguns neophytos em direcção áquelles selvagens. Seguiam-no alguns soldados bem armados, com destino de combater os Barbados.

Quando chegou, os selvagens acolheram-o com demonstrações de sincera alegria, incutindo-lhe risonhas esperanças. Desgraçadamente, entre os enviados Guaranés que tinham ido a S. Luiz, estava um d'esses Barbados que haviam de ser perseguidos. Na volta, o indio avisou os companheiros de que se tramava contra elles; e já se haviam entre si pactuado para a matança dos soldados portuguezes.

Quando estes menos o esperavam, viram crescer sobre si com medonho alarido a horda numerosa dos barbaros, armados de frecha e maças. Intenta o padre Villar fallar-lhes; mas um d'elles o derruba morto d'uma pancada. A maior parte dos portuguezes tem a mesma sorte; alguns, apenas, conseguiram evadir-se nos bateis.

Depois de haverem despojado o cadaver do santo martyr, os barbaros arrojaram-o ao rio. Trez dias depois, foi encontrado incorrupto sobre a ourela da margem, em meio de outros cadaveres já em começo de putrefacção. Lance maravilhoso! rodeavam-no aves de preza, e multidão de peixes vorazes que os indios chamam *piranha* ou *peixes-diabos;* mas nenhum d'esses animaes tocára nos despojos preciosos do martyr. Aureolavam-lhe a fronte resplendores, e o sangue rubro que lhe gotejava das feridas recendia grato aroma.

Succumbiu o padre Villar em 27 de agosto de 1719. (*) O ceu vingou depressa a morte do seu servo fiel. Uma epidemia terrivel arrebatou todos os filhos dos Guaranés. O miseravel, que tingira as mãos no sangue do missionario, foi devorado vivo por esqualidos insectos, e acabou a vida despedaçado de dôres, por maneira que seus proprios parentes reconheceram n'elle a vingança divina. Temerosos da justa ira dos portuguezes, os assassinos foram estabelecer-se mais longe, nas margens do rio

(*) Vej. P. Franco, *Synopsis*, anno 1719, pag. 459.

Iguara. E d'ahi não cessavam de guerrear cruel e implacavelmente os Caicaises, em meio dos quaes deixámos o padre Malagrida.

A fim de pôr termo aos males dos seus queridos neophytos, resolveu o intrepido apostolo penetrar em meio d'aquelle bravo gentio, para o ganhar para Jesus Christo. Tratou ao proposito de propiciar com presentes muitos Guaranés. Depois, convidado por elles, lá foi com vinte cathecumenos da tribu dos Caicaises. Foi recebido benignissimamente. Correram os selvagens ao seu encontro; e, saudando-o como pai, levaram-no triumphalmente a uma cabana de folhagem, onde o convidaram a repousar-se da fadiga da viagem. Bem longe estava Malagrida de suspeitar a perfidia dos seus hospedeiros. Chegada a noite, adormeceu pacificamente.

A deshoras, os barbaros reuniram a assembléa dos anciãos. O mais velho, erguendo-se, discorreu ácerca das injurias, minuciosamente relatadas, que elles haviam tragado dos Caicaises, seus inimigos. «É chegado o momento da vingança! — disse elle em conclusão. — Ámanhã, ao romper do dia, quando elles ainda estiverem sopitados no somno, matemo'l-os.» Foi applaudido por unanimidade. Depois do que a assembléa dispersou-se silenciosa.

Aos primeiros assomos da manhã, ouviu o padre Malagrida, a subitas, uma voz mysteriosa que lhe murmurava ao ouvido: «Fugi depressa, que estaes em grande perigo!» Desperto de sobresalto, olha em redor de si, e não vê ninguem; mas não duvida

que o seu anjo da guarda o adverte. De feito, instantes depois, os cathecumenos Caicaises se lhe precipitaram na choça, exclamando: «O baptismo! o baptismo! Eis os Guaranés! Ouvis os seus gritos de morte!...» E mal clamaram isto logo os inimigos armados de frechas e clavas invadem a cabana, ululando horridamente; e, n'um relançar de olhos, o chão é juncado de agonisantes banhados de sangue. Á vista de tal espectaculo, Malagrida, descuidoso do perigo sobranceiro, vai buscar um vaso cheio de agua; depois, ajuntando os seus desgraçados companheiros prostrados por terra, expirantes e cortados de golpes, inclina-se sobre cada um d'elles, move-os ao pesar de suas culpas, e a todos pelo baptismo franqueia as portas do ceu. Acabava de baptisar a ultima victima, quando os barbaros ruem infurecidos sobre elle, despem-lhe o habito, e amarram-no com liames flexiveis ao tronco de uma arvore. Depois, entrando-lhe á cabana, saqueam tudo que topam, e profanam o calice e os mais objectos sagrados que Malagrida levára comsigo para a celebração dos sagrados mysterios. Afinal, apoderando-se dos paramentos sacerdotaes, disputam-lhe os pedaços com que se vestem; e assim cobertos, um com a cazula, outro com um retalho da alva, vão dançar vertiginosamente á volta da victima amarrada, vociferando estridula berraria. N'este em meio, o virtuoso missionario, postos os olhos no ceu, agradecia ao Senhor havel-o julgado digno de soffrer em gloria do seu santissimo nome. Cançados de gritar

e saltar, os barbaros reuniram novo conselho para decidir da sorte do prisioneiro. Todos os chefes da tribu pediram á uma a sua morte; e logo foi escolhido o mais robusto para executar a sentença. E então, o barbaro, nú e pintalgado de laivos vermelhos, empennachado á volta da cabeça, com uma clava enorme cahida sobre a espadua, avança arrogantemente contra o martyr, passeia mui de passo em roda d'elle, casquinando um grande ruido de taboinhas que cingia nos cotovelos e calcanhares; e, de tempo a tempo, com um estridente berro, annunciava á victima que era chegada a sua ultima hora.

Entretanto, com a vista posta no ceu, e o aspeito esclarecido de santo jubilo, rendia Malagrida graças ao Senhor por poder, emfim, colher a palma de martyr, ha tanto tempo suspirada. Nas preces ferventissimas, pediu ao ceu o perdão dos seus algozes, e que lampejasse nos olhos d'elles o clarão da verdadeira fé. Aproxima-se, finalmente o barbaro, da victima, e já brandia a formidanda maça, quando uma velha indiana se lança contra elle, e, retendo-lhe o braço, exclama: «Suspende! Não ouses matar o enviado do Grande-Espirito! a sua morte ser-te-hia funesta!. Eu conheci aquelle que matou, ha annos, o primeiro *roupeta-negra* que aqui veiu; vi-o morrer de horrivel morte, comido de bichos, traspassado dos maiores soffrimentos!»

A taes vozes, o selvagem deixou cahir a clava. A indiana vai ter com o chefe da tribu e persuade-o a

mandar embora sem tardança aquelle homem, cuja morte lhes acarretaria enormes infortunios.

E, sem detença, os Guaranés desatam Malagrida, e impellindo-o brutalmente diante d'elles, levam-o á margem do rio Itapicuru; depois, atirando-o para uma canôa que desatracaram da margem, abandonam-o impiedosamente á corrente das ondas.

Levado pela corrente, o devotado servo de Deus não podia desfitar os olhos da inhospita margem, onde estivera a ponto de derramar seu sangue por Jesus Christo. Lagrimas pesarosas lhe innundavam as faces! De subito, uma voz plangente sôa d'entre o arvoredo da margem: «Padre! padre!» Com grande esforço, conseguiu avisinhar á margem, e atravez das ramarias pôde lobrigar uma fórma humana que se levava de rastos para a ourela do rio. E, de prompto, reconheceu um menino Caicaise que o seguira para o ajudar á missa. Durante a carnificina dos neephytos, a pobre creança fôra ferida na cabeça e ficára como morta; porém, voltando a si, podéra escapar-se na força do tumulto, e emboscar-se na floresta, d'onde entrevira o padre Malagrida na canôa, a derivar rio abaixo.

Gostoso por poder salvar esta querida creança que amava como filho, Malagrida recebeu-a no barco, pensou-lhe as feridas, e enfaixou-lh'as com um pedaço da roupeta. Apesar de extremamente fraco, o moço indio, lançando mão de uma vara que serviu de remo, dirigiu tão acertadamente o batel que, ao fim de trez dias, chegaram á aldeia dos Caicaises. Iam

lividos e desfigurados, mais similhantes a espectros que a homens. Malagrida apenas comera um pedaço de sola n'aquelles quatro dias; por tal modo os dentes se lhe haviam cerrado que foi mister abrir-lhe os queixos com instrumento de ferro. Quanto ao menino, esse não pôde vencer tamanhos soffrimentos: poucos dias depois, expirou.

Os Caicaises, como soubessem da matança dos seus, romperam em gritos de desesperação; e, tumultuando á volta da choça de Malagrida, pediam, a brados dilacerantes, as victimas que elle conduzira á morte: «Restitue-nos nossos pais, nossos esposos, nossos irmãos, nossos filhos; tu é que os perdeste, tu é que os levaste a morrer!» Novas lastimas intercortavam estas acerbas vozes. O coração do missionario estalava de angustia. Por fim, á força de brandura e bondade, conseguiu consolar a dôr dos neophytos e enxugar-lhes o pranto. (*)

(*) O biographo latino achou estas particularidades em uma relação escripta pelo proprio Malagrida.

VI

Malagrida entre os Barbados

(1726-1727)

Continuava o padre Malagrida a fertilisar com seus suores as christandades nascentes dos Tobajaras e Caicaises, supportando com paciencia prodigiosa as fadigas de tão aspera missão, quando, em fins de 1725, se lhe occasionou favoravel lanço de passar á tribu dos Barbados, a quem, desde muito, elle desejava levar o verbo da salvação.

Os Barbados, assim chamados por que deixavam crescer as barbas, ao invez dos outros indios, haviam assentado as choupanas no meio d'uma vasta floresta, perto das margens do Meary, a nove ou dez dias de navegação da foz d'este rio. Era a mais bellicosa nação d'aquellas paragens. Tinham horror ao vestido, mais ainda que as outras tribus. Á feição de enfeite, acolchetavam no beiço inferior, fu-

rando-o, um annel no qual peuduravam uma volumosa pedra redonda.

Fartas vezes os portuguezes haviam tentado subjugar aquelles barbaros ; mas retrahiam-se sempre repellidos. A caridade do padre João Tavares pôde mais com elles, resolvendo-os a desemboscar-se das mattas e estabelecer-se ás margens do Itapicuru. Aguilhoados da curiosidade, alguns chefes da tribu adiantaram-se, uma vez, até á aldeia dos Caicaises, entre os quaes estava Malagrida. Avisado da chegada, o missionario ajuntou, á pressa, as maças, facas e outros objectos d'esta natureza, que podessem agradar aos barbaros; e depois, carregado com taes presentes, foi ter-se com o chefe dos Barbados, e poz em campo os recursos todos de sua eloquencia afim de convencel-os a abjurarem a sua grosseira religião e seguirem a doutrina do Deus verdadeiro, á imitação das tribus visinhas, de Caicaises e Tobajaras.

Deram os Barbados mostras de acolherem favoravelmente as propostas do santo varão. Convidaram-o a ir á sua tribu, e prometteram sahir-lhe ao caminho para o conduzirem.

Renovadas repetidamente as promessas, despediram-se de Malagrida de modo o mais cordeal e esperançoso.

Confiando então a sua querida missão dos Tobajaras e Caicaises de outro jesuita, o apostolo do Maranhão voltou ao collegio de S. Luiz para receber instrucções dos seus superiores, e aperceber-se pa-

ra a proxima viagem aos Barbados. Reuniu provimento grande de maças, anzoes, facas e outros utensilios, com que esperava acarear a estima dos selvagens. Depois, destemido de perigos, partiu para Maracu, vinte leguas distante de S. Luiz. Ahi, escolheu quatro robustos indios da tribu dos Guajajaras para remadores ; e, porque ignorava a lingua dos Barbados, tomou como interprete um moço selvagem da tribu, que havia sido baptisado e ensinado no collegio do Maranhão. Um corajoso portuguez disputou a honra de acompanhar o missionario na sua excursão apostolica.

Com este ranchinho, entrou Malagrida em uma pequena barca ; e desviando na corrente de Pindaré até confluir com o rio Meary, remontou o segundo até á sua origem, em territorio já dos Barbados. Levava já nove dias navegados, sem encontrar os selvagens compromettidos a conduzil-o ; porém, ao decimo dia, viu surgir d'entre uma brenha á beira d'agua alguns indios, que lhe espiavam a chegada. Depois saudaram o missionario com gritos de alegria, correram a dar aviso aos companheiros ; e, d'ahi a pouco, toda a tribu descia á margem, e rodeava Malagrida com mostras de sincera amisade.

Não obstante, sem esperarem que o padre repartisse as dadivas, saltaram no batel e roubaram tudo, sem dispensa de um pouco de sal, que comiam deliciosamente. Com muito custo conseguiu Malagrida salvar do saque o calice e outros objectos sagrados.

Longe de se descompor com esta primeira vio-

lencia, rogou-lhes que o conduzissem ás suas choças. Ao travez de charnecas e mattos, ao cabo de seis horas de jornada, chegaram ao acampamento. Rodearam-no logo muitos velhos, mulheres e creanças, com a mira posta em alguma dadiva; quando viram, porém, que o missionario já não tinha que distribuir, arredaram-se carrancudos; e, ao outro dia, de madrugada, toda a tribu abandonou o padre e os companheiros, indo acampar n'outro local.

Que fazer no seio d'aquellas immensas florestas, sem provisões nem abrigo contra as inclemencias do ar e ferocidade das bestas-féras? Cheio de confiança em Deus, o valoroso missionario não se acovarda. Decidido a permanecer, a despeito de todos os impedimentos, no coração d'aquelle selvagismo, que elle queria de força arrancar ás prezas do demonio, ordenou aos companheiros que construissem com ramarias uma choupanazinha onde podessem acoitar-se da chuva e do vento. Com suas mãos ergueu o padre um altar, em que depois fruiu a consolação de immolar quotidianamente a victima immaculada, pela salvação dos barbaros. Na celebração dos santos mysterios hauria elle alentos para soffrer jubiloso todas as angustias de sua nova vida no deserto.

Aos tormentos da fóme ajuntavam-se as ferroadas dos mosquitos, que o não deixavam repousar noite e dia. Todo seu alimento era hervas ou raizes, molhadas em agua. Algumas vezes, os companheiros lhe traziam alguma caça; mas este recurso acabou-

se logo; que os quatro indios, fartos de vida tão molesta, desappareceram nas florestas, e não voltaram. Ficou Malagrida sósinho com o seu fiel portuguez e o moço interprete. Chegaram os extremos horrores da fome. Na ultima indigencia, ia mendigar aos Barbados alguns fructos e raizes amargas; mas elles, pelo ordinario, ultrajavam-o.

Andando um dia no bosque em cata de raizes, topou um Barbado, que espostejava uma féra que matára á frecha. Malagrida abeirou-se d'elle, pedindo-lhe um bocadinho da sua presa, pois que havia dois dias que não comêra nada; o selvagem, porém, sem lhe responder, chamou o cão, e atirou-lhe um pedaço de carne. «Por que dás tu ao teu cão essa carne e m'a não dás a mim?» perguntou Malagrida. — «É porque o meu cão — respondeu o barbaro — ajuda-me a caçar; e tu, se te chegas a mim, é para comer.»

D'est'arte apreciavam aquelles barbaros a dedicação do santo missionario.

Nada, todavia, o desalentava. Gisando mil traças que o zelo lhe suggeria, foi procurar os indios nas cabanas, fallou-lhes com santo enthusiasmo das bellesas do christianismo, e insensivelmente os encaminhava ao conhecimento das sublimes verdades da religião. Teve a consolação de baptisar, a occultas dos pais, grande numero de creanças moribundas, que d'ali partiram para os córos angelicos; o demonio, porém, raivando por vêr fugirem-lhe as victimas, aproveitou o incidente da morte d'ellas para des-

encadear contra o missionario furiosa tempestade.

Havia na tribu feiticeiros influentissimos n'esses povos supersticiosos. O inimigo do genero humano inspirou-lhes que arguissem o padre do Deus verdadeiro de matar as creanças mediante uma agua mysteriosa que lhes vertia na face. Esta accusação resultou o effeito esperado: os barbaros cada vez suspeitavam mais de Malagrida.

Havia algum tempo que um menino dos Barbados fôra baptisado durante uma doença mortal, e ganhára ao padre tão vivo affecto que não havia separal-o d'elle. Instigados pelos feiticeiros, os pais prohibiram-o de estar com o missionario, ameaçando-o de matarem Malagrida se elle desobedecesse.

Quanto ao interprete, obrigaram-o tambem a deixar o padre e ir-se para sua familia. Não tinha pois Malagrida comsigo senão o leal portuguez, ditoso em aquinhoar dos soffrimentos do seu bom padre.

A perseguição dos feiticeiros não parou aqui. Estes enviados do inferno ajuntaram o conselho da tribu; e, sob sua proposta, deliberaram desfazer-se dos dois importunos hospedes. Durante trez noites, consoante o seu costume, prepararam os apprestos do attentado horrendo que meditavam. Com os corpos mascarrados de preto e escarlate, a cabeça ornada de pennas multicores, dançavam bailes phreneticos, e expediam clamores que repercutiam nas profundezas da floresta.

Não sabia Malagrida a que intentos attribuir aquelles transportes de jubilo feroz; todavia, não os agourava para bem. Com effeito, na madrugada do terceiro dia, viu os dois neophytos, que lhe haviam arrancado dos braços, correndo para a sua cabana, exclamando: «Foge, depressa, padre, que te querem matar. Foge comnosco; nós te salvaremos, ainda que nos matem!...» Não pôde Malagrida suster o pranto, vendo a dedicação e o terno apêgo d'essas duas creanças; curou de convencel-as que fugissem á morte que as ameaçava, e voltassem escondidamente ás cabanas de seus pais; porém, os mocinhos christãos lhe supplicaram a chorar que os não despedisse. «Ó querido padre?—clamavam elles—nós queremos ir comtigo ao ceu; vem, foge, que ainda é tempo!»—«Fugir para onde? Bem sabeis, meus filhos, que os nossos inimigos nos cercam por todos os lados; por onde quer que vamos, perseguir-nos-hão, e não poderemos escapar-lhes...»—«Eis aqui o nosso guia—tornou um dos neophytos, pegando, subitamente inspirado, do crucifixo que pendia do pescoço do padre.—Pega da cruz, e leva-a diante de ti de modo que a face do Senhor fique voltada contra os inimigos; esta cruz os cegagará, e elles deixar-nos-hão passar sem nos fazer mal.» Malagrida acreditou ouvir a voz de Deus n'estas palavras proferidas por uma creança. Tomou pois o Crucifixo, ergueu-o aos ares voltado para os inimigos, e poz-se a caminho com o portuguez e os dois jovens indios, seus guias. Assim marcharam si-

lenciosos atravez das florestas, e se encaminharam á margem do Meary, d'onde esperavam poder facilmente passar ás plantações dos europeus. Mas, passado tempo, os guias perderam a vereda, e de volta em volta intranharam-se tanto pela floresta que já desesperavam achar-lhe evasiva.

No entanto, á hora marcada, os barbaros, sedentos de sangue, correm á choça de Malagrida para executar o horrido sacrificio. Acham-a deserta. Fremem de raiva. Rompem na piugada dos fugitivos em todas as direcções. A este tempo, Malagrida e os companheiros erravam á tôa no bosque, traspassados de cruelissimas agonias. A cada instante, tremiam de cahir nas mãos dos inimigos, cujos gritos ouviam ao longe misturados aos urros dos tigres e outras féras da matta. Não podiam dar passo que se não ensanguentassem nos espinhos dos çarçaes. Os dois indios, bem que habituados ao giro d'aquelles bosques, desanimariam, se Malagrida os não alentasse com o exemplo e palavras consoladoras. Finalmente, depois de dois dias de inaudita tortura, dado que mettessem por caminho diverso que deviam seguir, acharam-se de repente na ourela do Meary, que elles já não esperavam encontrar.

Mas, em taes ermos desconversaveis, onde achariam barco? Os dois indios cortaram arbustos tenros, e entretecendo vergonteas fizeram duas informes jangadas, sobre as quaes os quatro se confiaram á corrente que os levava com medonha celeridade. Vogando assim ao sabor das ondas, ouviram

estrallejar um grito na margem: eram os Barbados. Mais alguns instantes, e Malagrida com os companheiros lhes estariam nas prezas. Contorcendo-se em raivosos tregeitos, os barbaros avistaram ao longe a victima cortando as ondas; seguiram longo tempo a fragil jangada com a vista: alfim, desappareceu na revolta do rio, e os barbaros, desesperados de os empolgarem, voltaram á profundeza da floresta, amaldiçoando os nigromantes que não previram a fuga do missionario.

Livres d'este imminente perigo, os quatro foragidos proseguiram a sua navegação arriscada, rendendo graças ao Senhor que os livrou da furia dos inimigos. Ainda assim, não estavam de todo livres: as jangadas eram pessimamente feitas para resistirem muito tempo á violencia da corrente. Arrebatadas pela rapidez, ao cahir da noite, desfizeram-se contra um tronco de arvore que fluctuava; e, no mesmo instante, se submergiram os quatro.

Felizmente os dois indios eram déstros nadadores. Se não fossem elles, Malagrida pereceria infallivelmente. Pegaram d'elle, e lançaram-no são e salvo na margem. Sem poder enxugar a roupa, o apostolo intranhou-se alguns passos na floresta; e, ajoelhando á beira de uma arvore, orou; e, apesar de cançado, orou até ao romper da alva. «Nunca — disse elle depois — o Senhor me locupletou de favores celestiaes como n'aquella noite de saudosa memoria! Em quanto eu me inlevava na contemplação de sua bondade, que de tantos perigos me defende-

ra, cuidei vêr um corcel, ricamente ajaezado, e preste a desferir carreira. Pensei reconhecer n'este symbolo que Deus me chamava a excursões longinquas por paizes que missionarios não trilharam ainda. E, ao mesmo tempo, ouvi uma voz certificar-me que os nossos trabalhos estavam no fim.» O futuro provou que a visão não era illusoria; um prodigio a confirmou no dia seguinte.

Um pouco sobre a terra nua, e restaurando as forças desfallecidas com algumas raizes amargas, os companheiros de Malagrida teceram outra jangada, que abandonaram como a primeira ao capricho das ondas. Pouco tempo depois, encontraram em uma angra do rio um batel apercebido de tantos remos quantos eram os remadores. Espantados por acharem barco em logar tão deserto, puzeram pé em terra, e procuraram na areia as pégadas de quem trouxera o barco; e como não encontrassem vestigio que trahisse a passagem de entes humanos, pegaram de gritar. Só o ecco dos bosques lhes respondeu. E então, depois de esperarem ainda algum tempo, resolveram entrar no barco que a providencia quizera propiciar-lhe em logares tão ermos. Fervorosos de gratidão em este novo beneficio, remaram vigorosamente, e d'ahi a pouco um dos moços indios, expedindo um grito de alegria, mostrou ao longe as plantações portuguezas nas margens do Meary. Logo que o barquinho embeiçou com a praia, todos os colonos, que já carpiam a morte de Malagrida, na convicção de que os Barbados o mataram,

foram ao seu encontro e o receberam com alegres acclamações. Liberalisaram-lhe os mais sollicitos cuidados; e logo que recobrou forças deram-lhe um barco mais commodo que o trasportasse ao collegio de S. Luiz do Maranhão.

VII

Malagrida professor de litteratura no collegio de S. Luiz

(1727-1728)

Quando a sublime alma do apostolo se abrasa em zelo da gloria de Deus, não ha fadigas nem dores capazes de extinguir esse fogo devorante: trabalhar para Deus é a sua vida; soffrer por Deus é a sua ventura. Tal era Malagrida.

Algumas semanas eram passadas depois que elle voltou ao gremio de seus irmãos, encantados de o verem; e já suspira por novos trabalhos e novas conquistas. Com olhos lagrimosos ajoelhou aos pés do superior, pedindo-lhe licença para voltar ás povoações selvagens; mas o superior, insinuando-lhe a precisão que ha de seus serviços no collegio Maranhense, consegue que o apostolo generosamente immole as suas mais caras tendencias; e tão zeloso quanto fôra em buscar indios nas suas florestas, en-

carregou-se de ensinar bellas-lettras aos moços religiosos da companhia. Porém, do mesmo passo que iniciava os alumnos nos segredos da eloquencia sagrada e profana, aspirava tambem a constituil-os apostolos idoneos para um dia lhe seguirem os traços e lidarem como elle na conversão dos selvagens. Não se baldaram taes esforços; que as suas palavras, como resteas de fogo, entraram ao intimo d'essas almas juvenis, e espertaram n'ellas o desejo de operar actos heroicos pela gloria de Deus.

As occupações do ensinamento não bastavam ao zelo de Malagrida: carecia de outras luctas; e mal podia entender-se como tantas fadigas o não prostravam. Já no confessionario, já no pulpito, já á cabeceira dos enfermos e dos agonisantes, dia e noite e a servir quantos o procuravam. A cidade de S. Luiz era estreita para tanta actividade. Todos os domingos ia a algumas aldeias visinhas prégar a palavra de Deus aos camponezes. Sigamol-o em uma d'essas excurções. No sabbado á tarde, assim que sahia da cadeira de litteratura, punha-se a caminho, sempre descalço, com o unico viatico do breviario e bordão. Assim palmilhava quatro ou cinco leguas; e por distrahir-se dos tedios da viagem recitava o officio ou abysmava-se em profundas meditações, por tal modo absorvido na préce, que nem dava tento que seus pés lacerados nas sarças, deixavam apoz si longa esteira de sangue. Por chuva e sol, atravez charnecas e torrentes, pisando um chão ardente e arento que se abatia debaixo dos pés, caminhava sem-

pre; emfim, arquejante, coberto de suor e ensopado em chuva, chegava, depois de andar quatro ou seis horas, ao termo de sua viagem, ao cerrar da noite.

Immediatamente entrava na igreja, onde o esperava multidão de fieis, portuguezes e indios, confluentes dos arrabaldes. Sem mudar de roupa, subia ao pulpito, e com maviosos discursos movia o povo á penitencia; depois, entrando no confessionario, só d'ahi sahia dada a meia noite. Como lhe cumpria dizer missa no dia seguinte, não podia tomar algum alimento; e em jejum voltava a orar, e só interrompia a resa com alguns momentos de dormir, depois do que continuava a oração até romper a aurora. Logo que amanhecia, voltava ao confessionario, rodeado da turba dos penitentes, e só d'ahi sahia antes do meio dia para voltar ao pulpito e prégar um sermão que preparava os fieis para a Santa Eucharistia. Findo o sermão, celebrava missa, distribuia a communhão, dava em voz alta acção de graças com tal fervor e uncção que todos os assistentes derramavam lagrimas. Por ultimo, quando o povo sahia, prolongava as suas rezas até que o arrancavam do altar para tomar algum alimento. Depois de ter comido o bastante para sustentar as quebrantadas forças, voltava para o collegio, onde chegava perto da noite, extenuado de cançaço. Ao outro dia, voltava á cadeira de litteratura como se não houvesse sahido do collegio.

O infatigavel professor renovava estas excursões trez ou quatro vezes por mez. Em tempo de férias,

descançou das canceiras do ensino indo evangelisar as aldeias visinhas de S. Luiz. Tapuytapera, e Jeatú, Tapicurú, Nayatuba, Meary, ouviram successivamente sua voz. Tambem prégou em S. Luiz, juntamente com os padres José Martins, e José Tavares.

Taes foram os trabalhos decorridos no anno de 1727.

VIII

Nova excursão aos Barbados e aos Gamellas

(1728-1730)

Malagrida, quando tão fervorosamente se empenhava em formar futuros apostolos e restabelecer a fê entre os colonos europeus moradores no Maranhão, não podia olvidar os seus queridos selvagens errantes nas selvas, e assim esperava impaciente ensejo favoravel para voltar ao meio d'elles. A occasião depressa chegou.

Vencidos pelos portuguezes em combate decisivo, os Barbados imploraram paz, e como prova de sinceridade reclamaram missionarios que lhes quizessem ensinar a religião do verdadeiro Deus. Malagrida, esquecendo quanto padecera em meio d'aquella tribu feroz, deu-se pressa em offerecer-se para tão perigosa missão, e tanto poderam suas instancias que os superiores o elegeram. Rapidamente

reuniu boa provisão de facas, agulhas, e outros objectos de ferro e aço; e seguido do padre Jeronymo Pereira, e de uma diminuta escolta de portuguezes e indios, incluindo o moço interprete que já na primeira viagem o seguira, embarcou-se de novo no Pindaré, e dirigiu-se á força de remos a Meary. Chegado ao confluente dos dois rios, passou alguns dias em casa do capitão d'este districto, Pinheiro de Meirelles, que o recebeu em sua casa com a veneração digna de um santo, e lhe opulentou o seu thesourosinho com copia grande de coisas que deviam ajudal-o a captar a affeição dos barbaros; e até lhe offereceu seu filho, na flor dos annos, para o acompanhar na sua excursão.

«Como! — lhe respondeu Malagrida. — Pois um menino assim, poderia resistir ás fadigas e provações d'esses matagaes, onde não ha outro alimento senão fructos silvestres, que nem sempre apparecem? Não, eu não consentiria que elle fosse á terra d'esses ferozes barbaros, e culpar-me-hia se expozesse vida tão juvenil e tão bellamente esperançosa.»

Porém o capitão generoso, superando todas as fragilidades da natureza, exclamou: que seria ditoso se visse seu filho aquinhoar as calamidades do santo missionario. Por sua parte, o menino, que se chamava José, lançou-se aos joelhos de Malagrida, e exclamou: «Meu padre, rogo-lhe que me leve comsigo aos Barbados; comerei do que elles comem, e se me matarem não temo a morte por Jesus Christo.»

Dobrou-se Malagrida a tal nobresa de alma, e recebeu o menino no barco; depois, submettendo-se á protecção de Maria, estrella dos mares, entregou-se á corrente d'esse mesmo rio, onde dois annos antes tantos perigos correu.

Quando chegou, estavam os barbaros reunidos em grande numero nas margens do rio.

Á vista do barco, fizeram grande gritaria em prova do seu contentamento; porém maiores transportes estrondearam quando Malagrida começou a distribuir liberalmente as dadivas que levava. O missionario sorria a esses barbaros que se acotovellavam á volta d'elle com os braços estendidos; depois, quando um recebia uma faca, outro uma clava, retiravam-se saltando de gosto e floreando no ar, com roucos gritos, o objecto que lhe coubera. Aproveitou Malagrida pressurosamente as boas disposições dos Barbados. Com auxilio de dois companheiros, construiu duas cabanas de ramagens, uma para oratorio, e outra para habitação. Em seguida, mandou a barca e os remadores para o Maranhão, ficando com seis companheiros e o moço interprete.

Installado bem ou mal n'essa pobre cabana, poz peito á obra de suavisar e corrigir os ferozes costumes dos seus barbaros hospedes. Graças á sua ardente caridade, tornou-se em breve objecto de admiração e amor de toda a tribu. As creanças principalmente folgavam de reunirem-se á volta d'elle, e suspensas de seus labios escutavam anhelantes as grandes verdades que lhes expunha. Era tão admi-

ravel a paciencia com que cem vezes repetia as mesmas coisas para as imprimir na memoria ingrata dos seus ouvintes, como o engenho com que lhes fazia entender os mysterios da fé, mediante comparações ajustadas ao genio da nação, e á rudeza d'essas intelligencias broncas. Não foram estereis estes trabalhos: o santo missionario teve o prazer de baptisar grande numero de adultos, e com sua diligencia n'essas regiões, até ali tão infructiferas, formou uma fervorosa christandade.

Mas, tão bella colheita custou ao obreiro evangelico muito suor derramado n'aquella terra ingrata, e muitos perigos imminentes. Aventurando-se um dia a um caminho arriscadissimo, cortado a espaços por grandes lagos e torrentes impetuosas acardumadas de caimões, não tinha para atravessar as torrentes senão umas redouças suspensas sobre o abysmo de uma á outra margem, e presas aos galhos das arvores. Quando passava uma d'estas pontes aerias, ou por que lhe faltasse o pé, ou as redouças se rompessem, o missionario cahiu ao rio, e foi salvo por um bravo neophito que se lançou a nado.

Não foi este o unico perigo d'esta excursão. Sahira com dois indios e dois soldados portuguezes; e, a meio caminho, os indios desappareceram. Quasi ao mesmo tempo, veiu um neophyto annunciar-lhe que os pagãos de uma tribu visinha queriam matal-o e aos seus companheiros. Tratam de fugir; mas por desgraça, chegam ás margens de um lago e não acham ponte que os passasse. Com pouca hesitação

lançam-se os dois soldados a nado, pegam do missionario entre elles e o sustentam cada um com sua mão á flôr das ondas. «Custa a comprehender, (diz o biographo latino que nos conservou este pormenor) como poderam escapar ao perigo; porque a cada instante roçavam com o pé em crocodillos e serpentes, e apesar d'isso chegaram sãos e salvos á outra margem. «Outra vez que Malagrida havia de atravessar um lago similhante, dois indios que o acompanhavam o tomaram sobre os hombros; mas não achando bastante commoda esta maneira de o levar, ataram-no de pés e mãos e pela cintura a um longo esgalho do qual cada um d'elles poz sobre o hombro uma ponta. Foram assim indo até ao meio do lago; mas ahi, cansados de caminhar no lodo, onde ás vezes se enterravam até ao pescoço, ameaçaram o padre de o deixar assim no meio da agua se lhe não dobrasse o salario. Que remedio teria o pobre missionario senão ceder-lhes!

Emquanto assim trabalhava na conversão dos Barbados, travou-se guerra cruel entre esta povoação e a tribu visinha dos Acroás. Eram os mais ferozes indigenas de todo o Maranhão. Os portuguezes os designavam geralmente com o nome de Gamellas, por causa d'uma especie de vasozinho circular, que elles mettem á laia de enfeite no labio inferior. Eralhes delicioso comer carne humana; e na satisfação d'este feroz appetite, caçavam os seus similhantes dentro das florestas, e quantos desgraçados lhes cahiam nas mãos eram implacavelmente assados e co-

midos. Muitos Barbados eram já mortos victimas de tanta ferocidade. E a fim de exterminarem tão monstruosas cruezas, toda a tribu pegou em armas, e com o soccorro de uma manga de portuguezes, avançaram sobre o inimigo em numero de seiscentos homens. Malagrida ajuntou-se áquelle pequeno exercito. E prevendo que o combate seria encarniçado, e as victimas de ambos os lados seriam muitas sem baptismo, envidou todos os esforços da sua eloquencia em persuadir aos caudilhos dos Barbados de tentar conciliação antes de romper a batalha. Prometteram-lhe que sim. Passados trez dias de marcha difficil e perigosa, descobriram em fim as choupanas dos Gamellas. Já elles tinham visto de longe o exercito inimigo, e vinham correndo a encontral-os com pavorosos berros. Malagrida então, hasteando um crucifixo, adiantou-se sósinho com o interprete para a frente d'elles, e lhes offereceu a paz em nome dos Barbados e dos portuguezes, e mostrando-lhes Jesus crucificado, dizia: «Este Deus, cuja imagem vêdes, deu por nós seu sangue e vida, baixando do ceu para trazer a paz ao mundo. Conhecei-o, e adorae-o; deixae as florestas onde erraes quaes bestas-féras, vivendo miseravel vida; vinde ao aprisco de Jesus onde achareis abundante pasto.»

Á palavra paz os Gamellas responderam com uma saraivada de fréchas, e grande numero de portuguezes e Barbados foram a terra. Por pouco que Malagrida não foi victima d'esta infame traição. Uma frecha vibrante no ar lhe bateu na cabeça; mas resvalan-

do-lhe no chapeu foi ferir um indio a quem o bom padre fazia trincheira com o seu corpo.

Os Gamellas, aproveitando a turbação do exercito, precipitaram-se com furor sobre o inimigo; mas os portuguezes, assestando-lhe um rijo fogo de mosquetes, mataram grande numero. Os barbaros, que nunca tinham visto nem ouvido armas de fogo, recuaram assombrados primeiramente; mas, passada a surpresa, voltaram á carga com as suas terriveis clavas. Então o padre Malagrida, vendo quão difficil seria resistir a tamanha multidão, aconselhou aos portuguezes que batessem em retirada, o que elles logo fizeram. Quanto aos Barbados, muito a seu pezar abandonaram o campo; e como consolação do desastre levaram comsigo o cadaver de um dos inimigos, que desfizeram em bocadinhos, depois de o ultrajarem indignamente. A poucos passos d'esta scena horrenda, Malagrida occupava-se a cravar um espeque em que pendurou um cesto cheio de instrumentos de ferro: queria dar com isto a perceber aos barbaros que os Portuguezes eram alli vindos com intenções pacificas. Na volta da expedição, os Barbados, furiosos com o revez, expulsaram todos os portuguezes a quem imputavam a derrota. Malagrida muito a custo conseguiu consolar os seus queridos selvagens; porem, alumiado por luzes celestiaes, em nome de Deus lhes annunciou, que desde aquella hora em diante não teriam que temer dos seus crueis inimigos. Esta predicção confirmaram-na os successos. Ao cabo de alguns annos, os Acroás, já menos

ferozes, sahiram das suas florestas expontaneamente, pedindo alliança aos portuguezes, e um missionario que lhes ensinasse a religião do verdadeiro Deus.

Foi-lhes enviado o padre Antonio Machado, que passou com elles seis annos (1751-1757,) soffrendo com heroica paciencia todas as penas d'esta laboriosa missão.

Por sua parte, Malagrida permaneceu ainda dois annos entre os Barbados. O seu biographo, que teve grande parte em seus trabalhos, nos descreve a vida que elle passava entre aquelles barbaros, dizendo: «Renuncio em contar pelo miudo tudo o que este venerando religioso soffreu emquanto residiu entre os Barbados. Quer-me parecer que elle viveria vida mais socegada em meio de bestas-feras do que com tal gentio, corrompido e perverso quanto é possivel. A sua vivenda era uma choça miseravel, exposta a todos os ventos, e infestada de multidão de mosquitos, que lhe não deixavam hora de descanso. Havia entre esses insectos notavelmente um, chamado *piun*, quasi invisivel a olho desarmado, mas cuja ferroada causa dores atrozes. Não obstante, o padre Malagrida supportava todas estas incommodidades com santa alegria: «Que quereis vós? dizia elle aos que se lastimavam dos mosquitos: —Esses bichinhos foram postos no mundo para exercitar a nossa paciencia, e incutir-nos no animo, a pezar nosso, a idéa de Deus!»

De envolta com estes padecimentos, o Senhor concedeu ao seu servo uma doce consolação; quero fallar da morte edificante d'aquelles dois selvagens

que deixaram familia e tribu para seguir o santo missionario. Morreram, ambos na flor da edade, em sentimentos de ternissima piedade. Um, chamado Gabriel, como seu pai adoptivo, em poucos dias foi arrebatado por uma febre maligna: no auge do fogo que o consumia, denotava jubilo grande por ir unir-se ao seu Deus com os anjos e santos do paraizo. Expirou suavemente com o sorriso nos labios, nos braços de Malagrida, que não pôde ter as lagrimas vendo este anjo alar-se para o ceu. Chamava-se o outro Paulo Oliva. Chegara ao collegio de S. Luiz na vespera da festividade de S. João Baptista. Os meninos, consoante a uzança que ainda hoje dura em certas provincias, tinham accendido uma grande fogueira no meio do pateo, e saltavam á competencia por cima das brazas a ver quem o faria mais alto. Esta brincadeira era muito predilecta do nosso juvenil selvagem; pois como era muito expedito acceitou logo o desafio. E para logo deu alor aos braços, e arrojou-se intrepidamente ás chammas; mas no mesmo instante, outro menino, correndo com toda a força, chega do lado opposto, e em resultado do embate os dois infelizes cahem derrubados sobre o brazido. Um d'elles safou-se pouco molestado; porem não succedeu o mesmo ao selvagemsinho: quando o tiraram do lume, estava coberto de horriveis queimaduras e vomitava golphos de sangue. Levaram-no para a cama, onde elle, descurando as feridas, mandou chamar o padre Jeronimo Pereira, seu confessor, afim de preparar-se para chegar ao tri-

bunal de Deus. Nos oito dias que ainda viveu, deu provas de paciencia verdadeiramente admiraveis. «Com certeza,—repetia elle—sou indigno de possuir a felicidade do ceo, e apezar d'isso anceio ardentemente gozal-a cedo.»

Momentos antes da sua morte, como elle se mostrasse turbado de grande terror, o confessor lhe perguntou o que tinha: «Não vedes este monstro prestes a devorar-me?» O confessor aquietou-o fazendo-lhe pronunciar os doces nomes de Jesus e Maria,suas derradeiras palavras. O padre Malagrida, quando lhe contaram esta formosa morte, exclamou: «Tudo o que tenho soffrido até agora, me é recompensado pela entrada d'esses dois anjos no ceu.» Palavras sublimes do apostolo que nenhuma conta faz de suas dores quando se trata da salvação de uma só alma.

IX

Malagrida professor de theologia e de litteratura simultaneamente

(1730-1735)

No principio do anno de 1730 foi Malagrida outra vez chamado pelos superiores para ensinar theologia no collegio do Maranhão. Era custoso ao fervente apostolo arrancar-se á sua cara missão: assás o revelou nas lagrimas choradas, quando abençoava pela derradeira vez os seus amados neophytos : mas, digno filho de Santo Ignacio, a sua missão era obedecer sem delongas nem replica ao menor aceno de seus superiores.

Depositou a nascente christandade dos Barbados nas mãos do padre João Tavares, e retomou a pé o caminho de S. Luiz. Logo que chegou, este infatigavel missionario, ha pouco ainda occupado em balbuciar em lingua barbara os primeiros elementos em lingua christan, começou um curso publico de

theologia, que continuou por espaço de cinco annos consecutivos, com reputação sempre augmentada de santidade e sciencia. Ao mesmo tempo dedicava longas horas em iniciar os meninos do collegio nos segredos da poesia e eloquencia. Verdadeiramente havia ahi muito que satisfizesse um homem activo e laborioso, mas não bastava a Malagrida. Ensinava promiscuamente a theologia e a litteratura, exercia o cargo de perfeito dos estudos, de consultor do collegio, e de toda a vice provincia, emfim dirigia como pai espiritual a consciencia de seus irmãos, que fiavam tudo d'elle. Ninguem mais a ponto sabia sanear escrupulos, e consolar aquelles que as tentações aprezavam. Porem uma das suas obras privilegiadas, era dirigir a congregação da Virgem Sancta, á qual pertenciam os alumnos do collegio mais distinctos em applicação e piedade. Com tal director, aquelles meninos volviam-se verdadeiros apostolos, que com o exemplo e com a palavra recendiam a suavissima fragrancia de Jesus Christo. Todos os domingos e dias santificados ajuntavam-se os congregados na capella do collegio, e guiados pelo proprio padre Malagrida, sahiam procicionalmente, com o estandarte erguido, e percorriam devagar, com os cantares das litanias, as ruas principaes da cidade. Chegados a qualquer praçá, paravam, e dispunham-se em circulo á volta de Malagrida; e quando o povo, attrahido por este espectaculo, se agrupava á volta d'elles, começava o padre a explicação do cathecismo, e em prezença das multidões interrogava os

meninos, que timbravam em responder com acerto diante de assemblea tão numerosa; depois concluia com o sermão sobre assumpto já tratado em forma de cathecismo, e impressionava vivamente o espirito dos ouvintes.

Eram estas as occupações de Malagrida durante o anno escholar. Chegadas as ferias, afadigava-se em outros encargos, levando ás aldeias dos arrabaldes os *exercicios* de Santo Ignacio.

Resoava-lhe constantemente aos ouvidos aquella voz mysteriosa que ouvira pela primeira vez no concavo da floresta onde o naufragio o arrojara, quando fugia aos Barbados pelo rio Meary: «Vai—repetia-lhe aquella voz: — vai trabalhar na salvação das almas.»

Mais de uma vez pedira aos superiores authorisação para unicamente curar das missões: era-lhe porem estorvo a falta de homem que o substituisse. Tentou emfim o ultimo recurso perante o geral da companhia, escrevendo-lhe uma carta na qual, em nome da gloria de Deus, o conjurava a defferir-lhe.

Em quanto esperava resposta de Roma, continuou ardentemente os seus lavores do costume nos suburbios do Maranhão. Attendeu mormente a extirpar discordias e odios que reinavam entre esses povos de indole arrebatada e vingativa. Se sabia que dois christãos nutriam reciprocos sentimentos de odio, ia ter com elles e com energicas palavras lhes arrancava a promessa de se reconciliarem publicamente na igreja, dando-se o osculo de paz, diante da ima-

gem do Salvador crucificado, como caução de sincera e cordial amisade.

Prégava elle um dia na cidade do Maranhão ácerca do perdão das injurias. Muitos ouvintes seus, tocados pelas palavras do sancto varão, ergueramse de golpe em meio da assembléa, pedindo reconciliação aos inimigos. Entre estes havia um que recebera de seus parentes injuria mortal; e, dado que fosse elle o offendido, abeirou-se do inimigo e propoz-lhe publica reconciliação; mas elle desabridamente o recebeu. Á vista d'isso, Malagrida, indignado e transportado em zelo santo, apostrophou o culpado do alto do pulpito: «Pois que! meu irmão: —lhe diz elle—não quereis perdoar ao vosso proximo para que o Senhor vos perdoe?» Repetiu estas palavras muitas vezes; e como aquelle homem obdurado insistia na recusa, exclamou com voz atroadora: «Peccador, recusas escutar o teu Deus que te convida a perdoar, emquanto ainda é tempo; mas não tardará que prestes conta ao teu juiz da tua dureza, e soffrerás então o castigo merecido.»

No dia seguinte aquelle desgraçado morreu de um tiro desfechado por mão desconhecida. Toda a gente reconheceu n'aquella subita morte um castigo do ceo, e desde então, o missionario foi considerado como santo que lia no futuro os juizos de Deus.

X

Malagrida evangelisa a provincia do Maranhão e passa á Bahia

(1735-1736)

Fora dos grandes centros de população, como S. Luiz e Pará, havia na basta diocesse do Maranhão, alem dos selvagens vagabundos, grupos de habitantes, dispersos, nos interiores das terras, compostos de gente ignobil que se refugiara n'esses desertos para esquivar-se ao rigor das leis. Eram negros, mestiços, escravos foragidos, ladrões de estrada, apostatas infames de pessimos costumes, empregados no lodaçal de todos os vicios, e quasi totalmente privados dos soccorros da religião.

Malagrida esperava desde muito a ventura de levar os cuidados da sua caridade áquellas almas desamparadas. Realisou-se-lhe a vontade.

Apoz longos mezes de espera, recebeu de Roma carta em que o padre Geral Francisco Retz lhe con-

cedia que reatasse as suas excursões apostolicas, e admoestava os superiores a que o auxiliassem n'aquella obra eminentemente util á gloria de Deus e á salvação das almas.

Remanesciam ainda duas difficuldades graves: por falta de sugeitos idoneos não sabiam os superiores onde encontrar professor de theologia que substituisse Malagrida; e afora isso, não podiam dar-lhe companheiro, sem o qual, todavia, metter-se em emreza tão eriçada de perigos seria temeridade. Acudiu a tudo a providencia. O padre Manuel da Silva, que ensinava theologia de concerto com Malagrida, offereceu-se a reunir os alumnos dos dois cursos, e João Rodrigues Cavete, administrador da diocese do Maranhão, durante a vacatura da sé episcopal, quiz ser o companheiro do fervoroso missionario, cuja eminente virtude apreciava.

Eis aberta carreira nova ao nosso heroe, na qual entrou sob os auspicios do seu bem-aventurado Padre, aos 31 de julho de 1735, quando se festeja Santo Ignacio de Loyola.

Embarcado em um ligeiro bote, subiu a remos a corrente do Itapicurú, saudou de passagem as christandades novas que fundara nas margens d'este rio, e, apoz quinze dias de ruim navegação, aportou emfim á aldeia, onde viviam, por elle associados, os Guanares, entre os quaes estivera no gume de colher a palma do martyrio.

Foi esta a ultima aldeia que topou antes de embrenhar-se nas regiões incultas e dezertas, que se-

param S. Luiz da Bahia. Desde esse ponto, em extenção de 450 legoas,é tudo serras alcantiladas, hirtas de mattos, atravez dos quaes só o machado pode abrir vereda ; ou então esplainadas immensas, queimadas no estio pelo ardor do sol, e alagadas no inverno por torrentes sem numero. N'estes infinitos desertos, não ha mais creaturas vivas que bestas-feras e alguns indios ferozes que espreitam dentre os sarçaes o caminheiro desgarrado para o cravarem com suas azagaias hervadas, e lhe comerem as carnes, assadas em fogueiras.

Tamanhos perigos não estremecem a coragem do intrepido apostolo: sempre tranquillo e sereno, caminha afoitamente, distrahido em Deus, e suavisando na oração as fadigas do caminho. Depois de ter seguido a corrente do Maratoan, um dos confluentes do Parnahyba, voltou para Cerobis; d'ahi passou á Piracuruca, paiz dos indios Haroás, e chegou emfim até Moicha, aldeia mais importante que se topa nessas bastas savanas.

Desde muito que a sua reputação o precedera n'esses lugares selvaticos. Alguns habitantes, perdidos por esses bosques, e maravilhados dos prodigios que se contavam do padre, disseram: «vamos ver este santo homem.» e afrontando os incommodos de uma longa viagem, chegaram até Moicha a visitar Malagrida : «Não, eu não sou santo,» lhes diz elle sorrindo docemente, saudando-os mui affavel. Por estas palavras os habitantes da floresta perceberam que o homem de Deus lhes entrara ao recondito da

alma, e confirmados plenamente no alto conceito que formaram de Malagrida, volveram-se ás suas cabanas, bemdizendo o Senhor que lhes fizera conhecer um *santo!*

Graças á veneração que inspirava, o santo varão colheu copiosos fructos das suas prégações. Depois que evangelisou as duas provincias mais remotas do Maranhão, a de Pyauhi e a de Parahyba, pensava em retroceder, quando lhe chegou uma deputação com bandeira á frente, enviada pelos habitantes das margens de S. Francisco. O caudilho do pequeno rancho, conjura Malagrida, em nome de Jesus Christo, a ter piedade dos povos da provincia da Bahia, e a ir repartir com elles tambem o pão da palavra divina.

Se o digno apostolo escutasse somente os impulsos do seu coração, partira logo, correspondendo a tão honroso convite; mas elle ignorova se os superiores tencionavam que transposesse os limites da diocese do Maranhão; e filho verdadeiro da obediencia, nada queria operar sem o consenso d'aquelles que lhe eram representantes de Deus.

Por grande ventura encontrara em caminho o padre Francisco Camello, que seguia para S. Luiz: deu-lhe uma carta para os superiores, na qual relacionava os seus primeiros actos, fallava dos seus novos projectos, e pedia licença para alongar as suas excurções apostolicas. Depois, emquanto a resposta não ia, dirigiu-se a pé ás margens de S. Francisco, e, como outr'ora S. João Baptista nas mar-

gens do Jordão, prégou a penitencia aos fieis que encontrou. N'este intervallo, voltou de S. Luiz o padre Camello, e entregou a Malagrida a licença desejada. No galarim dos seus votos, partiu logo o apostolo a prégar nas muitas parochias, cujos vigarios, ao rumor da sua chegada, lhes reclamaram a presença nos termos mais urgentes. Seguido do padre Camello, visitou sucessivamente Jacobina, Tucos, Agoa-fria, Tucon, e as outras aldeias dispersas na provincia da Bahia. Ao mesmo tempo avisou da chegada o padre Miguel da Costa, visitador geral do Brazil, que estava então no seminario de Belem, perto da Bahia. Em uma carta delicadissima dizia ao novo superior que lhe era aprazivel ter logar entre os seus filhos mais devotados e submissos. O padre Costa, que o conhecia desde muito pela fama, deu-se pressa em lhe sahir ao encontro com os padres Manoel Franco e Vicente Gomes, e o recebeu com ternura paternal; ao passo que Manoel de Cerqueira, reitor do collegio de Belem, o convidou a descansar em sua caza, do cansaço da longa viagem. Dezesete mezes eram passados depois que Malagrida deixara S. Luiz do Maranhão.

Grato nos seria seguil-o passo por passo nesse longo trajecto,.e vel-o trilhar descalço pedregosos caminhos, exposto ás inclemencias do ar, passando noites inteiras por florestas, desabrigado, deitado no chão estreme, com as roupas molhadas da chuva; e, neste viver assim, prégando, confessando, cathequisando, por entre tamanhos desconfortos, mos-

trando sempre alegria e resignação inalteraveis: porém, estas miudezas ficaram como sepultadas nas solidões que as presenciaram: dois factos apenas se resgataram do esquecimento. O primeiro foi propriamente referido por Malagrida ao padre Caetano Dias. Na expanção de uma pratica intima o padre Dias, observando que o apostolo tinha a barba toda branca e os cabellos louros, perguntou-lhe como se fizera aquella mudança. O santo varão respondeu com a seguinte narrativa:

«Divagava eu em uma vasta floresta, pensando no meu Deus, quando, repentinamente, vi surgir ante mim, sob forma humana, uma pobre alma do purgatorio, soluçando lamentaveis gemidos, e pedindo-me que me apiedasse d'ella e a consolasse com as minhas oraçoens: «Rogo-vos — ajunctou ella—que só cesseis de implorar para mim a clemencia de Deus, quando as vossas barbas encanecerem: esse será o signal de que estou redemida... «E, dito isto, desappareceu. Fiz o que ella me recommendára; e, pouco tempo depois, com grande espanto meu, a minha barba, que era loura como os cabellos, tornou-se branca. Convencido de que Deus aliviara aquella alma atormentada, mudei as minhas oraçoens em cantico de acçoens de graça.

Outro prodigio assignalou a viagem de S. Luiz á Bahia. Um dia que o sol meridiano dardejava seus raios escaldantes sobre toda a região, Malagrida ajoelhára á sombra de uma arvore a recitar o officio. De subito, ouve um gritar de barbaros; e, erguendo os

olhos, vê caminhando para elle um rancho de homens conduzindo um possesso cuja furia difficilmente reprimiam: «Vimos pedir-vos que livreis este desgraçado — disseram elles ao missionario. E no entanto o energumeno, espumejando de raiva e ringindo os dentes, rolava os olhos pavorosos, remettendo contra Malagrida, mas sentindo que mão invisivel o refreava. Então o homem de Deus ordena ao demonio que solte a preza; e mal proferida a phrase, Satan pegou de gritar pela bocca da victima: «Basta! basta! quero sahir! —És o pai da mentira— replicou Malagrida—Só te acreditarei quando me deres caução da tua promessa. — A caução que te dou —urrou o demonio enfuriado—é que não cessarei de te perseguir até á morte. «E proferidas estas vozes, sumiu-se.

No decurso desta historia veremos que o inimigo dos homens cumpriu a ameaças, desquitando-se da palavra dada quando poz Malagrida sobre uma fogueira infamadora, e ahi morreu estrangulado por mão do algoz! Pelo que, o pintor que nos deixou os traços deste sancto homem, querendo em pouco resumir a sua vida de angustia, gravou na orla do retrato estas palavras de Escriptura: *Quanta malignatus est inimicus in sancto!* (*) Que de protervias o inimigo não praticou com aquelle sancto!

(*) Ps. LXXIII, 3.

XI

Trabalhos apostolicos de Malagrida na Bahia e seus arredores

1736-1741

Nos confins das duas provincias de Maranhão e Bahia, na extremidade oriental de uma enseada magnifica, medindo oito leguas longitudinaes e seis de largura, ergue-se a opulenta cidade de S. Salvador, commummente chamada Bahia, nome derivado da bahia á entrada da qual está situada. Esta cidade, outr'ora capital de todo o Brazil, era, em virtude da sua posição, o nucleo de commercio florentissimo ; porém ahi, onde regorgitava abundancia de bens terreaes, buscaram em vão os olhos contristados do apostolo o thesouro mais precioso da virtude e piedade. Durante cinco annos, não obstante, esforçar-se-ha sanctamente em restaurar o reino de Jesus Christo nas almas d'esses mercadores, mais preoccupados

dos interesses transitorios d'esta vida, que da sua eterna salvação.

No principio de dezembro de 1736, entrou o apostolo na Bahia. Ao primeiro boato da sua chegada, o povo foi esperal-o e recebel-o com jubilosas acclamações. Não se cançavam de contemplar o rosto d'aquelle homem extraordinario, cujos cabellos brancos e barba ruiva imprimiam certa magestade que impunha respeito e veneração.

Levava Malagrida comsigo uma imagem da Sanctissima Virgem, que o acompanhára em suas peregrinações. Á vista d'aquella sagrada imagem, formou-se improvisa e espontaneamente uma procissão; a estatua foi collocada em um andor enfeitado de folhas e flores, e conduzido em triumpho ao collegio dos jesuitas. Era para Malagrida dulcissimo goso ver as honras com que era recebida Aquella que elle tão do coração chamava sua Senhora e Mãe!

Antes, porém, de prégar a esse povo tão bem intencionado, o apostolo quiz brunir, como elle dizia, as suas armas espirituaes. Encerrou-se no seu cenobio, e ahi, por espaço de dez dias, retemperou sua alma nos sanctos exercicios da oração e penitencia. Depois, cheio de divino espirito, inaugurou na igreja do collegio a série das suas prégações. Tomando como texto as palavras do apostolo: «Eis o momento favoravel, eis os dias da salvação,» rogou aos ouvintes que não descurassem os preciosos momentos da graça; e, em seguida, mostrando a imagem de Maria, ainda exposta no andor em que

a levaram ao collegio: «Vede ahi Nossa Senhora! —exclamou elle.—Das afastadas regiões do Maranhão dignou-se vir até á vossa cidade para nos reconciliar com seu Filho offendido, e fazer ouvir palavras de perdão aos peccadores contrictos: ouvide-a, e fazei o que Ella vos disser!»

Em seguida ao primeiro sermão, Malagrida mandou a veneravel imagem para a Cathedral. Á frente da procissão ia elle com um crucifixo: seguiam-o longa fila de padres e fieis, cantando louvores á Virgem Sanctissima. Na cathedral, subiu ao pulpito, e commentou as palavras de S. Paulo: «Somos embaixadores do Altissimo, vindos a exhortar-vos que não recebais em vão a graça de Deus!»

A multidão compacta sob o pulpito não foi menos assidua nos dias seguintes, pois que logo estrondeou a pujança apostolica do sancto missionario. A descripção que fez do peccado e da sua iniquidade produziu tal commoção, que algumas pessoas do auditorio desmaiaram; em quanto outras, gemendo e batendo nos peitos, se lançavam depois aos pés do apostolo confessando peccados occultos desde muitos annos. Homens inimistados por velhos odios, deram entre si publicamente o osculo da paz; ricos mercadores esvasiaram seus cofres em restituições valiosas; o pompear derivou a modesta simplicidade—e não foi este o somenos triumpho de Malagrida; por que era ahi tão fora de villa e termo o luxo que certas damas, por que não podiam esquipar-se com brilhantes adornos, já deixavam de ir ás egrejas em dias

de festividade. O sancto homem remediou tamanhas desordens com as suas prégações. Entre as conversões que operou, apenas temos lembrança de duas.

Um homem, enxurdado no lamaçal do vicio, resistira a todas as solicitações da graça. Sermões, exhortações, rogos, nada vingara desprendêl-o de seus ignobeis costumes. Tentou Malagrida por sua vez amolentar aquelle empedernido coração; e, como tambem a elle se lhe baldassem os esforços, no fim de um sermão, açoitou-se publicamente por tão aspero modo, que o sangue lhe espirrava das espaduas ao pavimento da egreja. A tal espectaculo o peccador não se conteve: desfeito em lagrimas, correu a prostrar-se aós pés do sancto, implorando com gemidos o perdão de seus crimes.

Vivia uma mulher separada do marido, havia muito tempo. O marido, abalado pelos sermões de Malagrida, resolveu pôr termo ao escandalo, e rogou ao padre que movesse a reconciliação. Foi o jesuita a casa da mulher, que se recusou a cumprir seu dever, e nem sequer se dignou responder-lhe. Elle então, pegando do crucifixo, admoestou-a a cuidar em sua salvação, e nas penas eternas que a ameaçavam. Nem assim. Desesperado de vencer a teimosia d'esta desgraçada creatura, ergueu-se para sahir, mas ao abrir a porta, exclamou: Bemaventurada Virgem Maria, refugio dos peccadores! vinde em soccorro d'esta infeliz, que tão rapida resvala á perdição.» A mulher ouvira, sem comprehendel-as, aquellas palavras; e quiz saber o que o padre dissera.

«Eu disse — respondeu elle em tom de inspirado — que, se não mudais de vida, vos despenhareis infallivelmente na eterna condemnação!—Oh! eu quero salvar-me!—exclamou então a dispavorida mulher:—quero converter-me! perdão! perdão! meu padre!—E com o rosto coberto de lagrimas prometteu d'hora em diante observar fielmente os seus deveres de esposa christan.

Estabeleceu Malagrida na capella do Bom-Jesus a confraria do Sagrado-Coração, afim de fortalecer o bem que operára nas almas. Nenhuma devoção lhe pareceu mais consentanea à conservar nos espiritos a luz da caridade que a devoção ao coração adoravel do Salvador; pelo que, em todas as suas missões a recommendava principalmente ás almas pias.

Entre as pessoas desatadas do jugo do demonio por seus sermões, havia numero grande de moças infelizes que tinham vivido no maior deregramento. Afim de abrigar estas almas á seducção, planeou edificar-lhes azilo de refugio onde podessem solitarias chorar as passadas culpas, e delir com a penitencia as maculas da vida peccaminosa. Communicou este designio ao superior, que approvou a excellente obra; observou-lhe, todavia, que, não dispondo de rendimentos certos para alimentar as pobres mulheres, era de recear que a empreza, aliás utilissima á gloria de Deus, não surtisse bom resultado. Respondeu o sancto á objecção que fiava tudo da Providencia divina, e citou o exemplo de Santa Thereza, a qual, com medianos recursos, construira muitos azi-

los florescentes. Convieram os dois que se submettessem á decisão do Geral da Companhia. Não se demorou resposta de Roma. Em sua carta, o padre Francisco Retz felicitava Malagrida pela dedicação com que trabalhava na conversão das pobres peccadoras,—obra tanto do agrado de Sancto Ignacio. «Approvo grandemente —ajunctava elle— o vosso projecto de edificar azilo para essas mulheres abandonadas; mas, antes d'isso, fundae um convento onde sejam recebidas donzellas dotadas; e, com os soccorros d'esta casa, mais facil vos será realisar o primeiro projecto.»

Esta resposta do Geral foi para Malagrida a expressão da vontade Divina. Poz logo mãos á obra. Graças ás avultadas esmolas, espontaneamente offerecidas por pessoas dadivosas, parte do convento depressa se construiu. Mais de vinte donzellas das principaes familias da Bahia disputaram ao mesmo tempo a distincção de consagrar-se ao Senhor no mosteiro novo. No dia em que tomaram posse da sua sancta morada, foi dia festejado em toda a cidade. As mesmas distinctas pessoas acompanharam-as até aos umbraes do convento; e, ahi, Malagrida lhes fallou algumas phrases calorosas, felicitando-as por sua boa-sorte. E, depois, cerraram-se as gradarias das novas esposas de Jesus Christo. Deu-lhes Malagrida a regra das Ursulinas; e para logo, o aroma de suas virtudes rescendeu por toda a cidade, e todos bemdiziam o apostolo e suas obras. Os padres, escrevendo ao seu bispo, applicaram ao

sancto varão as palavras do Apocalypse. «Eu vi o anjo do esforço, Gabriel» ou o texto de S. Lucas: «O anjo Gabriel foi enviado á cidade.»

Os desvelos de Malagrida com esta fundação não interromperam o curso dos seus sermões. Todas as cidades, e aldeias comvisinhas da Bahia, Maragogipe, Cachoeira, Aguafria, Inhambupe, Villa Nova e outras ouviram revezadamente a sua voz, e por toda a parte numerosas conversões lhe assignalaram a passagem. Quasi sempre o homem de Deus era forçado a prégar ao ar livre, pois que as egrejas eram pequenissimas para conter os multidões ávidas de ouvil-o. De muitas leguas em roda, confluiam os habitantes dos bosques para o vêr, e lhe seguiam os passos de aldêa em aldêa. O inferno remugiu mais de uma vez, enraivecido pelas conquistas do padre. Na cidade de Maragogipe, uma das primeiras em que prégou, ouviram-se durante a noite horrendos gritos de envolta com lamentações, como se o demonio quizesse assim testemunhar quanto lhe doía o arrancarem-lhe as suas victimas.

Esta incrivel efficacia da palavra de Malagrida devia-se á sua sancta vida e ao assombroso numero de prodigios com que Deus se comprazia em glorificar o seu servo. Assim foi que, em meio de um sermão que prégava na igreja de Nossa Senhora do Rozario, em Maragogipe, viram-no de subito aureolado de celestial resplandor, e de sua capa, semelhante á que trajava o apostolo das Indias, espargiam-se raios luminosos. Na parochia d'Aguafria um

dia que elle prégava da paixão do Salvador, e, debulhado em lagrimas, mostrava ao povo a imagem de Jesus Crucificado, elevou-se um globo luminoso de sua fronte e esvaeceu-se no ar, deixando apoz si uma restea de fogo.

Quando fallava do inferno e de suas chammas, ás vezes punha a mão sobre um cirio accêso, e apoz tempo consideravel, a retirava illesa. Outra vez, em Cayru, um incredulo, querendo mostrar que não havia nada espantoso n'aquelle acto, tambem poz um dedo na chamma de uma tocha; mas, com grande confuzão sua, tirou-a rapidamente, e tão queimada, que até esteve a pique de perder o braço.

Malagrida, além do dom dos milagres, tinha o de ler no recondito das consciencias, e ante-ver o futuro. Em Maragogipe descobriu a um peccador, que se lhe confessava, todos os peccados que uma viciosa vergonha lhe não deixára confessar. Tal foi o pavor do penitente que não pôde proferir mais palavra; e, indo d'ali para outro padre pressurosamente, referiu-lhe o que passára e confesou todos os seus peccados.

Muitas vezes, em suas viagens, succedeu saudar por seus nomes pessoas que nunca vira nem conhecêra.

Quando fallava ácerca da morte, designava, ás vezes o numero dos ouvintes que deviam morrer dentro de um anno, e este numero realisou-se sempre exactamente.

Na aldêa de Villa-nova, perto da Bahia, nas mar-

gens de S. Francisco, suspendeu-se em meio do sermão e, com intonação prophetica, exclamou: «Peccadores! fazei penitencia! Dentro de quatro annos a morte devastará muitos d'entre vós. N'esta egreja em que vos estou prégando não achareis onde enterrar os cadaveres.»

Era em 1738. Em 1742, no tempo predito pelo sancto varão, o rio de S. Francisco, desbordando dos diques, alagou todo o paiz; e as aguas na resaca deixaram um germen de epidemia, que empestou tres quartos da população. Oxalá que, menos dada ás delicias, aproveitasse das advertencias do apostolo.

Não menos assombroso era o poder que Malagrida exercia sobre o espirito das trevas. Na ilha de Hitaparica, situada na enseada que dá seu nome á Bahia, havia um negro possesso de tres demonios e tão furioso que espedaçava as correntes de ferro, e abalava desde os cimentos a casa onde o prenderam. Com uma palavra Malagrida livrou este desgraçado.

Na Bahia, levaram-lhe uma mulher pactuaria de Satanaz; tornara-se ludibrio d'elle e soffria em todos os membros tormentos cruelissimos. Bastou-lhe lançar no pescoço d'esta infeliz uma reliquia de S. Francisco Xavier, e logo o demonio a desapossou, praguejando em horrendos urros.

Durante uma missão em Aguafria, uma moça fez, por desgraça, uma confissão sacrilega. Duas vezes a Virgem Santissima lhe appareceu e disse: «Con-

fessa todos os teus peccados ao *meu* missionario; senão serás terrivelmente punida.» Depois da segunda admoestação, a moça voltou á egreja para desopprimir sua consciencia de peso oppressor; mas uma falsa vergonha lhe paralisou ainda a lingua. Á terceira vez, a Mãe de Deus dignou-se apparecer a esta desditosa; e, incriminando-lhe a infidelidade, enviou-a a outro padre; mas nem assim ousou confessar o peccado. Em castigo d'este crime, o demonio senhorou-se d'ella na propria egreja, e tanto a atormentou que, dentro em pouco, a reduziu ás ultimas. Os paes, julgando-a eivada de doença de consumpção, conduziram-a a Malagrida, para que a livrasse do mal. Ao primeiro volver de olhos, Malagrida conheceu a causa do padecimento. «Quem te permittiu — disse elle directamente ao demonio — entrar no corpo d'esta menina?» — «Aquella que preside ás tuas missões — casquinou o demonio pela bocca da enferma.» E então Malagrida poz-se em joelhos; e feita breve oração, declarou á menina que, posto a não podesse completamente livrar dos seus padecimentos, teria ella quando menos a consolação de poder aproximar-se em paz dos sacramentos. E succedeu o que o homem de Deus lhe dissera.

Não curava sómente enfermos de alma, que tambem os enfermos de corpo. Muitos doentes, condemnados pela medicina, recuperaram a saude simplesmente com o contacto de qualquer objecto que pertencesse ao religioso.

Na Bahia um official real agonisava rodeado da afflicta familia. Chama-se Malagrida, que põe as mãos no moribundo, recita algumas orações, e o volve cheio de saude á esposa e aos filhos.

Na mesma cidade curou por egual theor outro homem já nos cancêllos do sepulchro. Movido de gratidão, cahe o homem aos pés do bemfeitor para lhe agradecer. «Não fui eu; — disse Malagrida. — Foi a tua fé que te salvou.»

Em sua humildade o santo varão nada temia tanto como passar por thaumaturgo. Não obstante, as maravilhas multiplicavam-se sob suas mãos. Em Inhambupe deu saude a um enfermo, dando-lhe a beber um copo d'agua, sobre a qual fizera o signal da cruz. Nem outra medicina lhe foi mister para a si mesmo se curar, quando quebrou uma perna, da queda de um cavallo. Sem perder o minimo do seu socego, como outr'ora S. Francisco Regis em lance analogo, cruzou uma benção sobre o membro fracturado, depois ergueu-se sem difficuldade, deixou a cavalgadura, e continuou desfadigadamente a pé o seu caminho.

Exercia Deus terriveis castigos sobre aquelles que recusavam render-se aos salutares avisos do padre Malagrida, para assim dár maior poder á palavra do seu ministro. Em Iguaripe, uma mulher que vivia ha muito desordenadamente, fôra convidada por uma de suas amigas a ouvir o santo padre. «Tenho amanhã muito tempo — respondeu a desventurada.» Ah! não devia ella ter *ámanhã:* a morte colheu-a

de sobresalto n'aquella mesma noite, e assim foi ella onerada de crimes ao tribunal Divino! Chorava Malagrida a perda d'esta alma, quando Deus o indemnisou consoladoramente. Entrando Inhambupe, viu o apostolo chegar perante elle um venerando ancião, que lhe rogou com risonho aspeito que se hospedasse em sua modesta casa. Não pôde Malagrida recusar-se. Ao outro dia, aquelle bom velho, chamado Pedro Dias, expirava santamente nos braços do seu hospede, que parecera ali conduzido por Deus para expressamente assistir tão digno christão aos seus derradeiros momentos.

Ligam-se a este periodo da vida de Malagrida outros prodigios mais, que não são somenos dos que se contam mais maravilhosos de S. Francisco de Assis, e de Anchieta.

Prégava na Bahia o sermão final de uma missão. De repente uma pomba de brilhante alvura paira por sobre sua cabeça; e depois de fazer trez circulos no ar, voeja, e vae pousar sobre a estatua de Santo Ignacio; depois vem segunda vez esvoaçar em volta da cabeça do prégador, e desapparece. Ao mesmo tempo uma esplendurosa luz refulge por todo o auditorio e vae sumir-se no oriente.

Em Boypeba, trinta leguas afastadas da Bahia, em quanto elle prégava na praça á multidão immensa, uma reboada de passaros esvoaçou sobre o auditorio, trinando agradaveis cantares, como se a seu modo celebrassem o Deus annunciado pelo apostolo.

Fallando ao ar livre diante de muito povo, em Se-

regipe del Rei, de repente estrugio um violento furacão, e grossas nuvens, sobranceiras aos ouvintes, ameaçavam fundir-se em agua. Já os assistentes se remexiam em cata de abrigo; mas Malagrida fez-lhes signal que socegassem. Lance maravilhoso! Em quanto que a chuva cahia a torrentes, nem uma só gota molhou o auditorio. Foi mais além o prodigio. Na extrema da esplanada em que se juntaram os fieis, alteava-se um outeiro, d'onde ruiam em grossas ondas as aguas da chuva; já iam tocar no auditorio, quando de repente, desviadas por mão invisivel, seguem outra direcção, com grande espanto do povo.

Em presença de tantas maravilhas, o povo enthusiasmado acclamava Malagrida um grande santo. Quando sahia á rua, pessoas de todas as condições e edades lhe beijavam respeitosamente as mãos, o habito e até os vestigios dos pés; outras, menos discretas, cortavam-lhe pedacinhos da loba para conserval-os como reliquias de preço. O humilde religioso era o primeiro a reprovar taes excessos. A rubidez que lhe inflammava o aspeito assaz dizia quanto estas honras molestavam sua modestia. Mas por mais que fizesse, os mais grados personagens eram tambem os mais fervorosos em lhe prestarem taes testemunhos de veneração. O viso-rei do Brazil, D. André de Mello, galardoava-se em o assentar, algumas vezes, á sua meza e lhe escrevia frequentes cartas em que demonstrava a mais sincera estima.

O arcebispo da Bahia, D. José Fialho, da ordem

de Cister, eleito em 1738, repetia a quem lh'o queria ouvir que todo o bem praticado em sua vasta diocese era devido ao zelo apostolico de Malagrida.

Comtudo, para acrisolar a virtude de seu servo, Deus lhe proporcionava ás vezes acerbas humilhações. Andava elle evangelisando nas aldeias visinhas da Cachoeira, quando o vice-provincial lhe enviou carta a mandal-o sem detença recolher á Bahia. O tempo necessario era passado, e Malagrida não chegava. O superior, que estava certo de haver remettido a carta, duvidou da submissão e virtude do missionario. Um ou dois mezes depois, chegou Malagrida ao collegio e demandou logo o superior para lhe dar conta dos seus trabalhos; este, porém, recebeu-o com rosto carregado, e lhe perguntou porque não obedecera ás suas ordens. A tal pergunta, o santo varão, abaixando modestamente os olhos, respondeu respeitosamente que não recebera carta; depois, prostrado aos pés do superior, prestou-se a soffrer qualquer penitencia que lhe fosse, não obstante, imposta. O superior despediu-o, sem ficar isento de suspeitas; mas, passado dias, achou, entre uns papeis, uma carta fechada: era a que devia enviar a Malagrida. Reconheceu então seu erro, e se reprehendeu amargamente por ter duvidado, um momento, da virtude do santo missionario.

XII

Vai Malagrida a Pernambuco.—Suas missões n'esta cidade

(1741-1746)

A voga das maravilhas operadas por Malagrida na diocese da Bahia chegára aos ouvidos de D. Luiz de Santa Thereza, da ordem dos carmelitas descalços, bispo de Pernambuco. Este prelado, como quizesse dar aos fieis, confiados ao seu zelo, o prazer de ouvir um tal apostolo, convidou-o em termos muito persuasivos a ir evangelisar o seu rebanho.

Medeiam mais de cem leguas da Bahia a Pernambuco. Sem se affrontar com a distancia, Malagrida, armado com o seu crucifixo, sahiu no fim de 1741, e sempre a pé, consoante o costume, por ardentes areaes, lá foi á conquista de novas almas. Por onde quer que transitava ia annunciando aos povos a palavra divina.

Em outubro chegou a Penedo, nas margens de S. Francisco. Ahi encontrou muitissima gente pro-

cedente das terras circumpostas. Durante quinze dias fez os exercicios de Santo Ignacio e operou bastantes conversões. Por preservar do vicio duas moças que a miseria expunha no cairel do abysmo, sacrificou duzentos escudos, que mendigara no caminho para acabar o convento da Bahia. «A Providencia m'os restituirá — dizia elle.» Não lhe mentiu a sua confiança. Um dia que, n'esta intenção, acabava de offerecer o santo sacrificio da missa, ouviu bater á porta de sua cella; abriu e viu um mancebo que, depois de o saudar cortezmente, lhe entregou um rôlo de dinheiro em oiro, pedindo-lhe que o empregasse em alguma obra de piedade. Malagrida, passados momentos de hesitação, recebeu o dinheiro e depol-o sobre a meza; voltando, depois, a agradecel-o ao portador, não achou ninguem: o mancebo desapparecera. Sobresaltado com tal aventura, contou Malagrida o dinheiro, e achou pontualmente os duzentos escudos. Não pôde já duvidar que Deus lhe enviára aquella esmola como em approvação da sua liberalidade com as duas raparigas arrancadas por elle á miseria e ao crime.

De Penedo dirigiu-se Malagrida á aldeia de Poxim, situada na raia da diocese de Pernambuco. Que dôr foi a sua quando viu a egreja d'aquella terra quasi abandonada e em ruinas! Sem intermissão de tempo, poz-se elle mesmo á obra. Viram-no pasmados os camponezes a carregar ás costas grandes calhaus das pedreiras visinhas. Incitados pelo exemplo, que sua propria inercia condemnava, trabalharam com

afan, e d'ahi a pouco estava a egreja de todo restaurada. Malagrida provou o prazer de ahi celebrar o santo sacrificio e prégar a numeroso auditorio com muito aproveitamento. De Poxim passou á villa das Alagoas o ardente missionario. O alcaide d'esta villa, José Gregorio, divulgou de antemão a chegada do santo; pelo que foi tal a afluencia de povo que já se receiava carestia de viveres; mas, por visivel protecção da Providencia, as feiras foram abundantemente fornecidas, durante a missão.

Malagrida, como visse quanto aquella multidão anceava ouvil-o, deu-se todo, sem resalva, ao seu ministerio; depressa, porém, lhe decahiram as forças, e cahiu doente com febre. Então se viu quanto os povos lhe queriam. De toda a parte se faziam votos ao ceu pela sua cura. Deus escutou as ferventes supplicas; e o apostolo, convalescido, proseguiu em sua missão.

Logo que voltou ao pulpito, o digno émulo de S. Francisco Xavier se assignalou com prodigios novos. Havia na villa das Alagoas um energumeno que resistira aos exorcismos: intimado a sahir do corpo do desgraçado, o demonio zombava das ameaças. «Uma só coisa podéra expulsar-me — dizia elle — e essa coisa existe em tal casa». Alguem correu logo á casa indicada, e levou reliquias de santo: nada produziram. Afinal, procurados todos os cantos e desvãos da casa, encontrou-se um frasco de agua benzida por Malagrida. Levaram-na no mes-

mo instante, e o demonio, estorcendo-se horrentemente, pegou de fugir, e não voltou.

Porém, mais celebrado prodigio, attestado por testemunhas presenciaes, e cuja fama estrondeou no Brazil e em Portugal, fez realçar na villa das Alagoas o poder de Malagrida. Construira-se no estaleiro do porto uma embarcação de alto bordo. Quando a quizeram lançar ao mar, cahiu sobre um flanco, e enterrou-se fundamente na vaza, sem que, apezar de todos os esforços, podessem levantal-a e arrastal-a á tona d'agua. O armador desesperava-se pensando na perda que soffria. Exhauridos todos os recursos, resolveu recorrer ao santo varão, já conhecido por outros prodigios. Foi ter-se com Malagrida, expoz-lhe sua desgraça, e supplicou-lhe que fosse abençoar com a sua imagem da Virgem o navio encalhado. Recebeu-o bondosamente o padre, e condoido do seu infortunio fez tudo que pôde para consolal-o; suspeitando, porém, e discretamente, que se tratava de operar um milagre, recusou constantemente ir ao sitio indicado, allegando que era um peccador indigno de graças extraordinarias.

Para vencer a humildade do santo homem, recorreu o armador a uma pia fraude. Malagrida, antes de sahir da villa, devia, segundo o uso, levar processionalmente pelas ruas principaes a sua querida imagem de Nossa Senhora.

Sabedor do intento, o dono do navio conchavou-se com os que deviam dirigir a procissão para que ella passasse á vista do estaleiro onde a embarca-

ção encalhára. Graças a este innocente artificio, Malagrida, despercebidamente chegou á vista do navio. E então, toda a matalutagem, com o capellão á frente, lhe sahiu ao encontro, e de joelhos rogaram que subisse com a imagem da Senhora á coberta do navio.

Este inesperado espectaculo apiedou o coração do jesuita: subiu a bordo, recitou em voz alta uma breve mas fervorosa prece, que todo o povo repetiu; depois, abençoou o navio com a imagem, e ordenou aos marinheiros que fizessem um derradeiro esforço, ajuntando que a misericordiosa rainha do céu os ajudaria infallivelmente. Cheios de confiança, os marujos amarram os cabos; mas, ainda antes de elles acabarem este preparativo, aquella pesada mole, estremecendo-se por si mesma, endireita-se e resvala descendo até ao mar. Á vista d'isto, o povo enthusiasmado exclama: «Milagre!» e, rodeando Malagrida, o proclama a brados o novo thaumaturgo do Brazil!

Eram decorridos oito mezes depois que o santo apostolo sahira da Bahia: attingia o termo da viagem. Algumas leguas além de Alagoas encontrou o governador de Pernambuco Antonio Ribeiro Leite. Este honrado magistrado, que ia em correição á provincia, suspendeu a visita para acompanhar o venerando missionario á capital. Este passo foi para elle de muita benção; que, mais tarde, subjugado pela graça, deixou o mundo, e entrou em um convento de franciscanos a servir Senhor mais poderoso que os reis da terra.

Entrou Malagrida em Pernambuco em principios de março de 1742. Ao outro dia da chegada foi comprimentar o bispo, que o convidara; mas o prelado, antecipando-se, foi pessoalmente ao collegio dos jesuitas, e assim que avistou o padre abraçou-o com vivissima ternura, não podendo cabalmente exprimir-lhe quanto era feliz em possuil-o na sua diocese.

Passados os primeiros transportes de jubilo que lhe causava tão amoravel encontro, fallou magoadamente do penoso estado em que se achavam os seus diocesanos, quanto a religião. Em consequencia de uma funesta contenda suscitada entre elle e o governador geral da provincia, numeroso partido se arvorára contra elle em Pernambuco; recusavam reconhecel-o por bispo; propalavam contra elle odiosas calumnias, por tal modo que ainda não ousára mostrar-se em alguns dos principaes bairros da cidade. Exposto diffusamente o triste estado das coisas, terminou pedindo a Malagrida, que, com os seus sermões, fizesse entrar no dever aquelle pobre povo illudido por intrigantes. O santo apostolo prometteu-lhe que sim.

A grande cidade de Pernambuco comprehende duas partes distinctas, designadas com os nomes de Olinda e Villa do Recife. Por esta ultima foi que Malagrida principiou a obra da conversão. A sua chegada era o assumpto geral das conversações na cidade.

O clero, com as ordens religiosas e muita gente

de todas as classes, foram comprimental-o ao collegio, e beijando-lhe as mãos e o habito o conduziram em procissão á cathedral.

Esperava-o o bispo no limiar do templo; e depois de o conduzir ao côro, subiu ao pulpito e, com um sentido discurso, exhortou os fieis a aproveitarem-se da mercê que o ceu lhes fazia, enviando-lhe ministro tão poderoso em palavras e obras. Depois, voltando-se para Malagrida, ajoelhado no meio do sanctuario, apresentou-lhe um crucifixo, e disse: «Eis aqui, meu padre, o symbolo da salvação; prégai Jesus Christo, e Jesus Christo crucificado.»

Então o ardente missionario, avançou até aos penetraes da egreja, afim de ser ouvido da multidão que ficára fóra, e com aquella eloquencia que lhe era propria exhortou o povo a ser assiduo nos exercicios da missão.

No dia seguinte foi o proprio bispo quem inaugurou na egreja dos padres oratorianos com um sermão ácerca dos ultimos fins do homem. Na tarde d'esse mesmo dia, Malagrida prégou do mesmo assumpto na egreja dos Jesuitas, em presença do prelado.

Durante vinte dias successivos, bispo e missionario desenvolveram de commum accordo as mesmas verdades, um de manhã, e outro de tarde, e em todo o tempo mostrou o povo constante empenho em escutar a palavra divina. Notou-se com assombro que Malagrida, tratando as mesmas verdades e diante do mesmo auditorio, avantajando-se ao bispo, sa

bia apresental-as com fórmas novas, sem nunca repetir o que o prelado dissera (engenho que revelava no prégador dons extraordinarios.)

E, de feito, Malagrida era eminentemente orador; no dizer dos que o ouviram, tudo n'elle se concertava á maravilha para impressionar penetrantemente o auditorio: exterior grave que inspirava respeito e veneração; palavra energica e calida, facilidade grande de phrasear, meneios expressivos, accentuação sonora, emfim, dulcissima uncção; por modo que o ouvil-o era prazer insaciavel; ás vezes, porém, a sua voz accentuava-se tão estridente que fazia arrepios, e estrugia no recondito da alma. Aqui vem de molde esboçar o methodo que o veneravel jesuita adoptou nas suas missões. Nos primeiros dias, quer na egreja, quer nas praças quando a egreja era pequena, desenvolvia fogosamente as terriveis verdades da fé: peccado, morte, inferno, juizo final, etc. Como se não lhe bastasse aterrar o espirito dos fieis com estes abrasados discursos, o santo prégador, assim que acabava um sermão, pegava d'uma corrente de ferro, e flagellava-se com ella publicamente da maneira mais cruel, deixando só de lacerar os hombros ensanguentados, quando cahia esvahido de forças. Cada golpe que abria n'aquella innocente carne pungia no fundo dos corações, e era então que se operavam, como já acima referimos com exemplos, as prodigiosas conversões.

O habil missionario, sabendo que o povo é mui caroavel das grandes pompas espectaculosas, empre-

gava muitos dias em ceremonias religiosas, ás quaes dava a maxima solemnidade e magnificencia.

A primeira festividade era consagrada a uma confissão publica ao Santissimo Sacramento do altar. Em reparação dos sacrilegios e crimes commettidos contra a pessoa adoravel de Nosso Senhor, presente no tabernaculo, cantava uma missa solemne, seguida de sermão, em que exhortava os fieis a nutrir-se frequentes vezes do pão da vida. A' noite sahia uma grande procissão, em que o Santissimo Sacramento era levado em triumpho pelas ruas da cidade, com immenso concurso de povo, ao compasso dos hymnos e canticos sagrados.

Em outro dia, era a festa da Virgem Santa. Depois de um panegirico ardentemente amoroso, organisava em honra da mãe de Deus uma magnifica procissão, em que a Virgem era levada pela cidade, com canticos e litanias.

Depois, era o dia consagrado aos mortos. Pintava em pungente discurso os tormentos das almas do purgatorio; movendo os fieis a consolal-as com a oração, fazia conduzir pelas ruas da cidade um andor encimado de uma caveira exposta a todas as vistas. O funebre sahimento marchava vagarosamente, ao compasso do lugubre dobrar dos sinos, de envolta com o gemer e soluçar da multidão; quando chegavam a alguma praça, o missionario fazia parar o catafalco, e subindo ao lugar mais imminente, fallava da morte, lembrando a fatal sentença: «Estão condemnados a morrer todos os homens. E' certo que

dentro em pouco se farão assim os funeraes de mais de um d'esses que a esta hora me escutam: e então, riquezas, honras, prazeres, vaidades de que servem?» Estas palavras produziam commoção tão viva que dirieis serem verdadeiros os funeraes!

Terminàva finalmente a missão pela chamada procissão da penitencia. Era esta a ordem: á frente ia a cruz, depois muito povo em duas filas, submettendo-se por expiação de peccados a toda a especie de maceração. Uns rojavam gramalheiras de ferro, outros atavam apertadamente as mãos sobre o dorso, outros verberavam as espadoas com sanguinolentas disciplinas, outros cravejavam corôas de espinhos na testa, alguns amarravam os braços em forma de cruz n'uma barra de ferro. Aquelles, finalmente, carregavam enormes pedras ou enormes cruzes, caminhando todos descalsos e recitando os psalmos da penitencia. No remate, ia Malagrida, descalço, fronte coroada de espinhos, corda ao pescoço, crucifixo na mão.

E assim corriam toda a cidade, parando a espaços, para ouvir algumas palavras da bocca do santo homem.

Em cada missão havia um dia especialmente destinado á reconciliação de inimigos. Mediante a palavra do apostolo, os homens desavindos longos annos, iam ao pé da cruz, e publicamente se perdoavam as offensas mutuas, sigilando a reconciliação, com um osculo de paz.

Facil é de ver que taes missões transformariam

cidades ainda as mais corrompidas. A villa do Recife, onde deixámos Malagrida, não se exceptuou do movimento geral. Cooperou mórmente na sua conversão o exemplo do chefe militar que, á frente de sua familia, ajoelhou publicamente á meza da Communhão, que elle não frequentava desde muitos annos.

Não foi menor o exito do Santo Apostolo, na parte de Pernambuco, chamada Olinda. Entre as conversões operadas, realçam as de um peccador empedernido, que odiava mortalmente um morador da mesma cidade. Alumiado pela graça a renunciando á satisfação da vingança, aquelle homem promettera ao missionario que, em remedio ao escandalo que dera até então, pediria publicamente perdão ao seu inimigo, em plena igreja, no fim do proximo sermão; vencido, porem, de respeitos humanos, no dia marcado não se lembrou da promessa. Duas ou trez vezes, Malagrida o interpellou do alto do pulpito: sempre a mesma recusa. Então o apostolo, arrebatado do transporte santo, estende a mão sobre um cirio accezo, e com uma voz retumbante, exclama: «Onde é que te escondes, ó mais desgraçado dos homens? Podes fugir aos olhares do teu proximo; mas fugirás aos de Deus, que lê nos corações? Escaparás á sua mão vingadora? Quem te impelle a violar assim a fé jurada a teu Mestre e Senhor? Não temes que sobre ti desça o gladio da justiça divina, suspenso e pendente sobre tua cabeça? Ah! teme o raio, que te fulminará quando menos o pensares!

Esconde-te, esconde-te! Assopra a brasa do teu odio! Minha mão arderá neste fogo emquanto o teu odio arder.»

A taes palavras, o peccador aterrado, pallido e tremulo, sahe da multidão, vae ao pé do pulpito, confessa o peccado, e pede publicamente perdão ao seu inimigo, com grande edificação de todos os assistentes, não menos abalados do arrependimento d'este homem quanto atonitos de verem a mão do santo missionario perfeitamente illeza depois de ter tão longo tempo estado sobre a chamma.

Outra particularidade d'esta missão em Pernambuco foi conservada pelo proprio Malagrida em uma relação escripta em portuguez, e trasladada em latim pelo biographo de quem colhemos o essencial d'esta narrativa. Folgamos de poder offerecer ao leitor este documento interessante em que a alma de Malagrida toda se revela.

O titulo é o seguinte:

Noticias da cura miraculosa de um mudo, que recuperou instantaneamente a palavra por intercessão da Santissima Virgem, protectora das missões, pelo intento de apressar a beatificação do veneravel padre José de Anchieta, nesta Sexta feira 31 de Agosto de 1742 no collegio do Recife.

«Tudo o que vou contar, em verdade o certifico, e se preciso for estou prompto a jural-o sobre os Santos Evangelhos. No principio d'esta semana, o padre provincial, Manoel Sequeira, ha pouco desimbarcado neste porto, me entregou carta do reveren-

dissimo padre Geral, na qual entre outras coisas escriptas por seu punho, S. paternidade me recommendava instantemente que exhortasse o povo em meus sermões a confiar nos merecimentos e protecção do veneravel padre José Anchieta; que talvez assim, faria Deus luzir sua misericordia com algum assignalado beneficio ou milagre que podesse lustrar o processo da beatificação do glorioso thaumaturgo. Pelo que de mim é, ha muitos dias que eu almejava o momento em que me fosse permittido ver no altar aquelle insigne servo de Deus; doia-me ver, depois de tantos prodigios que o santo operara em vida lhe escasseasse ainda um milagre. Cheio deste sentir, não cessei de recommendar o exito, em minhas supplicas ao Senhor. Confessal-o-hei? sahindo hontem, quinta feira, ao entardecer, com destino a caza do thesoureiro mór, em companhia do irmão Manoel Lopes, encontrei na praça, ao pé do palacio, um menino tolhido dos membros, que se arrastava por terra como vil animal. Tocou-me a inspiração de evocar para este desgraçado a protecção do veneravel padre; mas acobardou-me o pejo, e não o fiz.

«Hoje de manhã, recommendei novamente a Deus esta empreza, e um quarto de hora depois do fim da meditação, emquanto éu recitava o breviario, o irmão Manoel bateu á porta da minha cella, para me dizer que alli estava um homem que me queria fallar. Sahi logo, e perguntei ao homem o que queria. Não me respondeu, nem o podia fazer por que era

mudo. O menino que o acompanhava fallou por elle, e me disse que se queria recommendar a Nossa Senhora das Missões. E certo é que o homem avistando na minha cella a imagem da Virgem Santa, foi de corrida ajoelhar-se-lhe. E eu tambem me ajoelhei, invocando o thaumaturgo do Brazil; porem como eu não tivesse imagem nem reliquias suas, dirigi-me a Nossa Senhora, rogando-lhe que fizesse o milagre, para assim manifestar quanto lhe era agradavel, que o seu servo fosse honrado como santo. Foi esta a supplica que eu fiz: Vós sabeis, ó Maria‘ comquanto amor o veneravel padre exercitou todas as potencias de sua alma em glorificar-vos, não só com suas virtudes, senão ainda com os seus poemas; dignai-vos pois glorifical-o tambem; operae este prodigio em seu favor, dae falla a este mudo.

«N'este momento, doces lagrimas me resvalavam nas faces, e eu dizia dentro em mim: se este mudo recobrasse a palavra subitamente, seria manifesto o milagre, e todos os meus votos preenchidos. Eis que no mesmo instante, o mudo exclama: *Jesus*! E eu repeti: Jesus! E elle repetiu o doce nome, eu accrescentei: por intercessão do sancto e glorioso José de Anchieta, soccorrei-me, Rainha dos Ceos, quebrai as prizões da minha lingua. E o pobre mudo repetiu distinctamente as palavras todas. O menino (que de certo era seu filho) chorava de alegria, e eu chorei tambem. Chamei o padre reitor Domingos Gomes, para que fosse testemunha d'este espectaculo. Informamo-nos do nome d'este homem, da terra

em que nascera, da caza que habitava, dos parentes e conhecidos, e a tudo respondeu satisfatoriamente. Emquanto o padre reitor se dispunha a sahir para proceder á averiguação legal, conduzi o nosso homem á camara do reverendo padre Provincial, que muito tempo conversou com elle, e lhe perguntou ha quanto tempo era mudo, que remedios empregara, e como viera alli. A todas as perguntas respondeu distinctamente, affirmando que ficara assim cahindo de um cavallo, e que tinha desbaratado inutilmente com medicos e remedios o pouco dinheiro de que podia dispor.»

Tal é em sua affectuosa simplicidade a narrativa de Malagrida. Ninguem faria melhor do que essas linhas, a pinturada sua confiança inabalavel e filial, na Mãe de Deus, que elle tanto folgava de chamar a Protectora e Augusta Senhora dassuas Missões.

XIII

Missões de Malagrida na provincia de Pernambuco

(1742-1746)

Depois de ter restaurado a pratica das virtudes christãs na grande cidade de Pernambuco, resolveu Malagrida distender até aos campos visinhos o beneficio de suas prégações. Não o seguiremos passo a passo no seu peregrinar. Respigaremos aqui e ali os factos mais interessantes ao intento.

Perto do promontorio Santo Agostinho, na aldeia de Nossa Senhora do Lago, o ceu parecia de bronze, e a seccura esterilisava toda a terra. Os lavradores tremiam de ver perdido o fructo de seus lavores. Malagrida, compadecido, qual anjo de paz, sóbe ao pulpito, e, em nome da Santissima Virgem, annuncía que o flagello se aplacará antes de trez dias. No tempo marcado pelo apostolo, cahiu chuva copiosa que salvou as sementeiras.

Em Iguarassu, convertêra Malagrida muitissimas

publicas peccadoras; e, para evitar reincidencias, resolveu construir-lhes segundo asylo. Auxiliou-o n'este pio intento um virtuoso padre, chamado Miguel de Sepulveda, e uma senhora de relevante porte, Antonia Maria de Jesus. Graças ás suas generosas esmolas, pôde elle, antes de sahir de Iguarassu, assentar os alicerces do novo asylo, apesar de vivas e poderosas opposições.

Na povoação de Afogados viram-o os moradores labutar, como o ultimo dos alveneis, na reedificação da egreja arruinada.

Em Goyanna, trez factos maravilhosos assignalaram a sua presença. Uma peccadora, movida pela graça e pela voz de Malagrida, desdera os laços que a prendiam ao crime, e refugiara-se em casa de uma amiga. Furioso pela perda do objecto de sua peccaminosa paixão, o cumplice d'aquella infeliz usou de meios violentos para arrancal-a do seu refugio e leval-a para si. Soou logo o escandalo na terra, e Malagrida consternou-se intimamente.

No dia immediato, subiu ao pulpito, e, abruptamente, interrompendo o sermão, exclamou: «Meus irmãos, o lobo que arrebatou a ovelha de Christo, a esta hora, já recebeu o castigo merecido.» Ao sahir da egreja, o auditorio soube horrorisado que, no mesmo instante em que o homem de Deus proferira aquellas palavras, o miseravel raptor cahira fulminado de morte subita.

Em outro sermão que prégou na mesma villa de Goyanna, fallava Malagrida das penas do purgato-

rio. Eis que de repente se interrompe para recommendar aos fieis a alma de certa pessoa que nomeou e que morria em uma aldeia bastante longe d'ali. No mesmo dia se soube que aquella pessoa expirára á hora em que o missionario pedira os suffragios dos fieis.

Ainda em Goyanna, como quer que encontrasse em uma egreja o enterro de um padre, mostrou-se exuberante de insolita alegria, e disse em alta voz, de modo que todos o ouviram, que aquelle padre ia muito cedo gosar da posse do seu Deus; depois, relatou uma por uma todas as virtudes que decoravam aquelle padre, com tanta exactidão como se fosse seu intimo confidente, sendo certo que nunca em sua vida o vira.

Passou Malagrida de Goyanna a Parahyba, evangelisando de passagem em muitas aldeias, de concerto com o capuchinho Antonio Maria, de Modines. É Parahyba uma cidade assaz importante, situada a trinta leguas distante de Pernambuco, junto da embocadura do rio que lhe dá o nome. Só em barca póde ali aportar-se, motivo das lagoas que a circumvalam. Malagrida achou uma canôa, que lhe enviou o governador da terra. Era este um homem de caracter altivo e desconversavel. Com providencias vexatorias perdera a estima dos seus subordinados; até com os padres jesuitas interrompera completamente relações. De boa mente, quizera elle captar Malagrida, para o fazer instrumento contra os outros padres; mas ia mal por ahi. Debalde se apresentou a

Malagrida com o cortejo das auctoridades da terra para lhe offerecer pousada em seu palacio. O humilde religioso recusou urbanamente, defendendo-se com a regra do séu instituto. Esta recusa, embora justissima, feriu o governador, que dissimulando molestia, amanhou traças de não assistir a algum sermão do apostolo.

E, no entanto, o jesuita alvorotava a cidade com o seu verbo eloquente. Desde o fundo dos seus carceres, os forçados ouviam fallar do santo varão, e lhe escreveram pedindo-lhe encarecidamente que lhes fosse fallar tambem a elles da misericordia de Deus. Commovido, deu-se Malagrida pressa em ir; passou trez dias com elles, e os dispoz todos a receber o Senhor em santa communhão.

D'aqui transferiu-se á aldeia de Varge-Nova. Estava em ruinas a egreja: faz-se pedreiro para a restaurar. Um dia, quando carregava uma grande pedra, passou rente de um carro, puxado a bois. Um d'elles, até então mansissimo, assoma-se de repente, e dá-lhe um coice que o derribou atordoado. Levaram-o a uma casa visinha, onde esteve quatro dias soffrendo immensas dôres. Aos que o iam consolar, respondia que o causador d'aquelle mal fôra o demonio, e que não tardaria a estar curado. Assim se verificou.

Passados annos, aquelle santo homem, fallando d'este accidente em uma carta dirigida a um de seus irmãos, confessava que no meio de seus soffrimentos corporaes saboreava consolações ineffaveis; de-

pois, concluindo com um piedoso gracejo, escrevia: «Se o bom Deus nos consola assim de um coice, que será quando nos deliciarmos com as suas caricias?»

N'esta aldeia da Varge-Nova vivia um mulato abysmado na lama dos vicios mais sordidos. Informado Malagrida do viver deploravel d'este homem, foi procural-o, e empregando a revezes supplicas e ameaças, instou-o a escutar-lhe as suas instrucções. Mas o peccador contumaz recusou render-se. Um ou dois dias depois, Malagrida recommendou desde o pulpito aos fieis que pedissem por um peccador que, antes de vinte e quatro horas, se despenharia no inferno, se não fizesse penitencia. Estas palavras gelaram de terror o auditorio. No dia seguinte, indo o padre para a egreja, foi de passagem a casa do mulato, instando-o a ir ao sermão. Não o achou. Assoberbado de amargura, dirige-se o jesuita ao templo. E, apenas principiou o sermão, que aquelle desgraçado, entrando em casa, se sentiu de repente mal da cabeça, e morre de subito nos braços da criminosa barregan.

Com o coração retalhado por não poder salvar aquella alma, voltava Malagrida ao collegio de Parahyba. Diante da porta encontra um negro que tinha na perna uma chaga asquerosa. Quando avistou o padre, lançou-se-lhe o negro aos pés, rogando-lhe que se apiedasse d'elle. Malagrida, condoido, levantou-o brandamente e o conduziu ao seu quarto, e ahi lhe disse que ajoelhasse á imagem da Virgem,

e pedisse a cura áquella que era a saude dos enfermos. Obedeceu o negro. Depois, fez-lhe Malagrida o signal da cruz sobre a perna, e exhortou-o a esperar soccorro da Virgem Santa. Alguns dias depois, a perna curou-se completamente, caso que não podia dar-se sem verdadeiro milagre, segundo o certificado do cirurgião Manuel Pereira.

Confiadissimo n'este homem dilecto do Senhor, os parahybenses valeram-se d'elle para, com sua intercessão, alcançarem alguma reforma nas medidas despoticas do governador de quem acima fallamos. Destemido da ira de tão poderoso homem, Malagrida conjurou-o em nome de Deus a ser justiceiro com seu povo. Inuteis rogos! O corajoso missionario foi repulso affrontosamente. Insistiu o missionario; mas o governador declarou-lhe arrogantemente que não mudava nada no seu regimen; que para as medidas que ordenára escrevera a el-rei para lh'as approvar. «Pois sabei — replicou Malagrida abrasado em lume prophetico — que antes que a vossa carta entre no paço do rei, tereis vós transposto os umbraes da eternidade.»

Poucos dias decorridos, o governador morreu impenitente, recusando absolutamente receber as consolações da religião.

Revelou-se ainda o espirito prophetico de Malagrida em outra occasião. Em certa aldeia chamada Bom Jardim, estava o santo varão na egreja, absorto em meditação e com o rosto rutilante. Ergue-se de salto, e abeirando-se de certo homem que ali es-

tava, lhe perguntou: «Amais Nossa Senhora?» «Sem duvida — respondeu o homem enleiado.» «Vede lá! — replicou Malagrida. — Sois sincero?» «Com certesa sou; e não ha coisa que eu não faça pela Virgem Maria.» Então Malagrida, com severo aspeito, tornou: «Se pretendeis ser um devotado filho de Maria, porque tendes, ha tantos annos, occulto este peccado? (E nomeou-lh'o.) Porque não vos depurais pela penitencia das manchas de vossa alma? Que esperais?»

Ferido por taes vozes, como se o ferisse uma faisca, e intrado de profundissimo arrependimento, aquelle peccador sacrilego confessou-se logo, e expoz as culpas que sonegara, havia muitos annos.

Tão favorecido do ceu, ainda assim Malagrida não abatia um ponto de sua humildade. Eis aqui uma prova revelante: Em uma vasta assembléa, sustentava contra um theologo uma questão delicadissima. Expoz modestamente a sua doutrina; porém, como ella desauthorava a opinião do adversario, este assomou-se a termos de lhe remessar palavras injuriosas. E, logo, o padre, humillimo como se fosse o aggressor, lança-se aos pés do theologo a pedir-lhe perdão: espectaculo penetrante que encheu de admiração os assistentes!

Antes de retomar o caminho de Pernambuco, coroou Malagrida a sua obra em Parahyba com o ultimo bem-fazer: a fundação de um seminariosinho para educação da mocidade destinada ao sacerdocio. Assentou a primeira pedra em fins de 1745,

sendo presentes o governador Antonio Borges da Fonseca e o reverendo padre Antonio Soares, vigario da cidade. Entre os bemfeitores d'esta casa está em primeira plana Theodoro Alvares de Sousa, que deu a Malagrida um valioso rendimento. Com taes fundações assegurou no porvir aquelle excelso varão, o bem começado por sua palavra apostolica.

XIV

Torna Malagrida a S. Luiz—Parte para Lisboa

(1747-1749)

Havia 12 annos (1735-1747) que Malagrida peregrinava apostolicamente as vastas dioceses do Brazil. Em vista dos trabalhos prodigiosos, emprehendidos por este sublime operario durante esse lapso de tempo, a imaginação espanta-se! E, todavia, a tamanhas fadigas, aquelle vero discipulo de Jesus Crucificado, ajuntava ainda inacreditaveis austeridades! Tão certo é, que aos santos só na cruz se depara a felicidade!

Com quanto fossem mui laboriosas estas missões, Malagrida jejuava tão rigorosamente que o seu alimento não excedia quatro onças por dia, e muitas vezes menos; não comia carne nem peixe: alguns legumes mal adubados, um bocado de pão e queijo, alguma fructa, eram o seu sustento. Vinho só o bebia quando estava doente, por obediencia. Dormia

pouquissimo, erguia-se de noite para orar, e algumas vezes para ouvir as confissões prolongava as vigilias muitas noites a fio. Ordinariamente, só concedia ao corpo cansado duas horas de dormir; e dormia vestido, deitado no chão da cella, ou sobre um banco com o breviario por travesseiro, ou então em uma cadeira com a cabeça encostada ás mãos. Nas suas viagens, raramente se servia de carro ou cavalgadura; a maior parte das suas jornadas fêl-as a pé e descalso por areaes ardentes. Além d'isto uzava de continuo cilicio dobrado e eriçado de puas: á noite e de manhã flagellava-se asperamente com uma cadeia de ferro armada de aguilhões, que elle aguçava de tempo a tempo; e talvez este santo odio ao corpo fosse a mais, se os superiores lhe não enfriassem o seu amor ao padecer. Bem podera elle dizer de si como o grande apostolo das nações: «Levo a cruz de Jesus Christo impressa no meu corpo.»

Sigamol-o agora em suas novas excursões apostolicas.

Depois que sahiu de S. Luiz, o novo bispo D. Manoel da Cruz, da ordem de Cister, occupára a sé episcopal d'aquella cidade. Este prelado, como ouvisse narrar os grandes feitos operados por Malagrida no Brazil, desejou possuir tambem o celebre missionario; e assim rogou aos superiores que o chamassem ao Maranhão.

A' voz d'aquelle que para si fazia as vezes de Jesus Christo, Malagrida sahiu sem demora de Per-

nambuco, e, seguindo o caminho da costa, se dirigiu á villa de S. Luiz apressadamente. Chegado a um lugar que se dizia Magu, encontrou o irmão José Pereira, que o reitor do collegio de S. Luiz, padre João Ferreira, lhe enviára ao encontro. Debalde o irmão, compungido pela vista dos pés macerados e queimados do pobre missionario, lhe instou que montasse a cavallo d'alli até ao rio onde o esperava a embarcação: o valoroso apostolo recusou-se, e concluiu sua jornada sempre descalso e demorando-se em todas as aldeias para annunciar a palavra divina.

Chegou emfim a S. Luiz aos 11 de maio de 1747. Apezar da longa auzencia, a memoria de suas primeiras prégações não desbotára ainda na lembrança dos moradores d'aquella cidade.

Divulgada a noticia da sua chegada, sahiu o povo a encontral-o, e o conduziu triumphalmente ao palacio do bispo, que lhe deu o mais affectuoso acolhimento, e o felicitou por tudo o que fizera até então em gloria de Deus, recommendando-lhe ao seu zêlo aquelle rebanho occupadissimo infelizmente nos interesses temporaes, tão avessos da eternidade.

Bastaram a Malagrida seis dias para se restaurar das fadigas d'uma viagem superior a duzentas legoas: logo no dia 17 foi missionar oito dias á povoação de Tapuitapera ou Alcantara.

N'este entremeio, D. Manuel da Cruz, transferido para a Sé de Marianna, entregou a diocese a D. Francisco de S. Thiago, da ordem dos minimos. Malagrida interrompeu então suas lides para se apre-

zentar ao novo bispo e renovar os poderes. Recebeu-o benevolamente D. Francisco, e logo o encarregou de fazer uma missão geral na mais ampla igreja da sua cidade episcopal.

No dia aprazado para a abertura d'esta missão, o proprio prelado, em um discurso muito efficaz, exhortou o seu novo rebanho a assistir com frequencia ás instrucções do venerando missionario; depois, dirigindo-se a Malagrida, diante de quem se ajoelhou, fez-lhe entrega de um Crucifixo com estas palavras de Esais: *Clama, ne cesces, et quasi tuba, exalta vocem tuam et annuntia populo meus scelera eorum;* eleva tua voz incessante como trompa e annuncia ao meu povo suas iniquidades.

Malagrida, com o Crucifixo na mão, subiu ao pulpito, e fiel á recommendação do bispo, mostrou aos seus numerosos ouvintes a necessidade da penitencia. Não foi esteril sua voz; que, finda a missão, viu-se multidão de pessoas, com a fronte coroada de espinhos, seguir a procissão expiatoria com que Malagrida, segundo seu costume, terminava a estação.

De S. Luiz foi o infatigavel apostolo enviado ao Pará, distante d'ahi 160 legoas. Quando ahi estava, chegou de Portugal o novo bispo d'esta cidade, Miguel Bulhões, frade dominicano. Foi logo Malagrida apresentar-lhe suas homenagens. Mostrou-se o prelado muito seu affecto, e lhe deu pleno poder para exercitar seu ministerio em toda a extensão da diocese do Pará. Aproveitou-se logo d'elle o santo homem, fazendo os exercicios de Santo Ignacio

nas principaes igrejas do Pará, produzindo como sempre notaveis conversões.

Uma peccadora publica era desde muito o escandalo da cidade. Assim que ouviu Malagrida trovejar no pulpito contra o vicio da impudicicia, entrou-se de tão viva compunção, que desejando renovar a penitencia de Magdalena, veio a publico, vestida de sacco e coberta de lagrimas, prompta a confessar-se publicamente em presença da multidão abalada e enternecida com o espectaculo.

No entanto, a mais valiosa obra do apostolo no Pará, foi a fundação de um seminario.

Atravessaram-se-lhe muitos obstaculos, como succede a todas as obras de Deus. O bispo Bulhões não denegava licença; mas as condições eram tão pezadas, que Malagrida entendeu recuzal-as. Graças á intervenção do padre Alexis Antonio, a quem elle muito queria, Bulhões desceu-se algum tanto de suas exigencias. Fundou-se pois o seminario, e aos 16 de junho de 1749 celebrou-se a installação solemne dos novos alumnos. Dignou-se o bispo presidir á festividade, vindo ao cahir da tarde, seguido de grande multidão, á igreja do collegio; e logo que o prelado se assentou em um throno pomposamente ornado de colgaduras, cercado dos jovens alumnos, Malagrida desenvolveu pungentemente aquellas palavras do Salvador: «Deixai que as creancinhas venham para mim.» Feito o discurso, seguiu para o novo seminario uma procissão: todos admiravam o recolhimento e modestia dos moços seminaristas, os

quaes, chegados á santa vivenda, ajoelharam diante da estatua da Santa Virgem, e cantaram em dois córos *salve, Regina*, em saudação d'Aquella que consentia ser-lhes mãe. E brevemente outros alumnos abasteceram suas fileiras, e teve Malagrida a gloria de vêr prosperada uma obra que elle sabia ser utilissima áquellas povoações.

Desonerado dos cuidados que empregára na fundação do seminario, passou o apostolo a fazer os exercicios de Santo Ignacio. Quiz o bispo Bulhões fazel-os tambem sob sua direcção, deixando temporariamente o seu paço para habitar uma cella humilde do seminario recentemente edificado; e ahi muito de coração se deu á penitencia e aos actos contemplativos, com grande edificação dos que tiveram a honra de ser com elle.

Cuidou Malagrida que era aquelle o favoravel momento de propôr ao prelado outra obra que o seu zelo desde muito meditava para gloria de Deus. Vinha a ser, a construcção, no Pará, de um convento semelhante ao da Bahia, servindo, a um tempo, para as almas a mais perfeita vida, e refugio ás peccadoras conversas. Porém o bispo disse ao padre que não podia subscrever a tal projecto : «Quem nos dará n'este paiz, dizia elle, bastantes rendimentos para alimentar essas pobres mulheres? E depois, quem quererá dirigil-as ? Vós, os jesuitas, tendes regra que vos cohibe de acceitar administração tão cortada de difficuldades: será por tanto essa administração incumbida ao bispo, e bem sabeis que se-

melhantes conventos de mulheres, ordinariamente lhe causam mais aborrecimentos e impeços que o resto da diocese.»

Malagrida não ousou redarguir a taes objecções; mas, consultando Deus em suas préces, resolveu dirigir-se ao rei de Portugal, D. João V, e a sua esposa, a piedosa rainha Marianna de Austria.

E fiado que sua magestade fidelissima se houvesse com elle tão liberalmente, que a existencia das casas projectadas se realisasse, dispôz-se a partir rapidamente para Portugal.

XV

Malagrida em Lisboa

(1749-1751)

Aos 7 de dezembro de 1749, embarcou-se Malagrida em um navio do Porto, prestes a fazer-se de vela para Lisboa. Apenas o navio sahiu do porto, que um pegão de vento o arrojou para a costa, em risco de ir a pique; mas o capitão, confiadissimo na santidade de Malagrida, creu que nada tinha a temer com tal companheiro de viagem, e continuou sua rota, sem ao menos se precaver amainando as velas para dar menor preza á tempestade. Os marinheiros que o viam da praia, espantavam-se de tal temeridade: «aquelle bravo gallego — diziam elles — desde que metteu em seu navio o padre Malagrida, pensa que é o senhor dos mares, e não deixa de ter rasão.»

Todavia quiz Deus que a fé do fiel portuguez passasse por terriveis provas. Á tempestade, que tive-

ra o navio no fundo, succedeu calmaria não menos desastrosa. Estavam ainda mui longe do continente, e a provisão de agua era quasi exhaurida. Para que ella durasse algum tempo mais, ordenou o capitão que se fosse diminuindo a ração ordinaria dos passageiros. Ao principio soffreram corajosos a dura privação; mas depois, mingoando-lhes as forças, resolveram dirigir-se ao santo que levavam comsigo, para obterem por seu intermedio consolação a tantos males. Malagrida recebeu-os ternamente, e empenhou-se em lhes reanimar a coragem com palavras; mas depois de orar fervidamente, foi ter-se com o capitão, pedindo-lhe que fosse menos mesquinho com os passageiros, e lhes désse agua em maior quantidade. O capitão desculpou-se que era grande imprudencia fazel-o, pois que havia apenas uma pipa de agua. «Vamos vêr — disse Malagrida.» E seguidos de outros passageiros, desceram ambos ao porão. Ahi, recolhendo-se Malagrida um momento, e fazendo depois o signal da cruz sobre a pipa, disse ao capitão: «Creia-me que temos agua de sobra: seja mais generoso.» Teve o capitão fé n'aquella palavra, e fez distribuir agua a granel: tamanha era a confiança que o santo homem lhe inspirava!

Alguns dias se passaram em que adiantaram pouquissimo: afinal, soprou brisa assaz rija, que em pouco se tornou furacão violento; cabos e velas tudo foi espedaçado, o leme partido, e o navio mettendo agua por toda a parte, ameaçava a cada in-

stante afundir-se no abysmo. N'este supremo perigo, correm os passageiros ao santo missionario, que os tranquillisa e persuade a que façam voto em honra da Virgem Santa de se confessarem e commungarem em um de seus sanctuarios privilegiados, se escaparem áquelle perigo imminente. Apenas a equipagem pronunciou o voto, aplacou-se a tempestade, e o navio avariado pôde seguir sua derrota até á foz do Tejo.

Já a marinhagem e passageiros saudavam com transportes de alegria o termo desejado de sua longa e desastrosa navegação, quando os gritos de jubilo se mudaram em brados de angustia. O navio que, á mingua de leme, não podia ser norteado, batera contra um rochedo á flor d'agua. Desde a praia, os moradores da costa, viam afflictos submergir-sè o navio, sem que elles podessèm soccorrel-o. Na sua desesperação lembram-se os naufragos que já duas vezes Malagrida os tinha salvado da morte: rodeiam-no, e conjuram-no com lagrimas, que os soccorra. Então, o homem de Deus, pegando do veu que cobria a imagem da Virgem Santa, companheira e protectora das suas missões, sóbe á coberta, e abençoa o navio. N'este momento, a embarcação, safando-se por si propria, deriva á corrente, e como se a propulsasse mão invisivel, entra barra dentro, com applausos e acclamações da multidão, testemunha do manifesto milagre.

Divulgou-se por toda Lisboa o prodigio operado pelo apostolo do Brazil, á sua chegada a Portugal.

El-rei D. João V enviou-lhe um dos seus bateis para o trazer a terra, e conduzir até ao seu palacio. Á vista do veneravel servo de Deus, o rei, apesar de uma dolorosa paralysia, que lhe tolhia quasi o uso dos membros, ajoelha e pede-lhe a benção. O humilde religioso, em tal conjunctura desfez-se em lagrimas. Confundido ao vêr a seus pés tão poderoso monarcha, debalde procura retrahir-se; o rei pega-lhe da mão e a leva ao rosto. Com a voz cortada de soluços, Malagrida pronuncia então a oração da igreja: *Respice quæsumus, Domine, super hunc famulum tuum Regem;* Senhor nós te pedimos que olheis para o rei vosso servo. «Não, meu padre — exclamou o monarcha interrompendo-o — não digais *rei;* dizei *peccador.*» Palavras dignas do principe fidelissimo, que nos recordam as bellas respostas do glorioso S. Luiz!

Animado por tão agraciada recepção, expoz Malagrida ao rei os motivos que o trouxeram á Europa. Disse que viera sobpôr á protecção de sua magestade os conventos e seminarios que fundára na America, e que ficavam sugeitos ás aggressões de numerosos adversarios; implorava para taes fundações o soccorro de suas liberalidades; e pedia ao mesmo tempo auctorisação para fundar outros estabelecimentos de tal genero, tão salutares ás almas. O rei agradeceu a Malagrida o zelo empregado em trabalhos uteis aos seus vassallos, e prometteu-lhe protegel-o, a elle e a suas obras. Antes de o despedir, perguntou-lhe se trouxera comsigo aquella

imagem da Virgem Santa, mediante a qual operava tão grandes prodigios; e respondendo-lhe Malagrida, que a imagem estava ainda no navio, ordenou el-rei que se fosse buscar com grande pompa, para a casa dos jezuitas.

Passados dois dias, uma flotilha de botes, com os mastros empavezados de bandeiras e galhardetes, foi em demanda da venerada imagem, e a conduziu até ao paço, onde a esperavam os alumnos dos jezuitas, com immensa multidão de povo. Logo que a estatua desembarcou, começou a procissão a caminhar : á frente, em duas filas, iam os meninos do collegio cada um com sua bandeira; depois, seguiam-se os mestres de sobrepelliz; quatro d'estes levavam a imagem miraculosa sobre um magnifico andor; Malagrida ia apoz elles, descalso, com o crucifixo na mão, e seguido dos marinheiros, que, por sua intercessão, se salvaram do naufragio; por fim fechava o cortejo a multidão compacta. O proprio rei assistiu a esta maviosa ceremonia, de uma janella do seu palacio. Quando a estatua foi posta no bello altar que se lhe preparou na igreja do Collegio, Malagrida subiu ao pulpito, e dirigiu algumas phrases calorosas, dictadas por seu coração de apostolo, ao auditorio. D'esta arte inaugurou os seus sermões na capital de Portugal.

Poucas semanas bastaram para adquirir a estima e veneração de todos os habitantes. Um homem distincto, que havia muitos annos pedia a Deus a mercê de vêr em sua vida um d'aquelles santos, cujas

heroicas virtudes descrevem os annaes da Igreja, depois de conversar com Malagrida, não pôde deixar de exclamar: «Agora estou satisfeito, que vi um santo!»

Penetrada de egual veneração pelo apostolo, a piedosa rainha Maria Anna de Austria, quiz fazer, dirigida por elle, a direcção dos exercicios de Santo Ignacio, com todas as damas do seu serviço. Porém, cresceu de ponto a sua fama com uma cura miraculosa, attribuida ás orações do jezuita.

D. Antonio do Amaral Sarmento, antigo governador das Indias Orientaes, tinha uma filha chamada Rita, que uma longa doença pozera ás portas da morte. Já a medicina a tinha desamparado. No auge do desespero, a mãe de Rita corre a casa do *santo* e roga-lhe que alcance do Senhor a cura da sua amada filha. Malagrida vae ao leito da joven enferma, pede um pouco de pão, e diz-lhe: «Tome, minha filha, este pão e coma-o; depois levante-se e venha ao collegio agradecer a S. Francisco Xavier que a vai curar.» A menina pegou do pão, comeu, e, caso maravilhoso! sentiu renascer-lhe a vida em todos os membros já atrophiados. N'esse mesmo dia foi ao collegio a pé, agradecer a S. Francisco Xavier, consoante Malagrida lhe recommendára, a mercê de sua cura.

O modesto religioso, quando interpoz S. Francisco Xavier n'este milagre, quiz esquivar-se á fama de thaumaturgo, mas ninguem deixou de lhe attribuir aquella milagrosa cura.

Multiplicava-se, digamol-o assim, no serviço das almas, revigorisando a devoção nas communidades religiosas, fazendo em todas as igrejas da cidade exercicios de Santo Ignacio, confessando, prégando, cathequisando, e por toda a parte enceleirando optimos fructos de penitencia. Não podia propriamente esconder de si estes successos; mas tão humilde era que tudo imputava á protecção da Santa Virgem. «O demorar-me em Lisboa, escrevia elle, parece convir a Nossa Senhora do Maranhão; por que não sou eu (e com effeito eu que sou?) mas sim esta Augusta protectora dos meus trabalhos, que merece todas as considerações com que aqui me honram.» Maior consolação ainda aguardava o santo apostolo.

Por esse tempo, el-rei D. João V, no aperto de crueis soffrimentos, tentou cobrar forças nos soccorros da religião, e resolveu recolher-se espiritualmente sob a direcção de Malagrida. O augusto penitente começou por transformar o seu paço em verdadeira solidão: todo absorto em Deus, depoz as insignias da realeza aos pés da devota imagem de Nossa Senhora das Missões, que mandou collocar no seu oratorio, e revestir de preciosos estofos recamados de ouro e pedras; depois, entregou-se todo á direcção do seu guia espiritual. O ministro de Deus não se acanhou de expôr ao monarcha as grandes verdades da salvação com a maxima energia; e o rei ouvia as austeras lições com admiravel docilidade. Um dia, abalado no imo d'alma por aquella palavra penetrativa,

exclamou: «Diga, meu padre, diga o que devo fazer para aquietar plenamente a minha consciencia.»

Em meio d'estas felizes disposições feriu a morte aquelle bom principe, no dia 31 de julho de 1750, no mesmo dia em que a Igreja celebra a festa de Santo Ignacio, cujos salutares exercicios tão dignamente o aperceberam para comparecer no tribunal divino.

Foi Malagrida quem recebeu o ultimo suspiro do principe agonisante! «Ditoso, — exclamou o papa Bento XIV, em pleno consistorio (23 de setembro de 1750) quando annunciou aos cardeaes a morte do rei de Portugal.—Feliz aquelle nosso fidelissimo filho, que teve Malagrida por director, e que em seus braços expirou!»

A historia, fallando de D. João V, compraz-se em recordar a sabedoria do seu governo, a protecção esclarecida que deu ás letras, ás sciencias e artes, e sobre tudo o zêlo verdadeiramente admiravel que exercitou na dilatação progressiva das fronteiras do imperio christão! Succedeu-lhe seu filho, José I; mas este joven principe, inerte de mais para poder reinar por si, cahiu sob a tutela do celeberrimo marquez de Pombal, cujo odio devia ser tão funesto a Malagrida.

Antes de expirar D João V, concedera ao santo varão tudo o que elle requerera para as suas fundações americanas. Além de lhe conceder inteiro poder na edificação de conventos e seminarios, onde quer que os julgasse proveitosos á salvação dos fieis,

entregou-lhe o rei uma valiosa quantia para costear as primeiras despesas de suas fundações, e consignou a cada uma das cazas que estabellecesse, uma renda de oito centos cruzados do seu bolsinho particular.

Opulentado pela liberalidade do piedoso monarcha, deu-se pressa o apostolo em despender aquellas munificencias no proveito das suas queridas christandades do Brazil. Dispoz-se pois a partir. Quando se despediu da rainha mãe, esta princeza, affligida com a perda de director tão douto e prudente, exprimiu-lhe o desejo de que ficasse em Portugal, para assistir á morte d'ella tambem, que não podia estar longe. Malagrida, com firmissima voz, que não podia deixar duvida, affirmou á rainha, que tornaria a tempo para consolal-a em sua ultima doença. «Consinto em vossa partida, com essa condição; e não me olvideis em vossas orações» — disse a rainha.

A ponto de transpôr pela terceira vez o vasto Oceano, lembrou-se o apostolo da patria, e dos irmãos que alli deixára.

Moveu-lhe o coração esta saudade, e pegando da penna lhes dirigiu, em 25 de julho de 1751, este affectuoso adeus, do qual escrupulosamente conservamos o texto:

«O padre Gabriel Malagrida — depois de 29 annos vividos na felicidade e alegria de sua alma, ao travez de variadissimos trabalhos, entre povos do Brazil, portuguezes e barbaros, no cumprimento de

seu ministerio apostolico e serviço do seu tão bom Mestre—achando-se neste momento, sem saber como, nesta cidade e côrte de Lisboa, á conta de gravissimos interesses d'aquelle Seberano Senhor, isto é, para fazer authorisar pelo rei de Portugal differentes fundações de conventos, casas de retiro e seminarios, antes de voltar segunda vez ás costas de Italia, e repassar o occeano, aproveita esta occasião para enviar a sua mais viva saudade, e os seus mais ternos abraços a todos os padres, que conheceu, especialmente aos P. P. Cadolini, Cazati, Andiberti, Brusati, Altogradi, Ynurea, Brizio, Carolino; e do mais intimo da sua alma lhes pede que recommendem, *se et sua omnia* ao adoravel Salvador Jesus e a sua Mãe Santissima, esperança e protectora das suas missões.

«*Illa invenit tantam gratiam in oculis Regis et Principum*, ella foi agraciada nos olhos dos reis e dos principes; pelo que todos os soccorros e favores conseguiu, e afóra isso, copiosas esmolas para fundação de seminarios me ha promettido a grandiosa munificencia do rei. Verdade é, que os conselheiros não estão todos por igual *bene affecti in causam*, bem dispostos nesta empresa; por quanto dispender muito lhes custa sempre muito.» Aquelle digno e caro padre Carboni recebera ordem de S. Magestade para procurar o effeito de sua piedosa liberalidade; mas a perda, tão prematura e chorada por todo o reino d'aquella grande calumna da nossa companhia, veio agurentar estas formosas esperanças.

«Dai-me a vossa santa benção, e adeus até ao paraizo.

«O mais indigno servo de todos no Senhor

Gabriel Malagrida

«Collegio de Santo Antão, Lisboa, 25 de Julho de 1751.

«P S. Eu quizera escrever a cada um em particular; não o faço por que estou occupadissimo em fazer os exercicios ás senhoras d'esta côrte, e tambem por que, depois de dois longos annos, não sei quem é vivo, nem quem é morto.» (*)

Não é tão sensibilisador vêr aquelle venerando missionario, encanecido na tarefa de vinte e nove annos de apostolado, pedir humildemente a benção de seus irmãos, repetir com aprazimento seus nomes, que tão longa ausencia lhe não deliu da memoria, e dulcificar os pezares do apartamento com o pensamento do paraizo, para onde lhes marca a todos o supremo encontro? E' doce achar tamanha ternura no coração de homens heroicos, que por amor de Deus sacrificam o que mais caro lhe é na vida, mas com a meiga esperança de tornar a vêr em melhor patria todos aquelles de que se apartaram.

(*) Christoph von Murr, Diario, zur Kunstgeschichte, T. X, p. 195.

XVI

Ultima visita de Malagrida á America

(1751-1754)

Malagrida queria transportar-se em um navio mercantil em que se achavam já quatro missionarios da Companhia; mas a rainha, em prova de muito affecto, fêl-o embarcar a bordo da nau do estado que devia conduzir a America o novo governador do Brazil, Francisco Xavier Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho. D'esta arte, por disposição secreta da Providencia, se encontraram na mesma embarcação o maior esteio das missões americanas, e o mais implacavel inimigo d'ellas.

Ia largar-se o panno quando um enviado do rei foi a toda a pressa levar a Malagrida uma carta autographa de D. José I, em que este principe o nomeava no honroso cargo de conselheiro real nas possessões de além-mar. Deste modo, o successor de D. João V, quiz, antes da partida do apostolo,

dar-lhe o final testemunho de sua estima e affeição.

Durante a viagem, Malagrida não descurou ensejo algum de lembrar á equipagem os deveres da vida christã. Um dia, em conversação de que elle era parte, algum dos officiaes ousou dizer que a religião catholica era estorvo ao progresso temporal dos estados, e como exemplo citou Inglaterra, que se tornára, depois do scisma de Henrique VIII, a primeira entre as nações. O virtuoso jesuita não deixou passar semelhante preposição, e o official, confundido, foi forçado a dizer que não tinha fallado seriamente.

Abicaram em S. Luiz aos 26 de Julho de 1751. Agradecendo á Virgem Santa a protecção de tão prospera viagem, o governador Mendonça (que ainda não tinha desafivellado a mascara,) e mais tres grandes dignitarios do estado, quizeram pessoalmente conduzir ao collegio dos jesuitas a milagrosa imagem de Nossa Senhora das Missões, que Malagrida não deixara em Lisboa.

Concorreu muita gente áquelle brilhante prestito, e com festivas acclamações, misturadas ao ribombo da artilheria, assim saudavam a boa vinda do novo governador, e do santo apostolo.

Mas, ninguem foi mais alegre d'aquella vinda que os padres do collegio. A volta de Malagrida foi-lhes gratissima surpresa, por que elles não esperavam mais vêl-o. Os seus antigos discipulos não sabiam como testemunhar-lhe seu contentamento. Perguntou-lhe um d'elles, como podera tão cedo voltar ás

plagas americanas, e elle, sorrindo, respondeu com o verso de Virgilio:

Matre Dea monstrante viam...

Mal repousado ainda das fadigas da viagem, começou o apostolo activamente a realisar emfim os projectos que tanto o preoccupavam. Queria principiar com a fundação de um seminario a S. Luiz; porém o bispo D. Francisco de S. Thiago, allegando que, segundo o Concilio de Trento, a elle só competia fundar tal estabelecimento, recusou-lhe a licença.

Malagrida, por essa occasião, não insistiu, e applicou-se exclusivamente a prégar,

A festividade da gloriosa assumpção da Rainha dos Ceos, devia celebrar-se por aquelles dias. O santo missionario, predispondo o povo para aquella solemnidade, reuniu-o tres dias a fio na igreja do collegio, onde prégou. No proposito de lhe fallar tanto aos olhos como á intelligencia, collocou a imagem de Nossa Senhora das Missões, revestida com os magnificos enfeites que lhe deram os principes de Portugal, sobre um leito de flores, em meio de lyrios e rozas.

Este insolito espectaculo attrahiu muitissima gente e deu de si feliz influencia. No dia da festa, foi o bispo quem fez pontifical no altar, e presidiu á grande procissão em que a imagem milagrosa foi levada pela cidade.

Feita esta salutar missão, Malagrida tornou ao Pará, e achou ahi o seminario, que annos antes fundára, em florentissimo estado. Confiava poder emfim edificar a casa de azylo em que tanto pensára; mas mal conhecia elle a malicia de seus inimigos. Afim de indispor contra o homem de Deus os paraenses, alguns calumniadores propalaram falsas atoardas á conta d'elle, dizendo: «Que elle fôra a Portugal para advogar a causa dos escravos; que, abusando de sua influencia sobre o rei, lhe extorquira ordens secretas, emancipando todos os escravos.»

Os portuguezes, temerosos de se verem esbulhados dos seus haveres, perdendo os escravos, facilmente acreditaram aquelles boatos mentirosos, e a Malagrida força lhe foi sahir da cidade a toda a pressa para não ser victima do odio.

Voltou pois a S. Luiz pelo mar. Já tinha entrado no estreito canal que conduz ao porto, quando de subito uma ventania furiosa impolla as vagas; a barca, arfando sobre o abysmo, está a pique de ser engolida pela voragem. Na maior angustia do perigo, os remadores ajoelharam aos pés de Malagrida, que rezava serenamente. «Salvae-nos!» exclamavam elles.

Mantendo todo o seu socego, ergueu-se o apostolo, fez o signal da cruz, e no mesmo instante cahiram os ventos, serenaram as ondas, e a barca pójou felizmente no porto.

Immediatamente o incansavel obreiro do evangelho se entregou aos seus trabalhos communs. Prégou as grandes verdades da fé; mas taes verdades

não penetram a seu talante nas intelligencias broncas.

Que fez elle para as tornar mais sensiveis? A' imitação do padre Anchieta, compoz dramas religiosos onde poz em scena os principaes personagens do evangelho: o nascimento do Salvador, a Paixão, o juizo final, foram representados aos olhos do povo, movido até ao pranto por aquelle espectaculo novo. Muita gente, sahindo d'aquelle theatro, entrava em sua casa mais commovida e melhormente convertida, do que tinha sido nos mais eloquentes sermões.

Não se esquecia, no entanto, Malagrida da sua obra principal. Pois que não pôde obter o seminario, quiz ao menos estabelecer um asylo egual ao da Bahia.

Não o contradisse de modo algum o bispo de S. Luiz; e por tanto, a primeira pedra foi lançada com grandes festas.

Eram 9 de julho de 1752. Todos os habitantes da cidade, com o bispo e governador á frente, assistiram á pia ceremonia.

Malagrida tivera o cuidado de fazer elevar, á beira do fosso cavado para os alicerces, um tablado ricamente ornamentado, em que foi exposta a imagem de Nossa Senhora das Missões. E, orando enthusiasticamente, excitou o ardor do povo, por maneira que desde logo os trabalhos se adiantaram acceleradamente.

Nunca visto espectaculo! Os mais grados personagens da terra se dirigiam, diariamente, conduzidos por Malagrida, para os alpendres da construcção,

e ahi se misturavam aos alveneis e pedreiros, para adiantar a obra. Uns carreavam pedra, outros rodavam padiolas carregadas de terra, outros amassavam o cimento; mas não podia contemplar-se friamente aquelle bom velho de sessenta e trez annos, encanecido na milicia do apostolado, curvando os hombros extenuados debaixo de enormes pezos, offegante e coberto de suor, socorrendo os de mais, e alivial-os de suas cargas, e depois dar-lhes o agradecimento em nome de Deus, e abençoal-os com effusão! Ditosos os povos que viram taes exemplos.

O convento, principiado no mez de julho, concluiu-se no fim de agosto. Quinze meninas requereram entrar alli no serviço de Deus. Foi uma commovente festa a das virgens consagradas ao Senhor, trocando as vans frivolidades do mundo pelo habito de burel. Toda a cidade assistiu a esta ceremonia. As mais qualificadas senhoras se nobilitaram acompanhando as servas de Christo até á sua nova vivenda. A' frente ia Malagrida empunhando o crucifixo. Foram parte no cortejo todos os religiosos da cidade, e os soldados em forma contribuiram com a sua assistencia, a dar realce ao esplendor da festa.

Já Malagrida premeditava outra fundação. Entre os meios de que usava para conquistar almas a Deus, o mais poderoso, a seu ver, eram os exercicios de Santo Ignacio. Dizia elle, que os seus raios invenciveis, o seu gladio, eram os exercicios.—Quando eu floreio esta espada, accrescentava elle com santa emphase, e vibro estes raios, todo o inferno fréme e treme.

E para poder mais commodamente fazer os exercicios, mandou edificar uma casa de retiro a meia legua do Maranhão, em local arborisado e fresco das brisas agradaveis do mar. Este ermo encantador era uma como Thebaida, e não havia vêr sem commoção, o fervor dos penitentes que alli iam chorar suas culpas, e trabalhar na reforma de sua vida, dirigidos pelo virtuoso missionario.

O biographo latino de Malagrida descreve pelo miudo o methodo que elle seguia em seus santos exercicios. Na vespera do retiro, diz elle, reunia o apostolo todos os que desejavam ter parte n'esses exercicios salutares, e lhes recommendava que se abstivessem, durante esse tempo solemne, de qualquer negocio capaz de os distrahir.

Na manhã do dia seguinte, depois de uma leitura de piedade, proferia em voz alta a meditação, na qual dava livre curso aos sentimentos devotos que exuberavam de sua alma. Ao terminar da oração, pegava do crucifixo, e com penetrante voz pintava, de um lado o amor de Jesus Christo aos peccadores, e do outro a ingratidão do peccador para com Deus morto na cruz por seu amor: estas palavras tiravam lagrimas dos corações mais de pedra.

Apoz a meditação, subia ao altar a celebrar os santos mysterios; depois, fazia uma solida instrucção sobre qualquer ponto de moral, insistindo particularmente na preparação que era mister fazer-se para a recepção dos sacramentos. O meio efficaz que suggeria para extirpar da alma os mais inveterados

vicios, era o exame de consciencia, para o qual traçava methodos assim faceis quanto seguros.

Duas outras meditações santificavam ainda aquelles dias tão santamente preenchidos; e ao cahir da noite, todos os exercicios terminavam pela resa do Rosario em commum. Sentindo-se obrigados a expiar suas culpas, os penitentes recorriam logo a rigorosas flagellações de dia, cintavam-se com asperos cilicios, e de noite, antes de adormecerem, açoitavam-se até fazer gotejar o sangue. Depurados pela penitencia, chegavam com fervor á Mesa Sagrada, e assim consolados e fortalecidos, reentravam corajosos por entre as provações e combates da vida.»

Acabada a casa do retiro, faltava o seminario. Malagrida esperára pacientemente até então. A morte do bispo que lhe impugnára o projecto, removeu todas as difficuldades.

Em 8 de setembro de 1753, teve o varão de Deus o prazer de introduzir em um novo estabelecimento muitos alumnos destinados a serem o esteio e ornamento das igrejas do Maranhão.

Uma carta da rainha Maria Anna de Austria, arrancou Malagrida áquellas occupações tão queridas do seu coração de apostolo. De seu proprio punho, lhe escreveu a mãe de D. José I para que voltasse a Portugal. Dizia ella, que via com pavor avisinhar-se o momento da morte, e havia mister dos conselhos e orações de um homem tão versado na sciencia dos santos. Não ousou Malagrida recusar-se ao pe-

dido da rainha, lembrando-se da promessa feita, antes de sahir de Lisboa. Dispoz-se pois a atravessar o Oceano pela quarta vez.

E, deixando para sempre a plaga remota que regára com seu suor e até com o sangue, ahi deixava o apostolo monumentos do seu zelo, que só poderão ser destruidos pelo odio dos inimigos da igreja, e da companhia de Jesus.

Uma casa de retiro em S. Luiz, tres seminarios, quatro conventos de mulheres, muitos asylos, oito igrejas restauradas: taes são os estabelecimentos com que dotára o Brazil, e para tantas fundações, empecidas por mil estorvos, as mais das vezes não tinha elle recursos senão a sua inabalavel confiança no auxilio da providencia divina.

Que ha pois que admirar na veneração dos povos por aquelle santo apostolo? Por toda a parte, tanto na America como na Europa, resoava em honra d'elle um concerto unanime de louvores, de certo benemeritos, e bastantes a soterrar a impostura e os embustes que tentaram denegrir vida tão pura e santa.

Os padres capuchinhos da cidade da Bahia, escreviam d'este theor ao geral da sua ordem em Roma: «Vão bem os nossos negocios, mercê dos muitos milagres do padre jezuita, Gabriel Malagrida. E' um santo poderoso em obras e palavras: é o Xavier do nosso tempo.

«Bem que a côrte de Lisboa, o reino de Portugal, e todas as suas colonias formem sublime conceito d'este ardente apostolo, fique vossa P. certo que esta

reputação está longe de corresponder ao seu immenso merito, e á sua heroica virtude. Temos sido e somos, testemunhas occulares. Cada dia temos que admirar-lhe a austeridade da vida, o zelo ardente, e o espirito de oração; cada dia lhe descobrimos novas virtudes e favores que o ceu concede sómente aos seus maiores servos. Quando fôr preciso para a gloria de Deus e honra da douta companhia a que elle pertence, promptos estamos a confirmar com juramento tudo o que deixamos dito.»

Não menos glorioso era o juiso que formava do santo apostolo o primeiro superior da companhia: «Eu não creio, dizia Francisco Retz, que a sociedade toda hoje possua missionario comparavel ao padre Malagrida!»

Elogio assás significativo para que recordemos aquella phalange de heroes, cuja voz então repercutia nas quatro extremidades do mundo.—Nas plagas da China e do Japão, nas do Paraguay e do Canadá, nos torrados desertos de Africa e nos gelos do Septentrião.

XVII

Volta Malagrida a Lisboa

(1754-1756)

Com viagem mais feliz que a passada, sahiu do Maranhão o padre Malagrida no principio de janeiro de 1754, e entrou no porto de Lisboa no principio de fevereiro. No mesmo dia do desembarque, foi apresentar-se á rainha, a quem fallou assim:

«Senhora, fiel á promessa que fiz a vossa magestade, ha tres annos, antes de sahir para a America, venho consagrar ao serviço de vossa magestade o restante dos meus dias.»

Desde logo começou entre a piedosa princeza e o exemplarissimo missionario affectuosa convivencia quasi quotidiana. Era dulcissimo goso para a rainha confiar suas maguas a um homem que se lhe figurava tão favorecido das graças celestiaes.

Porém, tão grande influencia na corte, por força, devia grangear a Malagrida o odio do ministro de

estado, o ambicioso Sebastião José de Carvalho. De feito, por esse tempo, estalou entre esses dois homens terrivel antagonismo: — lucta, sem duvida muito desegual, na qual, um pelejava com a omnipotencia que lhe dava o primeiro cargo do reino; em quanto o outro, velho, alquebrado por austeridades e canceiras de trinta e tres annos de apostolado, nas florestas americanas, combatia tão sómente com as armas inflexiveis da virtude e da paciencia. Facil era prever, desde o começo, o resultado da lucta.

Antes de entrar nos pormenores d'este duello, senão antes d'esta perseguição atroz á innocencia — onde veremos em campo tudo quanto a tyrannia dispoz extraordinariamente de brutalidade e crueza — cumpre dar ao leitor noticia d'aquelle famoso estadista, por tantas maneiras preconisado pelos thuribularios da civilisação moderna.

Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal depois, havia sido, como estreia da sua carreira politica, embaixador de Portugal nas côrtes de Londres e Vienna. N'esta segunda cidade desposou em segundas nupcias uma senhora da illustre casa de Daun. Repatriado a Lisboa, habilitou-se a occupar o logar vago de secretario de estado; mas el-rei D. João V, que o conhecia de fundamento, jámais consentiu em confiar-lhe o ministerio. Implorou Carvalho e Mello a protecção da rainha, a qual encarregou o jezuita João Baptista, Carbone de instar com el-rei, que o ouvia com muita attenção; mas não logrou

melhor exito este meio. Cada vez que lhe fallavam em Sebastião José de Carvalho, o soberano respondia: «Conheço cabalmente o espirito turbulento, hypocrita e audacioso de Carvalho; descende de uma familia vingativa, cruel, e furiosa.»

Só depois da morte de D. João V, attingiu Sebastião de Carvalho o galarim dos seus desejos. O joven monarcha José I, em prova de respeito á mãe, confiou logo ao seu protegido as funcções de secretario de estado. O primeiro acto do novo ministro foi incutir-se na estima do jezuita José Moreira, confessor do rei e da rainha sua esposa, a fim de captar, medeante o jezuita, o valimento do soberano. O padre deixou-se embair pelo secretario de estado, e assim se fez causa involuntaria do predominio despotico que o ávido ministro exerceu sobre o fraco animo de José I.

Tal era a posição que o ministro ganhára á força de intrigas, quando chegou á côrte o antigo apostolo do Brazil, chamado pela rainha. Viu o ministro com olhos invejosos a progressiva influencia do jezuita, e já fomentava no secreto do coração os meios de preparar-lhe a queda, quando um incidente, pouco valioso de si, lhe esbrazeou no peito odio implacavel a Malagrida — odio que o sangue do sancto ancião devia apagar!...

Poucos dias eram passados depois que Malagrida chegára a Lisboa. (*) Sahia elle, uma manhã, de

(*) Christovão de Murr, *Descripção do carcere da Junqueira*, pelo marquez de Alorna.

longa pratica com a rainha, quando nas escadas do paço encontrou o ministro. Como o não conhecesse, passou ávante. Ferido no seu orgulho, Sebastião José de Carvalho reteve-o, e perguntou-lhe se o não conhecia. «Não tenho essa honra» respondeu simplesmente Malagrida.—Oh! que mortal tão ditoso!—exclamou o valido—como! o padre vive na côrte, e não conhece o secretario de Estado!

A taes palavras, Malagrida, confuso de sua ignorancia, lançou-se aos pés de Carvalho, desculpando-se que apenas acabava de entrar em Portugal, e lhe rogou humildosamente que lhe perdoasse a descortezia involuntaria; depois, proseguiu em tom respeitoso: «Agora que tenho a honra de conhecer e fallar a V. Ex.ª, permitta-me, senhor, que lhe faça um pedido; e é de retirar do Maranhão seu irmão, o sr. Mendonça; por que é tanto o odio que seus procéssos administrativos lá lhe tem grangeado, que eu lhe futuro alguma desgraça, se elle se não evade depressa á vingança de seus inimigos. «Heide pensar n'isso»—respondeu seccamente Carvalho. E voltou-lhe as costas.

Porém, desde aquelle lance, irritado em dobro, já pela ignorancia do missionario quanto á sua pessoa, já pela audacia com que lhe fallou no irmão, o ministro jurou perder o atrevido jezuita que ousou dar-lhe conselhos.

De mais d'isso, Malagrida teve, d'ahi a pouco, revelação celestial do destino que se lhe predispunha. Prégando um dia na egreja de S. Julião, um

dos ouvintes, repentinamente apoderado de espirito maligno, pegou de gritar com tregeitos de arremetter: Ainda ahi estás, velho maldito! Ai de ti!» Sem perturbar-se, impoz-lhe silencio Malagrida, e o energumeno não ousou balbuciar palavra. Porém, depois do sermão, o companheiro de Malagrida, o padre Manoel da Cruz, lhe exprimiu o seu espanto da serenidade com que elle ouvira os brados do possesso. «Estou affeito a isto—respondeu Malagrida—não é esta a vez primeira que o demonio me faz semelhantes ameaças.»

Pouco tempo depois, quando elle referia o caso ao infante D. Pedro, accrescentou que a despeito da repugnancia que lhe fazia acreditar vozes de energumenos, não duvidava que aquella voz era a do demonio que o ameaçava. — Pois o padre teme o demonio? — perguntou-lhe o infante.— Sim, meu principe; temo-o — respondeu o sancto homem — por que sei quanto poder Deus lhe concede.»

N'esta correnteza de coisas, a rainha, conforme se lhe prefigurára, cahiu gravemente enferma. Já todos os medicos a haviam condemnado. Só Malagrida se não mostrava inquieto. O futuro justificou a sua serenidade, porque a rainha melhorou.

Retirou-se a soberana, para apressar a convalescença, á sua magnifica quinta de Belem, onde, longe do tumultuar da côrte, podia respirar mais puro ar, ali perto da praia, vendo das janellas do palacio as frotas alvejarem no remoto horisonte. Julgava-se ella quasi restabelecida, quando, volvido um mez,

a molestia se manifestou com mais assustadores simptomas. Ainda em Lisboa se ignorava a noticia da subita recahida, e já Malagrída o sabia de um modo extraordinario.

Estando elle a orar de madrugada, em sua cella, sentiu bater á porta, e cuidou ouvir a voz do padre Ferreira que lhe dizia: «Depressa! vamos a Belem que a rainha está a morrer!» —Ahi vou— «respondeu Malagrida; e correu logo á cella do padre Ferreira, dizendo: «Aqui estou, vamos lá»—Onde quereis ir?!—perguntou-lhe o padre espantado.»—Onde me dissestes que fosse comvosco! Pois, quando eu estava resando, não me fostes dizer que vos acompanhasse a Belem, que a rainha estava nas ultimas?!»

Cada vez mais alheado, o padre Ferreira não dava tino do que devia pensar; comtudo, pozeram-se ambos a caminho; e, apenas chegados a Belem, souberam que em verdade a rainha estava a expirar. Malagrida pôde entrar nos reaes aposentos; e, beijando respeitosamente as mãos, já glaciaes, da rainha, exhortou-a sem rodeios a pensar na eternidade. Os aulicos levaram a mal a sancta ousadia do jezuita, a aconchavaram-se entre si para o não deixarem chegar outra vez ao leito da rainha moribunda.

Profunda fôra a afflicção de Malagrida por essa recusa; e tal que — para evadir-se á colera dos inimigos, resolveu retirar-se para Setubal, longe da côrte. Ia pór-se a caminho, quando o padre Ignacio

de Carvalho lhe disse, que a rainha estava livre de perigo. Malagrida respondeu-lhe: «Eu vou para Setubal; cá ficaes para vêr em breve os tristes funeraes.»

Alguns dias depois, ao reverso da espectativa, a rainha expirou aos 14 de agosto de 1754.

No mesmo instante em que expediu a alma, prégava Malagrida em Setubal, na egreja parochial de Santa Maria. De subito, desfeito em lagrimas, exclamou: «A nossa rainha, a nossa mãe commum, acaba de entregar o espirito a Deus!» Estas palavras causaram tanto maior abalo, quanto na manhã de aquelle mesmo dia, noticias da côrte se espalharam as mais agradaveis a respeito da saude da soberana.

A morte d'aquella piedosa princeza, (*) foi perda irreparavel para a Companhia de Jesus: com ella se alluiu o derradeiro esteio contra os ataques de Sebastião de Carvalho.

Ninguem a chorou tanto como Malagrida. Como derradeira prova de estima, lhe legára a rainha em seu testamento 40:000 cruzados para a fundação de um mosteiro de freiras em Sutubal. Se este legado foi entregue a Malagrida não o diz a historia; mas tudo nos persuade a crer, que o primeiro ministro se não açodaria em entregar ao seu inimigo a quantia que lhe destinára a munificencia da rainha.

Na sua nova residencia de Setubal, o velho apostolo do Brazil prégava sem descanço, fazendo publi-

(*) Ritter, *Vita d. D. Mariannœ de Austria,* cap. V et XVIII.

cos exercicios de Santo Ignacio, e acereando o povo com as maravilhas que visivelmente operava. Um dia, o conde de S. Lourenço, primeiro camarista do infante D. Pedro, appareceu lagrimoso em casa do missionario, recommendando ás suas orações o seu primogenito, esperança de sua casa e consolação de sua velhice. Estava em perigo de morte. —«Tenha animo— respondeu-lhe o padre— seu filho não morrerá ainda.» E de feito, contra o que se esperava, o menino recobrou saude; e seu pai, exultando, attribuiu esta cura ás orações de Malagrida.

Tanta era a veneração que o sancto homem inspirava, que o povo se apinhava em volta d'elle nas ruas, e empregava respeitosa violencia para lhe beijar as mãos e a orla da lôba. Era de mais para o inimigo de todo bem, que bafejou seu odio ao coração de um padre indigno que insidiosamente expoz Malagrida em negocio bastante intrincado. Chamado á presença do patriarcha de Lisboa, foi o apostolo obrigado a ir justificar-se na capital. Facil lhe foi desmascarar a calumnia; e o prelado, testemunhando-lhe sua confiança, encarregou-o de ir afervorar a predica em muitos mosteiros da sua jurisdicção.

Por esse tempo fizeram os moços religiosos collegiaes de Santo Antão, a solemne ceremonia da renovação de seus votos. O reitor do collegio pediu a Malagrida que, n'aquella occasião, proferisse algumas palavras para alumiar nos seus juvenis irmãos o zelo e o amor á perfeição. Acceitou de bôa

mente o velho missionario e adoptou para texto de sua exhortação as palavras de S. João: «Amou Deus por tal maneira o mundo que lhe deu seu filho unico». Ditas as primeiras palavras, vencido do ardor que o incendeia, não podendo abafal-o, ergue-se, e começa a percorrer a desmesurados passos o sanctuario, repetindo por entre lagrimas e gemidos: *Sic dilexit mundum*, culpando-se a si mesmo de tibio e ingrato com tão bom Senhor.

Voltando a si e corrido de sancta confusão, por haver revelado o que passava em sua alma, assentou-se para continuar a exhortação, mas as lagrimas suffocavam-o, e não pôde proseguir. Que importava? Já não se faziam mister palavras. Todo o auditorio chorava, e não se ouvia senão o gemer e suspirar.

Nova occasião de realçar seu zelo na salvação das almas se offereceu ao sancto homem. Entre varias providencias adoptadas por Sebastião de Carvalho —dizia elle—para regenerar o paiz, mandava construir um theatro, onde todas as noites, impudicos actores e actrizes davam ao publico torpes prelecções de desmoralisação e impiedade. Affligia-se Malagrida com a parte que ardia nas almas assoprada por essas detestaveis representações. Ouvindo tão sómente o seu zelo, quando tinha 65 annos, renovára suas lides litterarias para aniquillar as comedias do tempo, compondo outras, em que intermeava com muito engenho, lições de virtude, disfarçadas sob figurações amaveis e recreativas. Um d'aquelles dramas, intitulado *Sancto Adriano*, é dedicado ao serenissimo

infante D. Antonio; o outro, intitulado *A Fidelidade de Leontina*, offereceu-o Malagrida á rainha Maria Anna Victoria. D'esta arte redundava em aproveitamento das almas o mais válido meio de que lança mão o espirito do mal por induzil-as á sua ruina.

As armas, porém, que lhe deram os mais estrenuos triumphos sobre o inferno, foram os exercicios de Santo Ignacio. Depois que se estabeleceu em Lisboa, applicava-se todo no modo de fundar n'esta cidade uma casa de retiro onde podesse repousadamente fazer os sanctos exercicios.»

«Unamos nossas orações — repetia elle aos seus confrades—para que violentemos o céu até lhe arrancarmos esta mercê.»

Propriamente elle não cessava de pedir ao rei, á rainha e aos irmãos do rei, que lh'o concedessem; mas todas as suas diligencias eram atravessadas pelo perfido Carvalho, que se temia de vêr as suas creaturas repostas no trilho do dever pelo sancto missionario. A morte da rainha parecia ser o corte final em seus intentos; pelo que certo padre lhe perguntou que esperança tinha de lograr bom exito de sua empreza. «Pois bem — respondeu elle com socegado aspecto—Deus me dará outro protector.» E, dias depois, disse ao mesmo padre: «Vêde! já tenho quem se offereça a substituir a rainha: é o serenissimo infante D. Pedro.»

E, em verdade, aquelle principe, que muito queria á Companhia, offereceu a Malagrida fundar uma casa de retiro nas suas proprias terras; desgraça-

damente, como queria construir edificio espaçoso e commodo, foi mister tempo em organisar o risco. Esta demora deu mate ao intento. O rei, amartellado em segredo pelo impio conselheiro, retirou o consentimento que dera. O maximo de suas concessões cifrou em alugar-se casa onde se fizesse um ensaio dos exercicios.

Malagrida deu-se logo á procura de casa; e, após muitas pesquizas, achou em fim local apropriado nos arrabaldes de Lisboa. Em poucos dias se dispoz tudo para a recepção dos exercitantes, mas ao chegar o dia prefixo para a inauguração dos exercicios, apenas se encontrou uma ou duas pessoas que os seguissem. Obrigado se viu, pois, Malagrida a desistir, desta feita, do seu projecto. Voltando ao collegio, um padre muito da sua intimidade lhe disse para o consolar do desastre : «Isto vai mal... alugou o padre uma casa para fazer a tentativa dos exercicios, e logo aos primeiros; ninguem annuiu ao seu convite. Toda a gente vae agora dizer que a sua obra não péga em Lisboa.»

Com sereno rosto lhe respondeu Malagrida : — O padre sabe a preceito que santo Agostinho diz que a providencia de Deus, relativamente a nós, é um mysterio de luz, e de trévas. E, em verdade, acontecimentos ha na vida, que são como as scenas das peças theatraes : umas vezes scenas festivas, outras vezes scenas lugubres. Os exercicios cedo se hão de fazer em Lisboa, e então veremos grande concurso de gente a recebel-os.»

XVIII

Terremoto de Lisboa em o 1.º de novembro de 1755

No dia um de novembro de 1755, estallou o terrivel tremor de terra que encheu de consternação todo Portugal, e reduziu uma das mais florescentes cidades da Europa em um acervo de ruinarias. Dias antes d'esta pavorosa catrastophe, passava o sancto missionario em uma das mais concorridas praças de Lisboa, e vendo os mercadores a remexeremse na costumada freima, suspirou e disse a meia voz, de modo que o companheiro o ouviu «Ah! quantas fadigas por tudo isso que tão breve se vae extinguir!» Teria elle antecipado conhecimento do castigo reservado áquella cidade criminosa? A circumstancia seguinte parece remover duvidas a tal respeito : costumava elle dizer missa, bastante tarde: mas, no dia do sinistro, disse-a muito cedo, e logo depois da acção de graças, foi procurar o padre Francisco de

Portugal, que por doente se levantava mais tarde que a communidade. Ia no proposito de o fazer sahir da cama; porém achando-o já vestido, sahiu sem nada dizer, e foi ao refeitorio tomar um frugal almoço (o que já não fazia desde muito tempo).

O irmão, encarregado do serviço, admirou-se de o vêr, e perguntou-lhe por que vinha almoçar tão cedo, contra o seu costume. «É que me faltava o tempo para vir mais tarde»—respondeu Malagrida. E passou logo á capella, fechou-se no confissionario, rodeado como sempre de muitos penitentes.

Estava elle ahi, havia duas ou tres horas, quando subitamente começou a terra a tremer com um surdo rugido; seguiram-se os abalos uns aos outros; d'ahi a pouco as paredes da igreja desmoronam-se com estrondo e ao mesmo tempo as pedras, dasatadas da abobada, esmagam os fieis reunidos na capella. Rompem de toda a parte gemidos e gritos lamentosos. A este doloroso espectaculo, Malagrida ergue as olhos cheios de lagrimas para o ceo, e exclama como David outr'ora: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum*; o meu coração está prompto, Senhor, o meu coração está prompto.»

Depois, com o crucifixo na mão, sem nada recear por si, entra no meio das ruinas a soccorrer os feridos, sepultados entre pedras, e preparar os moribundos para o tribunal de Jesus.

O povo, quando viu o venerado apostolo, cerca-o, e leva-o pelas ruas até á grande praça onde estava reunido numero grande de feridos agonisantes. Ma-

lagrida esteve com elles o restante d'este dia e o seguinte, sem tomar o mais parco alimento. Ao anoitecer do dia immediato, levou-o o povo em procissão expiatoria, depois da qual, proferiu um fulminante sermão, chamando os peccadores á penitencia. Emquanto elle fallava, um dos seus ouvintes soltou contra Deus uma horrivel blasphemia; o padre, que a ouvira, cahiu desmaiado, e assim foi transportado a uma casa visinha, onde esteve dois dias sem accordo. O auctor d'esta blasphemia, segundo o proprio Malagrida revelou, era aquelle mesmo demonio que já em Setubal o ameaçára pela bocca de um possésso.

Recuperado d'este longo deliquio, o inexhaurivel obreiro de Deus dedicou-se ao alivio das victimas do fogo.

Tranquillisando o povo, que, em seu terror, julgava ser chegado o fim do mundo, repetia sempre, que Deus não quer a perda do peccador, mas que se converta e salve. Tinha sempre nos labios este texto das Escripturas: *Ego cogito cogitationes pasis!* —Isto não obstante, Sebastião de Carvalho censurou —o *zelo indiscreto* de Malagrida. Mas por mais que elle dissesse, a dedicação do santo jezuita chegou aos ouvidos do rei, que se lhe mostrou vivamente satisfeito.

Foi Malagrida chamado a Belem, onde residia a côrte, e o monarcha lhe agradeceu extremamente os cuidados prodigalisados ao seu povo, e antes de o despedir, recommendou-se com instancia ás suas orações.

No entanto o flagello destruidor augmentava cada vez mais terrivel: violentos abalos e quasi quotidianos, fendiam a terra. Para cumulo de desgraça, o incendio rompeu d'entre as ruinas, e a corrente do Tejo, engrossada pelas chuvas torrenciaes, ameaçava engolir o que ainda permanecia da desgraçada cidade. Habitantes de toda a idade, sexo, e jerarchia, lividos e trémulos, erravam nos campos e buscavam abrigo nas cabanas de taboado, erguidas na occasião. Na consolação de tantos infortunios, Malagrida multiplicava-se, trabalhando, esforçando-se até ao prodigio. Noite e dia, era visto entre as victimas do flagello, esmerando-se em lhes acudir e reanimar nos corações confiança e esperança no proximo alivio de suas penas.

Aproveitando as disposições em que as almas estavam, prégava a penitencia ao povo. Em todos os seus sermões prégava audazmente que os flagellos que assolavam o reino, eram castigo dos escandalos e desordens publicas. «Quantas vezes, exclamava elle com vehemencia, quantas vezes, antes da desgraça que nos feriu, não convidei eu os mercadores a pensarem nos interesses da sua alma! Desculpavam-se então, que não podiam deixar os seus balcões e armazens. Ah! quizera eu agora perguntar-lhes aqui: que é feito dos vossos balcões e armazens? Que é d'elles? Talvez, se fizesseis penitencia, a colera de Deus se reduzisse! Talvez lhe sustivesseis o braço prestes a ferir! Que a justiça Divina, muitas vezes se deixa desarmar pelas lagri-

mas do arrependimento...» Estas e outras semelhantes palavras calavam profundamente nas almas dos peccadores.

Por divina protecção da providencia, a casa de retiro, fundada pelo apostolo, não soffrera abalo: foi tal então o concurso de pessoas que ahi seguiu os exercicios de Santo Ignacio, que Malagrida, em transportes de jubilo santo, escreveu assim, a um dos seus companheiros: «Finalmente, pela graça de Deus em Lisboa, como outr'ora em S. Luiz do Maranhão, a concorrencia dos exercitantes é tamanha, que a casa destinada a recebel-os é pequenissima! Viva Jesus! Viva Maria....»

Durante um anno inteiro, deu-se Malagrida sem ferias áquelle fructifero ministerio; se o instavam a repousar-se, respondia: «não posso perder um instante do pouco tempo que me resta!»

E, na verdade, d'ahi a pouco, o zelo do velho missionario foi impedido pelas iniquas providencias de Sebastião de Carvalho.

Alvorotado com o exito de seu inimigo, o ministro ambicioso soffria impaciente os sermões que encerravam a tacita censura de seu proceder; mas o seu furor transpoz os limites, quando viu o rei a ponto de seguir os exercicios, com a rainha sua esposa, e toda a familia real, sob a direcção de Malagrida. Bem sabia elle que estava perdido se o facto se desse, e que o rei, avisado de suas infamias, se esquivaria irremediavelmente á funesta influencia d'elle. Era decisivo o momento. O ministro cruel lançou

mão da sua arma dilecta, a perseguição, para salvar o poder. Malagrida morrerá, e com elle toda a companhia de Jesus.

Soube logo o santo jezuita que tempestade se formava contra elle, e foi ainda, por esta vez, o demonio quem o ameaçou.

Eis como elle conta o facto, em carta ao padre provincial:

«Esta manhã me appareceu o demonio debaixo de horrivel fórma, e me ameaçou, a mim e á companhia, com perseguição cruel. Se não cessas, me disse elle, de dar exercicios, perseguir-te-hei sem treguas até á morte, «E eu lhe respondi : sae d'ahi, miseravel!»

Este escripto foi achado entre os papeis de Malagrida, pelo irmão coadjutor Antonio de Castro, que o conservou como reliquia preciosa.

Em outra carta, dactada a 30 de julho de 1757, e dirigida ao padre José Ritter, antigo confessor da rainha, então retirada em Allemanha, o santo homem escrevia :

«De mim que vos direi? Sou ameaçado mais que ninguem. Ainda vivo, mas arrasto minha existencia por entre todas as miserias imaginaveis.

Que Deus seja bemdito!

Nada ha ahi mais odioso que o meu nome, a certos personagens altamente collocados na côrte. Diligenceiam perder-me no conceito do rei, com mil accusações calumniosas, que tenho pejo de referir; querem a todo o custo impedir que o povo siga os

exercicios ; e, não obstante, eu já os fiz cerca de quarenta vezes em Lisboa, com resultados consoladores. Fundei aqui uma caza de retiro, graças á protecção d'Aquella que dictou os exercicios ; é esta a unica de nossas casas que está intacta da destruição do incendio, e do tremor de terra : todas as outras são ruinas de alto a baixo.»

E' facil reconhecer nos personagens *altamente collocados na côrte,* Sebastião de Carvalho e as suas creaturas devotadas. O tigre do dezerto não é tão sanhudo contra a sua prêza, quanto era o ministro philosopho contra aquelle ancião de setenta annos !

XIX

Desterro de Malagrida para Setubal

(1756-1758)

Quando Lisboa começava a resurgir de suas ruinas, compoz Malagrida uma obrinha (*) em que, depois de propôr que o terremoto era castigo do céo, compellia os fieis a soccorrerem-se dos Sacramentos para, no futuro, applacar as iras do Senhor. Com este escripto, o sancto varão destruia os acertos irreligiosos de um libello, recentemente publicado por Sebastião de Carvalho, ou por sua ordem, tendente a demonstrar que o flagello não procedia senão de cauzas puramente naturaes, sem dependencia da intervenção de um Deus vingativo. Malagrida distribuiu exemplares de sua obrinha pela familia real, e pelo proprio ministro, que lhe tomou a dadiva como atrevimento grande.

(*) Allude ao opusculo reimpresso no prefacio.
N. do trad.

Vendo-se assim contradictado publicamente, enfureceu-se, e deliberou afastar, por força, o corajoso adversario, o que venceu, medeante a intriga com o nuncio apostolico Filippe Acciajuoli, de quem alcançou a ordem do desterro do padre Malagrida.

O provincial deveu de condescender; por quanto, no 1.º de novembro de 1756, significou ao venerando missionario que devia deixar Lisboa e retirar-se a Setubal.

De diversos modos foi explicada esta medida: eis a unica verdadeira, dada pelo proprio Malagrida, em carta ao padre Ritter: «Provido de aprovação e animação da côrte e dos bispos, fiz os exercicios do nosso bemaventurado Padre ás multidões ávidas de recebel-os. De subito, nova tempestade se levanta, e eis-me a caminho do exilio. Quereis saber meu crime? Lêde o opusculo que recebereis com esta carta, e tudo sabereis. Criminam-me por ousar combater, n'este folheto, a preciosa doutrina que por aqui propalam activamente na côrte e cidade, que não se hade attribuir o terramoto a nossos peccados, e á colera de um Deus punidor de crimes, mas sim a causas puramente physicas e naturaes. Eis aqui por que me accusam, sentenceam e condemnam, sem me ouvirem: em fim, banido da côrte e da capital!»

A' semelhança de todos os apostolos, o zelo de Malagrida redobrou com a perseguição. No mesmo logar do desterro, em Setubal, fundou casas de retiro, uma de homens, outra de mulheres. Logo que

em Lisboa se espalhou a noticia de que o *santo* continuava a fazer os exercicios, muita gente correu a Setubal em demanda do seu director. As mais gradas senhoras de Lisboa, entre as quaes se distinguia a marqueza de Tavora, outros personagens de vulto na côrte, religiosos e padres, concorreram a ouvir-lhe as lições.

«Vão decorridos oito mezes,—escrevia Malagrida—que vivo sequestrado n'este cantinho da terra; e, em meio de minhas tribulações, é superabundante o meu jubilo! Que dita, ver tantas almas arrancadas á garganta do inferno pelos exercicios! Que espectaculo esta mansão de retiro, onde as mais illustres damas da sociedade passam dias silenciosos, enclausuradas como freiras!

Que direi da concorrencia de dignitarios da côrte que se retiram para a casa dos exercicios? Mas, ah! á minha felicidade seguir-se-ha brevemente a minha perdição! Mil boccas inimigas vociferam contra mim e contra estes sanctos exercicios; desauthorisam-os, chamam-lhe momices, maquinações infernaes, empregadas para enganar o povo e derrubar o Estado! Cada dia novas calumnias provocam suspeitas e averiguações novas! Que farão? não sei; mas não deixo de estar em alvorôço. Comtudo, ponho minha esperança em Deus e em sua divina Mãe.»

No remate d'esta carta lê-se o seguinte *post, scriptum*: «No instante em que lavro estas linhas, novo rancho de exercitantes, com bandeira alçada, transpõe o limiar da nossa santa casa.»

Os sustos do venerando ancião não eram infundados. Para logo se desencadeou a tormenta que elle via apontar no horisonte. Em a noite de 19 de setembro de 1757, todos os jezuitas residentes na côrte receberam ordem de sahir immediatamente do paço. Eram os padres José Moreira, confessor do rei e da rainha: Thimotheo de Oliveira, confessor e preceptor da princeza do Brazil, a serenissima infanta ; Jacinto da Costa, confessor do infante D. Pedro ; José de Araujo, confessor do infante D. Manuel, e Manuel de Mattos, confessor do infante D. Antonio. (*)

Foi a todos prohibida alguma relação com a familia real.

Esta providencia, sem ser fundamentada em alguma declaração previa, fez espanto nas pessoas de bem.

Dizia-se altamente que a ruina dos jezuitas se preparava a occultas e que esta ruina arrastaria a das outras ordens, a do clero, a da piedade, e, emfim, a dos bons costumes publicos. O proprio rei, subscrevendo o decreto da expulsão, não escondeu que o fazia violentado.

E, no entanto, o ministro, tentando desvirtuar cada vez mais os jezuitas, na opinião do povo, derramou no reino um libello, recheado de novas calumnias, com o titulo : *Relação abreviada da republica que os jesuitas da provincia de Portugal*

(*) Novaes, *Storia de Pontifici, t. XV.*

fundaram nas possessões do ultramar, etc, etc.

Este opusculo, contendo tantas mentiras como phrases, teve a sorte que merecia: foi geralmente recebido com desprezo; e o que mais desacreditado o tornou no bom senso dos homens sisudos, foi o proceder da côrte de Hespanha a tal respeito, com grande afrontamento de Sebastião de Carvalho. O folheto foi honrado em Hespanha com a condemnação ao fogo de envolta com outras obras da mesma laia sahidas de Portugal.

Não desalentado com este desastre, Carvalho urdiu nova traça, mais engenhosa que a primeira. Em seus calculos diabolicos, nada se lhe figurou mais util ás suas calumnias contra os jezuitas, que uma condemnação publica promanada de Roma. Quem duvidaria da culpabilidade dos religiosos, accusados pela propria sancta Sé? Fiel a tal plano, persuadiu o primeiro ministro ao credulo José I que solicitasse de Roma, junto do papa Bento XIV, um Breve de visita e reforma, ao qual fossem sujeitos os jezuitas do Reino. Bento XIV luctava, a esse tempo, com a morte. Constragido pelos cardeaes Archinto e Passionei, que desde muito eram conhecidos por somenos favoraveis á Companhia, assignou com a mão já fria o pedido Breve; e a 2 de maio de 1758, foi o cardeal Saldanha nomeado visitador e reformador da Companhia de Jesus, em todos os estados submissos ao rei fidelissimo.

Era o reformador nomeado inteiramente devoto do conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho,

a quem devia o chapéo cardinalicio. Por tanto, não ha para que nos admiremos se logo em 4 de junho, tres semanas sómente depois de sua nomeação, appareceu um decreto declarando os jezuitas réos de traficos vergonhosos e contrarios ás disposições dos sanctos canones.

Tres dias passados, a 7 de junho, o patriarcha D. Manuel Atalaya, apoz uma contenda de quatro horas com o conde de Oeiras, cedeu emfim, e publicou um decreto que despojava todos os jezuitas dos poderes necessarios para exercer o sancto mysterio. E, nas outras dioceses, os outros prelados do reino, egualmente submissos aos caprichos do conde de Oeiras, se deram pressa em providenciar no mesmo sentido.

Foi golpe mortal na Companhia; mas em nenhum peito bateu tão rijo como no de Gabriel Malagrida. O decreto do interdicto chegou a Setubal em 13 de junho. N'este dia celebrava-se na villa a festividade de Santo Antonio de Padua, tão querido dos portuguezes, seus compatriotas. Já grande numero de fieis estava reunido na egreja dos jezuitas para exercitar ahi suas devoções; foi necessario desalojal-os. Então houve um alto clamor de gementes soluços; todo o povo, rompendo em murmuração, condemnou ruidosamente a providencia iniqua que lhe roubava os seus amados padres! Internecido a lagrimas, Malagrida escreveu immediatamente ao padre Diogo da Camara, pedindo-lhe que procurasse o patriarcha, seu parente, e o movesse com as mais urgentes ra-

sões a levantar o interdicto posto á Companhia. Foi o padre Camara ao quarto do prelado, que se estorcia nas vascas da morte. No lance de receber o Viatico, ò patriarcha moribundo reconheceu a innocencia dos jezuitas, e d'isso fez lavrar authentico, que rubricou com o seu annel; mas era tarde; aquella reparação posthuma já não podia estorvar que o conde de Oeiras proseguisse contra a Companhia o seu plano de destruição.

XX

Attentado de 3 de Setembro de 1758—Prizão de Malagrida em 11 de Janeiro de 1759

Havia longo tempo que o conde de Oeiras farejava debalde qualquer pretexto plausivel para consummar a ruina dos jezuitas, maiormente a de Malagrida, quando um caso funesto lh'o occasionou. Na noite de 3 de setembro de 1758, vindo el-rei D José I da casa da joven marqueza de Tavora (D. Thereza) na sege de Pedro Teixeira, seu creado particular, perto do palacio da Ajuda, desfecharam-lhe contra a sege alguns tiros. Eram uns miseraveis assalariados pelo duque de Aveiro, que queria vingar-se de Teixeira que, poucos dias antes, o ultrajára no mais sensivel da sua dignidade.

O rei foi ferido, ou não foi, n'esta emboscada? Com certeza nunca se soube. Como quer que fosse, na manhã do dia seguinte divulgára-se por toda Lisboa o attentado contra a pessoa do rei.

Longe de abafar estes boatos, o ministro, que entrevia com secreto gaudio o modo de perder todos

os seus inimigos, denunciou ao rei uma pretendida conjuração, da qual participavam os jezuitas e os principáes fidalgos da côrte. O rei, aterrado, encarregou o conde de Oeiras de castigar os culpados. E' o que elle pretendia.

Não se apressou, todavia, a operar. Por mais de trez mezes, houve-se com profunda dissimulação a respeito das victimas cujo assassinio meditava. Por fim, no mez de dezembro, estalou a tempestade.

No mesmo dia, e á mesma hora, todas as casas dos jezuitas foram cercadas pela tropa; levaram-lhe os papeis, e prohibiu-se a todos os padres apparecer em publico. Ao mesmo tempo, as familias Tavora e Aveiro são prezas e aferrolhadas. O conde de Oeiras creou um tribunal extraordinario, cujo presidente se fez, para julgar os pretendidos reus. São interrogados; mas, apesar das mais acerbas torturas, negam constantemente o crime que lhes assacam.

O duque de Aveiro sómente, vencido pela dôr, faz uma confissão que pouco depois retracta; n'essa confissão, porém, pronunciou o nome de Malagrida e dos jezuitas. Que optima fortuna para o ministro! Passados apenas quinze dias, lavra-se a sentença, condemnando á morte todos os conjurados, e além d'isso, declara os jezuitas, e Malagrida principalmente, primeiros autores do attentado.

Em quanto Lisboa inteira esperava anciosa o desenlace d'esta tragedia, o antigo apostolo do novo mundo, ainda exilado em Setubal, abafava os seus

soffrimentos orando. Áquelle santo exercicio consagrava o santo varão quatorze horas entre dia e noite. Dormia trez horas apenas; o tempo restante gastava-o correndo as praças publicas, reunindo á volta de si mendigos e creanças, para lhes fallar de Deus, e exhortal-os a evitar o peccado, e a frequentarem os sacramentos da igreja.

Entretanto, Sebastião de Carvalho não esquecia a sua victima dilecta. A onze de dezembro, dois dias antes da prisão do duque de Aveiro, e de seus pretendidos cumplices, foi Malagrida chamado subitamente á capital pelo cardeal Saldanha. Sem delongas, põem-se a caminho, e chega a Lisboa ainda antes do portador que lhe dera a ordem do prelado.

No meio de suas angustias, os jezuitas de Lisboa sentiram doce consolação quando viram o veneravel missionario. Como preparo para a triste sorte que os ameaçava, fizeram em commum, dirigidos pelo homem de Deus, os exercicios de seu bémaventurado padre.

Assim se realisaram as palavras que Malagrida dissera em Setubal: «Antes de morrer, farei ainda exercicios em Lisboa; a quem e como? Não sei, mas hei de fazel-os.»

No primeiro dia de recolhimento, emquanto celebrava no altar, derramou copiosissimas lagrimas. Como lhe perguntassem a razão, exclamou: «Ah! é chegado o tempo da tribulação, e não ha ninguem no mundo que possa valer-nos!»

Muitas vezes, no decurso dos exercicios, recom-

mendava a seus irmãos obediencia á vontade de Deus. «Nosso Senhor—disse elle um dia—cuidará de nós durante a perseguição. A companhia vae ser expulsa do reino; mas voltará um dia. Eu de mim, offereço-me a Deus por todos os meus irmãos; a minha maior dôr, é não padecer eu sósinho. Deus sabe quanto me peza vêr soffrer os meus irmãos!... Confiemos—repetia elle a miudo.—A companhia resurgirá gloriosa d'esta prova, e d'entre vós alguns hão de acabar a perseguição!»

No dia 28 de dezembro, depois do meio dia, foi chamado ao cardeal, que, sem lhe dar audiencia, o remetteu logo ao ministro. O conde, assim que o viu, caminhou para elle com um papel na mão, e disse-lhe: «Esta carta foi achada na sua banca; foi o padre que a escreveu?—Sim—respondeu Malagrida, lançando-lhe um rapido olhar.—N'esse caso, voltou o ministro, estava o padre sabedor de que se tramava contra os dias do nosso augusto soberano?—Com effeito, replicou Malagrida serenamente—uma voz interior me tinha dito que o rei correria perigo em epocha desconhecida para mim. Entendi ser meu dever prevenir sua magestade. Eis-aqui por que eu escrevi essa carta, que conservei entre outros papeis, esperando occasião propricia de a fazer entregar ao rei.—Mas, retrucou Pombal, por que a não fez chegar a sua magestade por intermedio de algum secretario de estado?

—Por que eu queria, respondeu o padre, que lhe fosse realmente entregue.

A esta resposta, em extremo ousada, ergueu-se o ministro, exclamando: «Ousa assim fallar-me? D'onde lhe vem tanta audacia? — Malagrida respondeu socegadamente:

—Que importa ao que nós dizemos que V. Ex.ª se levante?

O ministro interrogou-o sobre varios assumptos das missões do Maranhão, e o jezuita respondeu com a mesma franqueza e firmeza; depois, arrebatando-se Carvalho contra os padres do Maranhão, que accusava de traidores ao rei no negocio das collonias, o velho missionario respondeu mansamente :

—«V. Ex.ª engana-se ; melhor que ninguem conheço eu esses remotos paizes, e os apostolos que os evangelisam; e nunca lá vi o que V. Ex.ª argúe aos padres. Se o eu soubesse e me calasse, julgar-me-hia o mais culpado dos homens.

«Saiba V. Ex.ª, ajuntou elle afinal, que para me induzir a accusar calumniosamente os padres do Maranhão, Sua Magestade, apezar do seu poder, não tem nos seus extensos dominios, nem bastantes recompensas para me seduzir, nem bastantes supplicios para me assustar.»

Despedido pelo ministro, Malagrida voltou a casa do cardeal; mas este recusou ouvil-o, e mandou-o para o collegio.

É razão admirar-se a gente que Pombal nunca publicasse aquella famosa carta sobre a qual se fundamentou o procésso intentado contra Malagrida. E' que, em verdade, ella nada continha prejudicial ao

santo velho. Se a elle tivesse enviado á côrte, seria com applauso dos padres mais graves, que em verdade o applaudiram.

Um d'esses, o padre Carvalho, parente do ministro, depois de lêr a carta, disse-lhe: «Meu padre, olhe que vai metter-se em terriveis difficuldades.

—Sei isso, respondeu tranquillo o servo de Deus, eu mesmo serei uma das victimas da caverna do leão; mais isso que monta? Com tanto que me deixem luz bastante para lêr o meu breviario, e me permittam celebrar a santa missa, essas negras masmorras não as temo!

—Mas, meu padre—redarguiu o padre Carvalho, dir-se-ha que foi a companhia quem o instigou a escrever essa carta ao rei, para lhe incutir terror panico. — Que me interroguem — replicou Malagrida, tomando o crucifixo que tinha ao peito. — Eis a imagem de Jesus Christo, Salvador Nosso, por cujo amor percorri as mattas do novo mundo, soffri fóme e sêde, e quasi a morte; sobre esta cruz bemdita, eu juraria que ninguem me induziu a este passo, mas que a vontade de Deus unicamente me guiava.»

Depois da sua ultima vista com o secretario de estado, o santo homem apercebia-se na oração para a suprema lucta que em breve devia travar contra o seu inimigo mortal.

Na noite de 11 de janeiro de 1759, a soldadesca furiosa foi tiral-o do collegio, onde estava com sen-

tinellas á vista, desde que voltára a Lisboa, e o conduziu ás prizões do estado. O provincial dos jezuitas, João Henrique, na Junqueira, o os padres, José Moreira, Thimotheo de Oliveira, João Alexandre de Sousa, João de Mattos, e outros muitos, entraram com elle na fatal carroça que o conduziu á sua masmorra.

Na vespera, quando palestrava com outros padres á hora de recreio, perguntára elle, quanto tempo o padre Antonio Vieira, seu glorioso predecessor, entre os selvagens do novo mundo, e bem assim na côrte de Lisboa, soffrera outr'ora as prizões da inquisição. Alguem lhe respondeu: dois annos. Ficou elle algum tempo silencioso, e como absorvido em dolorosas reflexões. Com certeza, entrevira o calix amargo que devia tragar até ás fezes.

No dia seguinte ao da prizão, sem ser ouvido, foi declarado reu de leza magestade, cumplice e auctor principal do attentado de 3 de setembro. Persuadiu-se elle então que Deus lhe acceitára o sacrificio da vida, pela salvação de seus irmãos.

Declarado criminoso de estado, devia, ao que parece, ser executado com os outros presumidos reus que acabaram no cadafalso em 13 de janeiro, atormentados com horriveis requintes de crueldade. Como quer que fosse, ou por que o perfido ministro conhecesse que o povo não estava ainda disposto a julgar capaz de tal crime aquelle santo homem, ou por que quizesse prolongar as angustias e os tormentos da sua victima, o certo é, que o teve dois

annos completos em masmorras subterraneas, onde padeceu inauditas torturas.

Avalie-m'ol-as pela carta seguinte, que o padre Manoel Pereira, foragido á perseguição, conservàva em grande apreço para a relêr de tempo a tempo aos seus companheiros de infortunio, e amparar sua coragem desfallecida com o exemplo dos seus irmãos de Portugal. (*)

«Acabam de chegar a Turim dois jezuitas, os padres Fantinos, e Bonjoanininus, que o nosso rei, tão bom para os seus vassallos, fez tirar dos carceres de Lisboa, e tratar generosamente durante a sua viagem.

«Forma-se idéa das angustias que passaram, ao ver a pallidez livida de suas faces descarnadas. A sua mansidão, porte, conversação modesta e religiosa, são para os moradores de Turim infallivel prova de sua innocencia. Estes bons padres nos contam coisas maravilhosas e horriveis sobre os padecimentos inauditos que tem de amargurar os jezuitas portuguezes, ainda retidos em ferros, e sob as bençãos celestiaes, que Deus. em sua bondade, desce sobre elles, em meio de circumstancias extraordinarias.

«Eu li ha dias algumas excellentes cartas escriptas por aquelles presos : São dignissimas dos heroes da primitiva igreja. O que mais me encanta, é vêr em todos esses padres acorrentados por amor de Je-

(*) Esta carta encontra-se na obra de Navarrette. De viris illustribus in Castella Veteri Soc. Jesu ingressis et in Italia extinctis. Bononiœ. MDCCXCVII, lib. II, p, 9 et segg.

sus Christo, perfeita submissão á vontade de Deus, jubilo ineffavel ao travez dos tormentos, amor apaixonado por sua cruz, que tão pesada lhes é! Tem um desejo unico: é dar a vida n'aquella cruz; tem um só medo: é serem apartados d'aquella cruz ainda vivos e a seu pezar.

«A narração das dôres que tragam aquelles heroes cheios de Deus, e verdadeiramente crucificados com Jesus Christo, espantará a posteridade! Difficilmente se acredita que homens de vida irreprehensivel, sepultados vivos em furnas estreitas e tenebrosas, onde não penetra luz nem ar, e tão humidas que a palha que serve de leito aos prezos em poucos dias apodrece e se torna uma esterqueira; bandos inteiros de ratos arrancando o pão das mãos aos condemnados, e passeando-lhe sobre o rosto emquanto dormem; insectos de toda a natureza, uma bicharia infecta, nascida na immundicie e na miseria, as roupetas despedaçadas por tal maneira, que estes desgraçados são obrigados a servir-se de uma pouca de palha ou de um miseravel pedaço de cilicio; o tormento da fome, por que raro é o dia em que cada um tem a ventura de receber seis onças de pão de rala; carcereiros brutaes e ferozes, que os tratam da maneira a mais indigna, emfim, uma obscuridade continua, alumiada pelo clarão frouxo de uma alanterna que, muitas vezes, á mingoa de azeite, se apaga, por que de proposito lh'o não deitam!

«Alguns d'estes infelizes tem sido despojados de

suas imagens, veronicas, e até do seu breviario; porém, quando lhes quizeram arrancar das mãos a imagem do Salvador crucificado, tão rija resistencia oppozèram, que os algozes não ouzaram arrebatar-lhes esta derradeira consolação no seu martyrio! Outros estão cobertos de ulceras, e está lá um padre ancião, que não tem habito que o cubra, e cujo corpo é uma chaga desde a cabeça até aos pés. Este desgraçado velho, que não póde mover os braços, é obrigado a comer com a cabeça sobre a terra para tomar o alimento com os dentes, e sorver a agua com a lingua.

«Nem missa, nem medico, nem Sacramento, salvo no caso de molestia mortal, e ainda então estes infelizes só recebem o corpo de Jesus Christo, depois que o sangrador, que faz as vezes de medico, atesta com juramento a evidencia da morte. Mas... oh prodigio! Este pão celestial, muitas vezes, restituiu a saude a moribundos que se julgavam perdidos; e dá-se o caso de estar alli um enfermo, que já recebeu o viatico oito ou dez vezes. Pelo que, o cirurgião, quando o chamavam para este doente, dizia: «eu já sei o remedio que o cura; que lhe levem o viatico.»

Muitos d'estes, quando morriam, mostravam no rosto uma expressão celestial. Os proprios guardas, quando levavam os cadaveres á sepultura, diziam com admiração: «eis-aqui verdadeiros rostos de bemaventurados!» Alguns d'estes guardas, admirando a resignação e coragem heroica d'aquelles prezos,

lhes disseram muitas vezes: que raça são vossês? Ahi, onde o mais duro páu, e o mesmo ferro, não resistem á humidade e á ferrugem, vossês podem viver ha tantos annos, e até alguns com bôa saude!»

E' que, em meio d'aquelles tormentos, divinas virtudes amparavam os generosos athletas de Jesus Christo.

«Falta-nos tudo — escrevia um d'elles, o padre Kaulen, em 12 de outubro de 1766; mas nada perturba a serenidade de nossa alma. Estamos a padecer incessantemente, e todavia sempre alegres. Acreditae que a maior parte de nós pede ao Senhor acabar aqui seus dias.....»

Com certeza, Malagrida era um dos heroes que faziam voto por terminar sua vida n'aquelles horriveis ergastulos; porém, morte mais ignominiosa e horrenda estava reservada para o apostolo de Deus!...

XXI

Processo de Malagrida

(1759-1761)

Em quanto o sancto ancião se definhava na masmorra, o seu inimigo afanava-se soffregamente em proscrever do reino todos os jezuitas d'uma assentada. Empilhados em alguns navios, desprovidos, sem soccorros, os desgraçados proscriptos, atirados ás ribas maritimas de Italia, eram postos na praia descaridosamente, em numero de 1300!...

Ainda a crueza de Pombal se não satisfazia com estas atrocidades: tinha sêde de sangue. Coacto, com a presença do nuncio apostolico, o cardeal Acciajuoli, inventou falso pretexto para o expulsar do paiz. Depois, desempeçado de qualquer estorvo, apontou o seu rancor ao extenuado velho de 72 annos,

que penava nos subterraneos da Junqueira, havia quasi tres mezes.

Debalde quiz suspeital-o de regicida. Em todo Portugal, todas as vozes á uma proclamavam alto e bom som a innocencia do *sancto*—que assim chamavam a Malagrida. Se o ministro, pois, quer vencer e esmagar o inimigo, cumpre-lhe apagar-lhe a auréola de sanctidade, com que o povo enthusiasta lhe illumina a fronte. Mas esse genio do mal não conhece balisas. A sanctidade de Malagrida, nas mãos do marquez, se tornará arma de mortifero gume. Ao parecer do ministro, aquella sanctidade é impostura, hypocrisia, embuste infame! O ancião, que branqueou nas lides do apostolado, favorecido de dons do milagre, e alumiado de luzes propheticas, não passa de um impio, heresiarca, fautor de heresias, horrido blasfemo! E, em castigo de tamanhos crimes, deve ser entregue ao tribunal da inquisição!

Uma manhã, Malagrida esquecia-se, a orar, dos tormentos do carcere: eis que o carcereiro lhe penetra no subterraneo, e ordena ao velho que o siga. —«Terminou a minha prizão?» —Não: tenho ordem de o conduzir aos carceres do Santo officio.— O desgraçado beijou o seu crucifixo, e preparou-se para sahir. Estava quasi nú; havia vinte e oito mezes que não mudara de roupa branca; a sua roupeta era um apontuado de trapos. E, n'este estado, compareceu diante dos inquisidores.

Cumpre dizer, em abono de uma instituição exageradamente aggredida pelos impios, que Pombal

acautelou-se removendo os inquisidores que lhe desprazia, e os substituira por sugeitos de sua feição. Começou, pois, tirando o cargo de inquisidor geral a D. José, irmão do rei, por que o infante recusára manchar suas mãos no sangue do innocente, e substituindo-o por seu irmão Paulo de Carvalho de Mendonça. Excluiu, outrosim, do tribunal Fr. Francisco de S. Thomaz, da ordem dominicana. Na primeira sessão em que Malagrida appareceu para ser interrogado, aquelle venerando frade de S. Domingos declarára com nobre firmeza, que não concorria para a condemnação do desgraçado jezuita, por que não via prova alguma dos crimes que lhe increpavam.

O inquisidor geral Paulo de Carvalho, observou-lhe que o rei desejava a condemnação de Malagrida como herege,—«Não—replicou o digno filho de S. Domingos—não posso capacitar-me de que seja essa a intenção de Sua Magestade, e que o rei se intrometta na ordem judiciaria estatuida n'este tribunal.» O prelado, exacerbado contra a resistencia, impossivel de contrariar solidamente, levantou a voz, bradando: «O rei quer: é mister obedecer!» Este argumento convenceu o corajoso dominico, que já era inutil impedir um julgamento de antemão decidido; mas, em descargo de sua consciencia, repelliu a parte que lhe podia caber em tão feia iniquidade, e sahiu de golpe da audiencia, por maneira que n'aquelle dia não pôde concluir-se o julgamento de Malagrida.

Foi logo o inquisidor geral dar conta do succedido a seu irmão, o qual, para obstar que fr. Francisco de S. Thomaz lhe não embaraçasse os designios, expediu-lhe logo officio da secretaria de estado a nomeal-o bispo de Angola.

O modesto frade implorou o ministro que o não sobrecarregasse com encargo tão improprio de seus annos e forças; Pombal, porém, respondeu-lhe apenas que se não queria ir para Angola como bispo, poderia talvez ir como simples frade. E fêl-o embarcar logo em um navio que estava de verga d'alto para as Indias. O desgraçado dominicano, quebrado de soffrimentos, morreu durante a viagem, victima de sua constancia, e do seu amor á justiça. D'esta arte, derruia Pombal os obstaculos impeciveis aos seus designios!

Em que se fundamentavam, pois, as novas accusações que o sanguinario ministro sobrepunha á victima? Eram duas obras disparatadas que lhe attribuiam compostas na escuridade da masmorra. Uma intitulava-se: *Vida heroica e admiravel da gloriosa Sancta Anna, dictada por Jesus e sua Santa Mãe.* A outra era um *Tractado sobre a vida-reinado do Antichristo.*

Tal é o corpo de delicto que ninguem viu, nem pôde vêr; por que essas duas obras nunca existiram senão no libello dictado pelo ministro. E não nos tomem isto como affirmação gratuita.

No primeiro tempo de sua prisão, teve em sua companhia o preso padre Pedro Homem, que re-

cuperou a liberdade em 1777, depois da quéda do marquez de Pombal. (*) Ora, este padre, fazendo revisar o seu processo de condemnação, sustentou, perante os juizes, que o padre Malagrida, por sem duvida compozera uma *Vida de Santa Anna*; mas que não tinha nada que vêr com a que lhe attribuiram no procésso.

«Quanto á obra sobre o Anti-christo—accrescentou o padre Homem, não foi auctor d'ella Malagrida ; mas sim o infame padre Platel, o ex-capuchinho Norbert, estipendiado por Pombal para calumniar os seus adversarios.» Este miseravel recebia pelo seu infame mister uma pensão de 1:300$000 rs.

Não obstante, os inquisidores deram extractos d'estas pretendidas obras de Malagrida, em que faziam dizer ao apostolo que «Sancta Anna tinha feito, antes de nascer, os tres votos de religião; e que, para contentar todas as pessoas da Sanctissima Trindade, fizera voto de pobresa ao Padre, de obediencia ao Filho, e de castidade ao Espirito Sancto, etc, etc...» As proposições extrahidas da obra ácêrca do Antichristo são ainda mais desatinadas. Segundo elles, Malagrida propozera que haveria tres antichristos, o padre, o filho e o sobrinho ; que este nasceria no anno 2920 em Millão; que esposaria Proserpina. etc. Se tal impostura fosse admissivel, essas seriam as heresias ou antes os desvarios que Malagrida escrevêra ou dictára em uma caverna onde

(*) *De tribus in Lusitanos Jesu socios publicis judiciis dissertatio.* Norimbergœ, 1793.

não tinha penna, nem tinta, nem papel, nem copista...

Conceda-se por um momento que essas absurdas ridiculezas sahiram da penna de Malagrida. Que devia, que podia deprehender-se d'isso, senão que o infelicissimo ancião, em resultado de privações e padecimentos com que o flagellavam, inlouquecêra!? E em tal cazo, que povo, já não direi culto, mas em que barbaro paiz se condemnaria um mentecapto ao garrote e ao fogo? Por isso, Luiz XV, quando leu a sentença do sancto officio, exclamou indignado: «N'esse caso tambem eu devia mandar matar esse desgraçado louco *des Pétites-Maisons* que se julga o Padre Eterno!» (*)

Malagrida nem era réu de heresias, nem estava doido. Muitas vezes a sabedoria das suas respostas enleiou os inquisidores. Na primeira audiencia declarou solemnemente que submettia os seus escriptos ao juizo da egreja romana; no gremio da qual desejava viver e morrer. «Desde já, ajuntou elle, me desdigo de todas as proposições que ella declarar avêssas á sancta doutrina.» Interrogado sobre o que acreditava de suas revelações, respondeu: Confesso que sou peccador; não me compete dizer o que sinto de minhas proprias revelações.»—Ignora —perguntára-lhe um juiz—que Deus não escuta os peccadores?—«Sei;—respondeu—mas tambem sei que Deus disse pela bocca do psalmista: «Quando vier

(*) *Murr, journal zur Kunstgeschichte.*

o meu tempo, julgarei as justiças.» Os inquisidores citaram-lhe as palavras do Apostolo; «Não creias em todo o espirito.»—Certamente, voltou Malagrida—mas Jesus Christo disse: «Na cadeira de Moisés estão assentados os scribas e phariseus». Constrangido a confessar que era um impostor, exclamou; «Se a vida que vivi até aos 72 annos foi uma simples hypocrisia e impostura, possam os cravos que prendem nosso Senhor Jesus Christo a esta cruz, transformar-se em raios de fogo e reduzir-me a pó!» A voz com que o ancião proferira esta imprecação, fez tremer os juizes em suas poltronas; mas o coração d'elles estava impedernido, sua alma venalissima não podia amollecer aos gritos da consciencia..

Faltava ainda um traço na humiliação da victima: não bastava accusal-o de impiedade, de heresia e de blasphemia: era preciso infligir-lhe ás cans a nodoa de vicios mais aviltante. Em seu subterraneo, Malagrida tivera como companheiro um máu padre, desvirtuado por seus costumes viciosos: foi este o escolhido pelo marquez de Pombal para a execução de um plano satanico. Vendido ao dinheiro do ministro, aquelle scelerado não duvidou accusar o santo velhinho, curvado sob o peso de tantos trabalhos apostolicos, de ser escravo de costumes infames. Revê tudo que ahi ha de mais incrivelmente hediondo em tal accusação. Comtudo, os juizes escutaram a voz d'esse vil impostor, e declararam Malagrida convencido do crime de impudicicia!

Finalmente, no fim de janeiro de 1761, appare-

ceu a sentença, producção tão infame e escandalosa que é difficil lêl-a até ao fim! O marquez, advertido pelos seus das palpaveis contradicções da sentença, esforçou-se por tiral-a da publicidade; mas já não era tempo: esse monumento de cruel bestialidade precorreu a Europa, e será eterno padrão de opprobrio de seu auctor! Dal-a-hiamos aqui, se não estivessemos convictos de que nenhum leitor teria animo de lêr setenta e duas paginas de calumnias. O proprio Voltaire, quando leu esta sentença, não se teve que não exclamasse: «Ao excésso do ridiculo e do absurdo, ajuncta-se o excesso do horror!»

Segundo os termos da sentença, Malagrida era réu de heresia, de blasphemia, de falsas profecias, e de impiedades horrorosas; réu de abusar da palavra de Deus; de ultrajar a magestade divina, ensinando moral infame e escandalosa; de seduzir os povos com a pertinacia de sustentar até ao seu ultimo momento pretendidas revelações e condemnaveis heresias; de ter envidado todas as industrias para derramar em Portugal, e nos estados seus subordinados, as suas abominaveis doutrinas, etc. Por taes crimes, e como heresiarca obdurado, o condemnaram a ser sem demora degradado das ordens e relaxado ao braço secular. O tribunal civil julgou reaes os enormes crimes que pezavam sobre o infeliz ancião, e logo lavrou sentença condemnando o apostolo a ser garrotado pela mão do algoz, e queimado na Praça publica de Lisboa.

XXII

Execução de Malagrida em 21 de setembro de 1761

Aos 21 de setembro de 1761, dia em que a igreja celebra o martyrio do sancto apostolo da Ethiopia, se consummou o supplicio juridico de Gabriel Malagrida. Pombal, desde muitos annos docil ás lições philantropicas dos philosophos, abolira em Lisboa as procissões do auto-da-fé, *momices d'outro tempo*, como elle, a miudo, lhes chamava; porém, para o martyrio de Malagrida, por odiosa excepção, restaurou o antigo costume, e ordenou que a procissão se fizesse com a maxima solemnidade.

Em redor da praça do Rocio fez construir palanques para a nobreza e para o povo, convidando a côrte para esse vergonhoso e sanguento espectaculo. A tropa occupava as avenidas das ruas e praças visinhas, para manter a ordem da multidão immensa que confluira ao logar da carnificina. O cadafalso sobre que devia lêr-se ao réu a sentença condemna-

toria, disposto em amphitheatro, decoraram-o luxuosamente. O ministro presidiu á ceremonia. Em frente d'elle estava o monarcha e a côrte.

Para negrejar ainda mais o horror do espectaculo, esperou-se até ao empardecer da tarde, para que o ancião fosse levado ao supplicio atravez de algumas ruas entres cirios funebres. E, com o fim de excitar contra elle os ultrajes do povo, pozeram-lhe na cabeça uma especie de mitra de papellão, e sobre a sua roupêta de jezuita, unica que ainda se encontrou em Portugal, pintaram-lhe, como nos sambenitos, grotescas e horrendas figurações de demonios. Sahiu do carcere, com as mãos atadas para as costas, e um freio de páu na bocca, entre dois frades benedictinos, e duas pessoas destinadas, segundo o usual, a servirem-lhe de padrinhos na ceremonia do auto da fé. Depoz elle caminhavam mais 52 condemnados; mas foi elle o unico estrangulado, o unico a padecer, n'aquelle sevo dia, morte cruel e infamissima!

Quando subiu com firme passo os degráos do patibulo, um commisario do tribunal lhe leu a sentença. Depois, o bispo de Sparta, coadjuctor do cardeal-patriarcha, procedeu á aviltadora ceremonia da degradação. Terminado isto, exhortou o paciente a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo do escandalo que dera. «Desde que puz os pés na terra portugueza—respondeu com dignidade o sancto velho — servi sempre S. M. Fidelissima como bom e leal subdito; comtudo, se, por

ignorancia, o offendi na minima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão.»

Depois de proferir vibrantemente estas palavras, em meio de profundo silencio da multidão, entregou-se ao carrasco encarregado de o garrotar. E, no momento em que expirou, proferiu distinctamente estas palavras: «Senhor, havei piedade de mim; nas vossas mãos entrego a minha alma.» N'este momento, dizem muitas relações dignas de fé, que o seu rosto se illuminou de subito de extraordinario resplendor, que arrancou um brado de surpreza e espanto aos milhares de espectadores. O carrasco accendeu logo a fogueira; e, para evitar que o povo recolhesse as cinzas do sancto martyr, foram logo lançadas ao mar. Muitas pessoas affirmaram que se achou entre as cinzas o seu coração perfeitamente illeso e que uma piedosa matrona o levára para sua casa como preciosa reliquia.

Assim morreu o padre Gabriel Malagrida, na edade de 72 annos, dos quaes vivera 50 na Companhia de Jesus, e consagrára mais de 40 no serviço de Portugal, tanto no Novo-Mundo como na Europa.

Eis-aqui o retrato que nos deu o padre Rodrigues, que teve a ventura de o conhecer em vida: «Malagrida era de estatura mediana; em seu rosto, onde transparecia uma nobre dignidade, lia-se a indole modesta e branda; ordinariamente estava pallido, mas se fallava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces; brilhavam-lhe então os olhos com umas scintillações de extraordinario fulgor; a

testa era saliente mas não larga; o nariz bem feito, os beiços rubros, os cabellos louros e barbas longas, que por maravilha encaneceram antes do cabello. Todo o seu exterior respirava santidade, e ninguem que o visse deixaria de respeital-o e veneral-o.»

Quando a noticia d'este horrivel supplicio se divulgou na Europa, ergueu-se por toda a parte contra o author de tamanha iniquidade justa indignação. Em Hespanha, tangeram os sinos durante muitos dias, em todas as casas da Companhia, para honrar aquella morte como se fosse a de um santo; mas em parte alguma teve Malagrida mais egregio elogio que no proprio centro do catholicismo.

Quando o summo pontifice Clemente XIII soube as particularidades da sua morte, exclamou: «A igreja de Jesus Christo tem mais um martyr!» E á sua vista fez o papa gravar um retrato de Malagrida com uma gloriosa inscripção, em que se diz que elle morrera pela justiça, e pela verdade. Eis a inscripção:

Apostolicus e S. J. vir, natione Italus,
Vitæ sanctitate, rebus gestis miraculisque clarissimus,
De Lusitaniæ regnis, de populis immortaliter meritus,
Olim Joanni V. Regi fidelissimo apprime carus,
Mariannæ Austriacæ Reginæ in divinis rebus consultissimus,
Summis infimisque semper mire gratus ac venerabilis,
Soli invisus Dæmoni ejusque fautoribus et ministris. Qui
Maragnonum, Brasiliamque cum sacro ministerio peragratus,
Christi ac Regis imperio inter Barbaros propagato, pietate
Inter Christianos vel restituta, vel aucta, puerorum seminariis, feminarumque cœnobiis passim erectis.

Hisque inter infinitos labores
Et mille vitæ discrimina confectis rebus.
Ex India revocatus in Lusitaniam,
Dum corruptos hominum mores corrigere impensius studet.
Concussam terræ motu Ulyssiponem metu salutari concutiens,
Veluti quietis publicæ perturbator, urbe pulsus primum.
Mox impiæ contra regem conjurationis arcessitus,
Postremo violatæ religionis lege damnatus,
Inter bonorum lacrymas et præconia
Publico tamen omnium judicio absolutus,
Illatam injuste necem, pie fortiterque excepit
Ulyssipone, die XXI
Septembris anno Domini 1761, ætatis suæ 72.
Post an-
nos prope 40 Lusitaniæ saluti unice impensos.

XXIII

Os perseguidores de Malagrida

Decorridos dez annos sobre o supplicio de Malagrida, ainda o odio do seu perseguidor ia procurar a victima no tumulo.

O famoso opusculo do padre Malagrida, *Juizo sobre as causas do terremoto de 1755,* tinha muito quem o lêsse ainda em Lisboa. Pombal, vendo com irritação o profundo abalo que a leitura do folheto fazia nos espiritos honestos, só descansou quando pôde prescrever a obra com os seus artificios. Obteve pois do credulo monarcha, um edita mandando que o livro fosse queimado pela mão do carrasco.

Debalde, porém, cuidára o marquez que ajuntava mais uma ignominia á memoria do veneravel apostolo. Dignou-se Deus mostrar a toda a luz, a innocencia do seu servo. E' caso verdadeiramente digno de nota, que todos os que participaram do assassi-

nio juridico de Malagrida, experimentaram já n'este mundo os effeitos da justiça divina.

Ditosos seriam se podessem conhecer a mão que os feria!

A sentença que relaxava Malagrida ao braço secular era assignada por Paulo de Carvalho de Mendonça, João Mancilha, e Nuno Alvares Pereira. Todos trez tiveram morte miseravel.

Já vimos como o marquez de Pombal elevára seu irmão Paulo ao cargo de inquisidor geral, contra todas as regras de direito e de justiça; queria tambem obter para este irmão, em demasia condescendente, a dignidade de cardeal; já o papa Clemente XIV tinha expedido cartas em que concedia a purpura romana ao protegido do ministro; mas, antes que o breve chegasse a Lisboa, morreu Paulo de Carvalho de morte subita.

O inquisidor Nuno Alvares Pereira, no dia da execução de Malagrida, dera um esplendido jantar, em signal de jubilo. Pouco tempo depois, foi atacado d'uma molestia grave, triste consequencia das suas devassidões.

Em poucos dias, o seu corpo era um esterquilinio, exhalando um fedor intoleravel. Desamparado de amigos e até de creados, ficou só com elle uma mulher desde muito sua consocia na libertinagem. No entanto peiorou a olhos vistos, e chegou ás ultimas. Deliberaram então levar-lhe de casa a desgraçada cumplice para salvar ao menos as apparencias, e ministrar-lhe os ultimos sacramentos. Mas

o miseravel, que desde o começo da enfermidade raivava desesperado, e não quizera saber nunca de confissão, presistiu impenitente até ao derradeiro suspiro. Dilacerado pelos remorsos, preza de bem fundados terrores, expirou escabujando furioso, com todos os symptomas de precito.

João Mancilha, que as intrigas de Pombal elevaram a provincial dos dominicos, não foi menos punido pela justiça divina. Logo que morreu D. José I, a rainha D Maria, que lhe succedeu, fez prender o condescendente inquisidor. Levado perante uma commissão nomeada para o julgar, foi convencido de toda a casta de crime, e comdemnado á morte; mas a rainha lhe perdoou, commutando-lhe a pena em prisão perpetua no convento de Pedrogão, distante de Lisboa.

Hão-de lembrar-se da falsa testemunha que impoz a Malagrida accusações infames. Poucos mezes depois, o scelerado cegou, e expiou em longos soffrimentos suas abominaveis calumnias.

Pelo que respeita ao impostor Norbert, não nos deteremos com a historia bastante notoria d'esse vil aventureiro.

Bastar-nos-ha o que d'elle disse o bispo de Sisteron na sua pastoral de 24 de abril de 1745: «O capuchinho Norbert, é um rebelde, sedicioso, obsecado pelo orgulho e mentecapto; é um homem atrevido, que nunca teve espirito de vocação; um devasso que é a vergonha de seus confrades, um demente que se manifesta a cada hora por novas ex-

travagancias; um rebelde que formalmente protesta não reconhecer superior, nem ecclesiastico, nem secular; coração retrincado sem viso de honestidade ou boa fé, espirito perigoso que nunca se deve perder de vista; emfim é um homem capaz de tudo.» O ex-capuchinho Norbert, tambem conhecido pelo nome de abbade Platel, sobreviveu longo tempo áquelle retrato nada lisongeiro, mas fiel. O seu procedimento foi igual até á morte, em 1770, correspondendo no modo como morreu, á maneira como viveu.

Porém, o genio máu, cujos traços a cada passo se topam intervindo n'essa immensa iniquidade, foi o marquez de Pombal. A hora da vingança celeste bateu tambem para o ministro orgulhoso, e terriveis foram suas vinganças.

Forçado a demitir-se de secretario de Estado, despojado de todos os empregos, reduzido á condição de simples particular, e banido da capital, o marquez retirou-se para a villa que lhe dera o titulo.

Um grito de vingança resoou contra elle de todos os pontos de Portugal. Mais de oitocentas victimas restituidas á liberdade pediam justiça! Citado ao mesmo tribunal onde tinha feito condemnar tantos innocentes, o velho ministro chegou a saber que contra elle se projectava a sentença de morte, mas a rainha, por compaixão da sua velhice de oitenta annos, lhe perdoou, mais piedosa do que elle fôra com Malagrida. Desterrado para Pombal, ahi arrastou vida miseravel, até aos 83 annos. Oxalá que aproveitasse na queda, chorando os seus crimes! Mas,

eivado das doutrinas impias dos philosophos do seculo dezoito, já no leito da morte despresou os confortos da religião.

Não ha muitos annos (era em 1829) que os filhos da Companhia resurgida entravam em Portugal, como predissera Malagrida. Por onde quer que passaram receberam-os em triumpho os catholicos habitantes do reino fidelissimo. Os vigarios sahiam-lhes ao encontro nos limites de suas parochias, e os acompanhavam até ao territorio da parochia visinha.

Os sinos, as girandolas, as musicas, os arcos triumphaes, nada esqueceu. D'este modo, os sucessores de Malagrida, por entre acclamações festivas do povo, chegaram a Pombal, antiga residencia do ministro de estado.

«Por effeito verdadeiramente extravagante das pai-«xões humanas, e por uma cadêa de conjuncturas «inexplicaveis, o corpo do perseguidor da Compa-«nhia, jazia ainda em Pombal sem sepultura.

«Os despojos do celeberrimo ministro tinham si-«do fechados em um pobre esquife, coberto com um «máu pedaço de panno preto, e posto á entrada de «uma capella pertencente aos franciscanos. Pombal, «apezar dos 800 mil ducados que confessou ter gas-«to na extinção dos jezuitas, e apezar das restitui-«ções a que foi condemnado, tinha legado farta ri-«queza á sua numerosa familia, para que podesse

«erigir-lhe magnifico moimento na sua terra de «Oeiras. Mas nunca seus herdeiros poderam obter «a permissão de o transferir. O primeiro estorvo, «foi o ministro que lhe succedeu, e assim se vin«gava de uma recusação da mesma natureza que o «marquez de Pombal lhe fizera.

«Mas depois d'esta epocha, não póde explicar-se, «sem especial disposição da Providencia, como o ca«daver do anniquillador da companhia podesse es«tar insepulto, como para n'este estado esperar, na «estrada de Lisboa a Coimbra, que a mesma com«panhia voltasse. Com certeza não previra elle isto, «quando disse: «Ella voltará, mas hade-lhe ser dif«ficil fazer ninho.» Não se faz idéa da impressão que «este encontro fez no espirito dos padres: confes«sam nunca ter experimentado sensação mais forte «do que sentiram ao avisinharem de Pombal, e mór«mente quando entraram na capella, e ouviram di«zer: eis-aqui o seu tumulo.

«O padre superior (era o padre Delvaux, cujas «palavras temos a honra de citar terminando este «livro), representando em Portugal a companhia, in«tendeu cumprir seus deveres, esquivando-se ás «acclamações do povo, para ir á igreja dos francis«canos, e ahi, profundamente recolhido, em frente «do corpo do marquez de Pombal, rezar uma mis«sa de defuntos pelo descanso de sua alma.»

Tal foi a derradeira vingança dos irmãos e successores de Malagrida.

FIM

INDICE